J. Herculano Pires

Mediunidade

Conceituação da Mediunidade
e
Análise geral dos seus problemas atuais

Conteúdo resumido

Este livro é uma exposição dos problemas mediúnicos, baseada na experiência pessoal de Herculano Pires como trabalhador e dirigente espírita durante longos anos, orientando-se nos seus meandros pela bússola de Kardec, a única realmente válida e aprovada pelo Espírito da Verdade, que simboliza a Sabedoria Espiritual junto à Sabedoria Humana.

Nesta obra o autor estuda todos os tipos de mediunidade, inclusive a mediunidade zoológica. Trata também dos problemas da desobsessão e do vampirismo.

Sumário

Introdução

“Mediunidade é a faculdade humana, natural,
de relações entre homens e espíritos.”

HERCULANO, o *metro* que melhor mediu Kardec, como diz Emmanuel, através da mediunidade de Chico Xavier, explica nesse livro como o fenômeno mediúnico é natural.

O trabalho de Herculano é baseado na teoria e na prática. O embasamento teórico é produto de uma vida de estudos dos livros básicos de Kardec e, no caso do “Mediunidade”, do estudo e reflexão d’*O Livro dos Médiuns* (Kardec).

A prática, nessa encarnação, surge de uma vida dedicada ao trabalho de assistência a encarnados e desencarnados necessitados, na “mesa da caridade”, como explica Herculano, nos trabalhos de esclarecimento realizados com a preparação feita através da leitura e explicação dos livros escritos pelo mestre de Lion, Kardec, e com a prática mediúnica.

O mestre de Herculano, Kardec, diz que, se o fenômeno mediúnico é constante em nossas vidas, se a comunicação entre encarnados e desencarnados ocorre naturalmente devido à ligação telepática, há que estudá-la e aproveitá-la, evitando os prejuízos da telepatia com os desequilibrados. Mas se não é por acaso que nos ligamos ao desequilíbrio, os seres humanos que formaram grupo no erro devem agora unir os esforços na educação libertadora pela compreensão da Verdade ensinada através dos séculos por irmãos mais velhos e vivenciada por Jesus.

Herculano, discípulo fiel de Kardec, explica a mediunidade estática, que é essa interação constante entre encarnados e desencarnados, e a dinâmica, que é o compromisso mediúnico.

Navegamos nas águas tranqüilas da mediunidade compreendendo que somos construtores do nosso destino hoje e sempre, ou nos perdemos sem o auxílio da Casa Espírita “como um barco à deriva”, como diz o pai Herculano.

Com simplicidade e com a autoridade intelectual e moral conquistada através de um trabalho magnífico na divulgação da Doutrina Espírita, o professor Herculano nos convida a entender que, como dizia Kardec, queiramos ou não, estamos sempre recebendo e enviando pensamentos de encarnado para encarnado e de encarnado para desencarnado.

Para viver bem precisamos pensar bem e auxiliar nossos irmãos em sofrimento a conseguirem o atendimento de que necessitam no mundo espiritual graças ao esclarecimento da “mesa da caridade”.

Mediunidade é apenas comunicação; aprendamos a sintonizar com as luzes...

Heloísa Ferraz Pires

Questões Iniciais

A situação atual do problema mediúnico, nesta fase de acelerada transição da vida terrena, exige novos estudos e atualizadas reflexões sobre a Mediunidade. As descobertas científicas do nosso tempo, especialmente na Física, na Psicologia e na Biologia, confirmaram decisivamente a teoria espírita da Mediunidade, a ponto de interessarem os próprios cientistas soviéticos pela obra do racionalista francês Allan Kardec, segundo as informações procedentes da URSS. As teorias parapsicológicas, confirmadas pelas mais rigorosas experiências de laboratório, pareciam inicialmente contraditar os conceitos espíritas, firmados em meados do século passado e por isso mesmo suspeitos de insuficiência. Todos os fenômenos mediúnicos reduziam-se ao plano mental, a ponto de substituir-se as palavras *alma* e *espírito* pela palavra *mente*. Instituía-se um mentalismo psicofisiológico que ameaçava todas as concepções espiritualistas do homem.

Durou pouco essa ameaça. Após dez anos de pesquisas repetitivas sobre os fenômenos mais simples, como clarividência e telepatia, outros fenômenos, mais complexos e profundos, impuseram-se à atenção dos cautelosos pesquisadores, que começaram a levantar, sem querer, as pontas do Véu de Ísis. Num instante a invasão das áreas universitárias da América e da Europa, com repercussões imediatas nos grandes centros culturais da Ásia, pelos fenômenos de aparições, vidência, manifestações tiptológicas e de levitação de objetos sem contato, bem como os de precognição e retrocognição, levaram o Prof. Joseph Banks Rhine, da Universidade de Duke (EUA) a proclamar, com dados experimentais de inegável significação, que o pensamento não é físico, o mesmo se aplicando à mente. Rhine se expunha ao temporal de críticas e ironias, expondo a Parapsicologia à excomunhão cultural. Vassiliev, da Universidade de Leningrado, propôs-se a provar o contrário, através de uma série de experiências, mas não o conseguiu. Desencadeou-se então, no mundo, o que a *Encyclopaedia Britannica* chamou de *psychic-boom*, uma explosão psíquica mundial. Os fenômenos mediúnicos conseguiram, afinal, a cidadania científica que as Academias lhe haviam negado. Parodiando uma expressão de Kardec sobre o hipnotismo, repudiado durante anos pela Academia Francesa, podemos dizer que a Mediunidade, não podendo entrar nas Academias pela porta da frente, entrou pela porta da cozinha, ou seja, dos laboratórios.

O reconhecimento científico da realidade dos fenômenos mediúnicos afetou beneficamente o Espiritismo, mas trouxe-lhe também algumas desvantagens. Muitos espíritas se deslumbraram com o fato e julgaram-se capazes, embora sem o necessário preparo, de criticar e reformar Kardec, o vencedor, como se fosse um derrotado. Com isso pulularam as inovações teóricas e práticas no Espiritismo, aturdindo particularmente os iniciantes, que afluíram em massa às instituições doutrinárias. O que daí por diante se publicou, em jornais, revistas, folhetos e livros, a pretexto de ensinar Espiritismo e Mediunidade, foi uma avalanche de pretensões vaidosas e absurdos desmedidos. Por toda parte surgiram os profetas da nova era científico-espírita, além do charlata-

nismo interesseiro e ganancioso dos professores contrários à doutrina, que se julgavam mais capazes de refutar Rhine do que o veterano Vassiliev. Hoje ainda perduram as confusões a respeito. Afirma-se tudo a respeito da Mediunidade: é uma manifestação dos poderes cerebrais do homem, esse computador natural que pode programar o mundo; é uma eclosão dos resíduos animais de percepção sem controle de órgãos sensoriais específicos; é uma energia ainda desconhecida do córtex cerebral, mas evidentemente física (Vassiliev); é um despertar de novas energias psicobiológicas do homem, no limiar da era cósmica; é o produto do inconsciente excitado; é uma forma ainda não estudada da sugestão hipnótica. Ninguém se lembra da explicação simples e clara de Kardec: é uma faculdade humana.

Procuramos demonstrar, neste livro, o que é em essência essa faculdade, como funciona em nosso corpo e em relação com o mundo, os homens e os espíritos. Analisamos o seu papel nos casos de obsessão e desobsessão, sua importância na vida diária e suas implicações psicológicas, sociológicas e antropológicas e assim por diante. A função decisiva da Mediunidade na evolução humana, desde a selva até a civilização, já estudamos no livro *O Espírito e o Tempo*, mas aqui a revemos na situação de conjunto do texto. Apoiamo-nos nas obras de Kardec, nas conquistas atuais da Parapsicologia, da Física, da Biologia e da Biofísica, sem outro objetivo que o de mostrar as relações dessas conquistas recentes com a estrutura geral da Doutrina Espírita. Apoiamo-nos também em nossas experiências pessoais de quase toda uma vida no trato dos problemas espíritas em geral e da mediunidade em particular, na observação e tratamento de casos de obsessão, no trato direto e vivencial de casos obsessivos na família e em nós mesmos, nas observações de tratamentos em hospitais espíritas e nas instituições doutrinárias. Não teorizamos sobre esses casos, procurando apenas expor o que vimos e sentimos, de maneira a dar o quadro funcional dos processos, segundo a nossa percepção íntima, nos termos da observação psicológica subjetiva e das experiências objetivas. Não fazemos doutrina, procuramos apenas esclarecer, na medida do possível, as questões mais difíceis da teoria e da prática espíritas, hoje conturbadas por verdadeiras aberrações de pessoas inconscientes, que, demasiado confiantes em si mesmas, tripudiam sobre os princípios fundamentais do Espiritismo. É verdade que todos têm o direito de ter suas idéias, suas opiniões, e até mesmo de expor seus possíveis sistemas. Mas ninguém tem o direito de fazer dessas coisas, dessas interpretações ou visões pessoais, elementos capazes de integrar-se numa doutrina rigorosamente científica. Agem com leviandade e imprudência os que desejam transformar as suas opiniões em novas leis da Ciência Espírita. A evolução desta, o seu desenvolvimento real – só podem ser realizados em termos de pesquisa científica e análise filosófica, por criaturas lúcidas, equilibradas, conscientes de suas possibilidades e seus limites, conhecedoras das exigências do processo científico. Fora dessas condições só poderemos desfigurar a doutrina e ridicularizá-la aos olhos das pessoas de bom-senso e culturalmente capacitadas.

Este livro não é nem pretende ser considerado como um tratado de mediunidade. Longe disso, é uma exposição dos problemas mediúnicos por alguém que os viveu e vive, orientando-se nos seus meandros pela bússola de Kardec, a única realmente válida e aprovada pelo Espírito da Verdade, que simboliza a Sabedoria Espiritual junto à Sabedoria Humana. Os que não compreendem a necessidade dessa conjugação para o trato eficaz dos problemas espirituais não estão aptos a tratar de Espiritismo. Enganam-se a si mesmos ao se considerarem mestres do que não conhecem. O Espiritismo é uma doutrina que abrange todo o Conhecimento Humano, acrescentando-lhe as dimensões espirituais que lhe faltam para a visualização da realidade total. O Mundo é o seu objeto, a Razão é o seu método e a Mediunidade é o seu laboratório.

Capítulo 1
Conceito de Mediunidade

Médium quer dizer medianeiro, intermediário. Mediunidade é a faculdade humana, natural, pela qual se estabelecem as relações entre homens e espíritos. Não é um poder oculto que se possa desenvolver através de práticas rituais ou pelo poder misterioso de um iniciado ou de um guru. A Mediunidade pertence ao campo da comunicação. Desenvolve-se naturalmente nas pessoas de maior sensibilidade para a captação mental e sensorial de coisas e fatos do mundo espiritual que nos cerca e nos afeta com as suas vibrações psíquicas e afetivas. Da mesma forma que a inteligência e as demais faculdades humanas, a Mediunidade se desenvolve no processo de relação. Geralmente o seu desenvolvimento é cíclico, ou seja, processa-se por etapas sucessivas, em forma de espiral. As crianças a possuem, por assim dizer, à flor da pele, mas resguardada pela influência benéfica e controladora dos espíritos protetores, que as religiões chamam de anjos da guarda. Nessa fase infantil as manifestações mediúnicas são mais de caráter anímico; a criança projeta a sua alma nas coisas e nos seres que a rodeiam, recebem as intuições orientadoras dos seus protetores, às vezes vêem e denunciam a presença de espíritos e não raro transmitem avisos e recados dos espíritos aos familiares, de maneira positiva e direta ou de maneira simbólica e indireta. Quando passam dos sete ou oito anos integram-se melhor no condiciona-mento da vida terrena, desligando-se progressivamente das relações espirituais e dando mais importância às relações humanas. O espírito se ajusta no seu escafandro para enfrentar os problemas do mundo. Fecha-se o primeiro ciclo mediúnico para, a seguir, abrir-se o segundo. Considera-se então que a criança não tem mediunidade, a fase anterior é levada à conta da imaginação e da fabulação infantis.

É geralmente na adolescência, a partir dos doze ou treze anos, que se inicia o segundo ciclo. No primeiro ciclo só se deve intervir no processo mediúnico com preces e passes, para abrandar as excitações naturais da criança, quase sempre carregadas de reminiscências estranhas do passado carnal ou espiritual. Na adolescência o seu corpo já amadureceu o suficiente para que as manifestações mediúnicas se tornem mais intensas e positivas. É tempo de encaminhá-la com informações mais precisas sobre o problema mediúnico. Não se deve tentar o seu desenvolvimento em sessões, a não ser que se trate de um caso obsessivo. Mas mesmo nesse caso é necessário cuidado para orientar o adolescente sem excitar a sua imaginação, acostumando-o ao processo natural regido pelas leis do crescimento. O passe, a prece, as reuniões para estudo doutrinário são os meios de auxiliar o processo sem forçá-lo, dando-lhe a orientação necessária. Certos adolescentes integram-se rápida e naturalmente na nova situação e se preparam a sério para a atividade mediúnica. Outros rejeitam a mediunidade e procuram voltar-se apenas para os sonhos juvenis. É a hora das atividades lúdicas, dos jogos e esportes, do estudo e aquisição de conhecimentos gerais, da integração mais completa na realidade terrena. Não se deve forçá-los, mas apenas estimulá-los no tocante aos ensinos espíritas. Sua

mente se abre para o contato mais profundo e constante com a vida do mundo. Mas ele já traz na consciência as diretrizes próprias da sua vida, que se manifestarão mais ou menos nítidas em suas tendências e em seus anseios. Forçá-lo a seguir um rumo que repele é cometer uma violência de graves conseqüências futuras. Os exemplos dos familiares influem mais em suas opções do que os ensinos e as exortações orais. Ele toma conta de si mesmo e firma a sua personalidade. É preciso respeitá-lo e ajudá-lo com amor e compreensão. No caso de manifestações espontâneas da mediunidade é conveniente reduzi-las ao círculo privado da família ou de um grupo de amigos nas instituições juvenis, até que sua mediunidade se defina, impondo-se por si mesma.

O terceiro ciclo ocorre geralmente na passagem da adolescência para a juventude, entre os dezoito e vinte e cinco anos. É o tempo, nessa fase, dos estudos sérios do Espiritismo e da Mediunidade, bem como da prática mediúnica livre, nos centros e grupos espíritas. Se a mediunidade não se definiu devidamente, não se deve ter preocupações. Há processos que demoram até a proximidade dos 30 anos, da maturidade corporal, para a verdadeira eclosão da mediunidade. Basta mantê-lo em ligação com as atividades espíritas, sem forçá-lo. Se ele não revela nenhuma tendência mediúnica, o melhor é dar-lhe apenas acesso a atividades sociais ou assistenciais. As sessões de educação mediúnica (impropriamente chamadas de desenvolvimento) destinam-se apenas a médiuns já caracterizados por manifestações espontâneas, portanto já desenvolvidos.

Há ainda um quarto ciclo, correspondente a mediunidades que só aparecem após a maturidade, na velhice ou na sua aproximação. Trata-se de manifestações que se tornam possíveis devido às condições da idade: enfraquecimento físico, permitindo mais fácil expansão das energias perispiríticas; maior introversão da mente, com a diminuição de atividades da vida prática, estado de apatia neuropsíquica, provocado pelas mudanças orgânicas do envelhecimento. Esses fatores permitem maior desprendimento do espírito e seu relacionamento com entidades desencarnadas. Esse tipo de mediunidade tardia tem pouca duração, constituindo uma espécie de preparação mediúnica para a morte. Restringe-se a fenômenos de vidência, comunicação oral, intuição, percepção extra-sensorial e psicografia. Embora seja uma preparação, a morte pode demorar vários anos, durante os quais o espírito se adapta aos problemas espirituais com que não se preocupou no correr da vida. Esses fatos comprovam o conceito de mediunidade como simples modalidade do relacionamento homem-espírito. Kardec lembra que o fato de o espírito estar encarnado não o priva de relacionar-se com os espíritos libertos, da mesma maneira que um cidadão encarcerado pode conversar com um cidadão livre através das grades. Não se trata das conhecidas visões de moribundos no leito mortuário, mas de típico desenvolvimento tardio de mediunidade que, pela completa integração do indivíduo na vida carnal, imantado aos problemas do dia-a-dia, não conseguiu aflorar. A sua manifestação tardia lembra o adágio de que os extremos se tocam. A velhice nos devolve à proximidade do mundo espiritual, em posição semelhante à das crianças.

Na verdade, a potencialidade mediúnica nunca permanece letárgica. Pelo contrário, ela se atualiza com mais freqüência do que supomos, passa de potência a ato em diversos momentos da vida, através de pressentimentos, previsões de acontecimentos simples, como o encontro de um amigo há muito ausente, percepções extra-sensoriais que atribuímos à imaginação ou à lembrança e assim por diante. Vivemos mediunicamente, entre dois mundos e em relação permanente com entidades espirituais. Durante o sono, como Kardec provou através de pesquisas ao longo de mais de dez anos, desprendemo-nos do corpo que repousa e passamos ao plano espiritual. Nos momentos de ausência psíquica de distração, de cochilo, distanciamo-nos do corpo rapidamente e a ele retornamos como o pássaro que voa e volta ao ninho. A Psicologia procura explicar esses lapsos fisiologicamente, mas as reações orgânicas a que atribui o fato não são causa e sim efeito de um ato mediúnico de afastamento do espírito. Os estudos de Hipnotismo comprovam isso, mostrando que a hipnose interfere constantemente em nossa vigília, fazendo-nos dormir em pé e sonhar acordados, como geralmente se diz. A busca científica de uma essência orgânica da mediunidade nunca deu nem dará resultados, porque a mediunidade tem sua essência na liberdade do espírito.

Chegando a este ponto podemos colocar o problema em termos mais precisos: *a mediunidade é a manifestação do espírito através do corpo*. No ato mediúnico tanto se manifesta o espírito do médium como um espírito ao qual ele atende e serve. Os problemas mediúnicos consistem, portanto, simplesmente na disciplinação das relações espírito-corpo. É o que chamamos de educação mediúnica. Na proporção em que o médium aprende, como espírito, a controlar a sua liberdade e a selecionar as suas relações espirituais, sua mediunidade se aprimora e se torna segura. Assim, o bom médium é aquele que mantém o seu equilíbrio psicofísico e procede na vida de maneira a criar para si mesmo um ambiente espiritual de moralidade, amor e respeito pelo próximo. A dificuldade maior está em se fazer o médium compreender que, para tanto, não precisa tornar-se santo, mas apenas um homem de bem. Os objetivos de santidade perseguidos pelas religiões, através dos milênios, gerou no mundo uma expectativa incômoda para todos os que se dedicam aos problemas espirituais. Ninguém se torna santo através de sufocação dos poderes vitais do homem e adoção de um comportamento social de aparência piedosa. O resultado disso é o fingimento, a hipocrisia que Jesus condenou incessantemente nos fariseus, uma atitude permanente de condescendência e bondade que não corresponde às condições íntimas da criatura. O médium deve ser espontâneo, natural, uma criatura humana normal, que não tem motivos para se julgar superior aos outros. Todo fingimento e todo artifício nas relações sociais leva os indivíduos à falsidade e à trapaça. A chamada reforma íntima esquematizada e forçada não modifica ninguém, apenas artificializa enganosamente os que a seguem. As mudanças interiores da criatura decorrem de suas experiências na existência, experiências vitais e consciências que produzem mudanças profundas na visão íntima do mundo e da vida.

Essa colocação dos problemas mediúnicos sugere um conceito da mediunidade que nos leva às próprias raízes do Espiritismo. A Mediunidade nos aparece como o fundamento de toda a realidade. O momento do *fiat*, da Criação do Cosmos, é um ato mediúnico. Quando o espírito estrutura a matéria para se manifestar na Criação, constrói o elemento intermediário entre ele e a realidade sensível ou material. A matéria se torna o médium do espírito. Assim, a vida é uma permanente manifestação mediúnica do espírito que, por ela, se projeta e se manifesta no plano sensível ou material. O Inteligível, que é o espírito, o princípio inteligente do Universo, dá a sua mensagem inteligente através das infinitas formas da Natureza, desde os reinos mineral, vegetal e animal, até o reino hominal, onde a mediunidade se define em sua plenitude. A responsabilidade do Homem, da Criatura Humana, expressão mais elevada do Médium, adquire dimensões cósmicas. Ele é o produto multimilenar da evolução universal e carrega em sua mediunidade individual o pesado dever de contribuir para que a Humanidade realize o seu destino cósmico. A compreensão deste problema é indispensável para que os médiuns aprendam a zelar pelas suas faculdades.

Capítulo 2
Mediunidade Estática

A Mediunidade é uma só, é um todo, mas pode ser encarada em seus vários aspectos funcionais, que são caracterizados como formas variadas de sua manifestação. Kardec a dividiu, para efeito metodológico, em duas grandes áreas bem diferenciadas: a mediunidade de efeitos inteligentes e a mediunidade de efeitos físicos. Essa divisão prevaleceu nas ciências derivadas do Espiritismo. Charles Richet, fundador da Metapsíquica, estabeleceu nessa ciência a divisão das duas áreas com os nomes de *metapsíquica subjetiva* e *metapsíquica objetiva*, correspondendo exatamente à divisão espírita. Na Parapsicologia atual, fundada por Rhine e McDougal, as duas áreas figuram com as denominações de: Psigama (de fenômenos subjetivos ou mentais) e Psicapa (de fenômenos objetivos ou de efeitos físicos). A chamada Ciência Psíquica Inglesa, como a antiga Parapsicologia Alemã, a Psicobiofísica de Schrenk-Notzing e outras várias escolas científicas mantiveram essa divisão, o que prova o acerto metodológico de Kardec. A expressão *médium* também prevaleceu, chegando até mesmo à Parapsicologia Soviética, materialista, que a conserva em suas publicações oficiais. Só alguns ramos científicos sofisticados, como a Metergia e a Psicorragia inventaram substitutivos para a cômoda e clara palavra *médium*, mas que não vulgarizaram. Na Metergia o médium se chama metérgico e na Psicorragia se chama psicorrágico. Palavrões científicos só usados por alguns médiuns pedantes que não querem dizer-se médiuns. As denominações dadas pela Parapsicologia atual não são pedantescas. São simples nomes de letras do alfabeto grego, tradicionalmente empregados nas Ciências para designação de fenômenos. Também não é verdade que a Parapsicologia atual tenha dado outros nomes aos fenômenos para se diferenciar do Espiritismo. O problema é outro: na pesquisa científica não se podem usar designações que impliquem interpretação antecipada do fenômeno. Escolhendo letras gregas para designar os fenômenos a ser investigados, os parapsicólogos usavam palavras neutras, como exige a metodologia científica. Uma questão de método. Apesar desse critério, a palavra sensitivo, por exemplo, escolhida para substituir *médium*, já foi abandonada por vários parapsicólogos, que voltaram à expressão *médium*, como vimos no caso soviético.

A terminologia espírita adotada por Kardec é simples e precisa. Mas no tocante às duas áreas fundamentais dos fenômenos de efeitos inteligentes e efeitos físicos, era necessário um acréscimo. Além dessa divisão fenomênica, havia o problema da divisão funcional. Kardec notou a generalização da mediunidade e os espíritos o socorreram, como se vê em *O Livro dos Médiuns*, com uma especificação curiosa. Temos assim duas áreas de função mediúnica, designadas como *mediunidade generalizada* e *mediunato*. A primeira corresponde à mediunidade natural, que todos os seres humanos possuem, e a segunda corresponde à mediunidade de compromisso, ou seja, de médiuns investidos espiritualmente de poderes mediúnicos para finalidades específicas na encarnação. Como Kardec mencionou a existência de médiuns elétricos e várias vezes comparou a

mediunidade com a eletricidade, surgiu mais tarde entre alguns estudiosos, entre os quais Crawford, a idéia de uma divisão mais explícita, com a designação de *mediunidade estática* e *mediunidade dinâmica*. A primeira corresponde à mediunidade natural que todos possuem e permanece geralmente em estase, com manifestações moderadas e quase imperceptíveis. A segunda corresponde à mediunidade ativa, que exige desenvolvimento e aplicação durante toda a vida do médium.

A falta de conhecimento dessa divisão acarreta dificuldades e inconvenientes na prática mediúnica, particularmente nos trabalhos de Centros e Grupos. A mediunidade estática não é propriamente uma forma de energia que permanece no organismo corporal em estado letárgico. É simplesmente a disposição natural do espírito para expandir-se, projetar-se e entrar em relação com outros espíritos. A Parapsicologia atual confirmou a tese espírita das relações telepáticas permanentes na vida social. Nossa mente funciona, segundo acentua John Ehrenwald em seu estudo sobre relações interpessoais, como ativo centro emissor e receptor de pensamentos. Estamos sempre conversando sem o perceber. Muitos dos nossos monólogos são diálogos com outras pessoas ou com espíritos. Mensagens de Emmanuel e André Luiz, através de Chico Xavier, referem-se a inquirições mentais que certos espíritos nos fazem, seja para avaliar o nosso estado mental e ajudar-nos a corrigi-lo, seja para fins obsessivos. Um obsessor se aproxima de nós e sugere mentalmente o nome ou a figura de uma pessoa. Começamos a pensar nessa pessoa e a desfilar na mente os dados que possuímos sobre ela. O obsessor insiste e nós, sem percebermos, vamos lhe dando a ficha da pessoa ou as nossas opiniões sobre ela. Ajudamos o obsessor sem saber. De outras vezes ele pretende saber qual é a nossa posição em determinado caso de desentendimento a respeito de um seu amigo. Nós a revelamos e ele passa a envolver-nos num processo obsessivo. Por isso Jesus aconselhou: "Vigiai e orai". Devemos vigiar os nossos pensamentos e orar por aqueles que consideramos em erro. Se fizermos assim certamente nos livraremos de muitas perturbações e muitos aborrecimentos desnecessários. Os solilóquios do homem são sempre observados pelas testemunhas invisíveis, boas e más, que nos cercam. A mediunidade estática funciona como imanente em nosso psiquismo. Faz parte da nossa natureza, não é uma graça nem uma prova, é um elemento essencial da nossa constituição humana.

Recorrem às casas espíritas muitas pessoas perturbadas e até mesmo obsedadas, que em geral são consideradas como médiuns em fase de desenvolvimento. Muitas delas são apenas vítimas de perseguição de espíritos inferiores, resultantes de inquirições mentais. Por esse ou outros motivos, essas criaturas estão realmente envolvidas num processo de obsessão, mas não são médiuns em desenvolvimento. Precisam de passes, de participação nas sessões, mas não de sentar-se à mesa mediúnica para desenvolver mediunidade. Essas pessoas, tratadas devidamente, livram-se da obsessão, mas não revelam mais os sintomas mediúnicos decorrentes da obsessão. Essas pessoas não estão investidas de mediunato, não precisam e nem podem desenvolver a sua mediunidade estática. Esta lhe serve para guiar-se na vida através de intuições e

percepções extra-sensoriais. A obsessão ocasional, por sua vez, serviu para aproximá-la do Espiritismo, despertar-lhe ou reanimar-lhe o sentimento religioso, encaminhá-la num sentido mais elevado em sua maneira de viver, na busca de sintonias mentais benéficas e não prejudiciais.

As pessoas não dotadas de mediunato não estão desprovidas dos recursos mediúnicos. Pelo contrário, podem ser muito sensíveis e intuitivas, dispondo de percepções eficazes em todas as circunstâncias. Os dirigentes de sessões não podem esquecer esse problema, que lhes evitará muitos enganos no trato das manifestações mediúnicas. As obsessões não são produzidas apenas por espíritos. Há muitos casos de obsessões telepáticas, provocadas por pessoas vivas. Kardec tratou desses casos referindo-se à telepatia como *telegrafia humana*. Sentimentos de aversão, de ódio, de vingança, acompanhados de pensamentos agressivos, podem dar a impressão de verdadeiros processos de obsessão por espíritos inferiores. Estes geralmente se envolvem em tais casos e manifestam-se nas sessões com suas costumeiras bravatas, passando como os responsáveis por perturbações em que apenas se intrometeram. Eliminando o processo telepático, esses espíritos se afastam, sentem-se impotentes para prosseguir na temerária empreitada. O Dr. Ehrenwald relata um caso da sua clínica psicanalítica, em que um rapaz era rejeitado pelos companheiros de pensão. A rejeição era oculta, pois todos fingiam apreciá-lo. Só a pesquisa do médico provou o que se passava. Afastando o paciente para outro meio, os sintomas obsessivos desapareceram gradualmente, na proporção em que os algozes o esqueciam. Esse famoso médico psicanalista, diante de casos dessa ordem, propôs a ampliação dos métodos de pesquisa parapsicológica com acréscimo dos métodos significativos da Psicologia dos métodos qualitativos da pesquisa espírita. Havia realmente chegado a hora em que a Parapsicologia atual devia superar o primarismo dos métodos de investigação puramente quantitativos, sob controle estatístico, para enfrentar o problema das conseqüências da ação telepática no meio social. Posteriormente a Profª Louise Rhine, esposa e colaboradora do Prof. Rhine, publicava seu livro *Os Canais Ocultos da Mente*, relatando pesquisas de campo sobre os fenômenos paranormais. Alegava que as pesquisas de laboratório eram demasiadamente frias e despojavam os fenômenos de sua riqueza emocional e seu significado. O livro da Senhora Rhine apresenta uma seqüência impressionante de casos essencialmente espíritas.

Todos os rios levam suas águas para o mar. Todas as ciências psíquicas desembocam fatalmente no delta do Espiritismo. Não podemos desprezar as suas pesquisas e as suas conclusões. Os parapsicólogos verdadeiros, que são cientistas universitários, não devem ser confundidos com sacerdotes inconscientes que apresentam ao público uma deformação sectária e intencional da Parapsicologia. Esses padres, frades e pastores que tripudiam sobre a ignorância e a ingenuidade do povo, são acionados por interesses materiais evidentes e por entidades espirituais inferiores, que servem da mediunidade estática deles mesmos para levá-los a campanhas inglórias e a explorações deploráveis da boa-fé dos fiéis. Mas a verdade é que estão nas malhas da mediunidade que negam e combatem. A mediunidade

estática dorme nas suas próprias entranhas, à espera de que se tornem capazes de percebê-la e compreendê-la.

Na linha natural dos processos de percepção, a mediunidade estática aflora, às vezes, dadas as circunstâncias favoráveis, numa eclosão semelhante ao desenvolvimento mediúnico. Há casos de premonição que surgem de perigo eventual, casos de vidência passageira, que parecem sintomas de mediunato em eclosão. É difícil saber-se de imediato, o que se passa, principalmente em virtude do estado emocional dos pacientes. Mas basta uma observação paciente, com a freqüência a sessões mediúnicas, para logo se verificar que se trata apenas de ocorrências isoladas e ocasionais. A mediunidade estática tende sempre a voltar à sua acomodação no psiquismo normal. O que às vezes complica essas ocorrências passageiras é a insistência no desenvolvimento mediúnico ou as aplicações terapêuticas de choques e dosagens excessivas de drogas nos receituários médicos.

Capítulo 3
Mediunidade Dinâmica

A mediunidade dinâmica não permanece em êxtase no organismo do médium. Não age de maneira discreta e sutil, como a mediunidade estática. Pelo contrário, extravasa agitada em fenômenos de captação e projeção, não raro explodindo em casos obsessivos. É a chamada *mediunidade de serviço*, destinada ao auxílio e ao socorro do próximo. Decorre de compromissos assumidos no plano espiritual, seja para auxiliar indiscriminadamente os que necessitam de ajuda e orientação, seja para o resgate de dívidas morais do passado com entidades necessitadas, cujo estado inferior se deve, em parte ou totalmente, a ações do médium em vidas anteriores. O médium não desfruta apenas as vantagens da mediunidade generalizada, pois vê-se investido de uma missão mediúnica a que os Espíritos deram o nome de mediunato. A situação do médium é bem diferente da comum. Ele é continuamente solicitado para atender a entidades desencarnadas carentes de auxílio e elucidação. Se rejeita o seu compromisso ou tenta protelá-lo fica sujeito a perturbações e finalmente à obsessão. O mediunato lhe foi concedido para reparar os erros do passado e recuperar os espíritos que pôs a perder, levou à descrença e até mesmo à revolta em vidas passadas. Não obstante o determinismo implícito no mediunato, o seu livre-arbítrio continua intacto. Assim como escolheu e pediu essa situação ao voltar à encarnação, por sua livre vontade, assim também poderá agora optar pelo cumprimento da missão ou pela sua rejeição, arcando naturalmente com as conseqüências da fuga ao dever.

O mediunato é também concedido em casos de pura assistência ao próximo e ajuda à Humanidade, como nos mostra o exemplo histórico das meninas Boudin, Julia e Carolina, em Paris, cuja mediunidade admirável garantiu o êxito da missão de Kardec. Mas o próprio Kardec não era médium, porque a sua missão era científica e não mediúnica. Cabia-lhe estudar e pesquisar a mediunidade para desdobrar a incipiente cultura terrena, revelando aos cientistas a face oculta da Natureza, a realidade desconhecida do *outro mundo* que eles não percebiam e quando percebiam não aceitavam. As meninas Boudin, que estavam com apenas 14 e 16 anos, foram os instrumentos mediúnicos de que ele se serviu para a elaboração da Doutrina. Interrogava os espíritos através delas, aceitava ou rejeitava o que diziam, discutia livremente com eles e observava outros médiuns, como a Srta. Jafet, Didier Filho, Camille Flammarion, Victorien Sardou e muitos outros. Não era um profeta, nem um vidente ou Messias: era um pesquisador incansável e exigente. A volumosa, minuciosa e inabalável obra que deixou, formando um maciço de mais de vinte volumes de quatrocentas páginas em média, mostra porque ele não podia dispor de um mediunato. Tinha de dedicar-se inteiramente, como se dedicou até à exaustão, ao trabalho intelectual. E grandiosa a epopéia humilde desse homem, pesquisador solitário de uma ciência que todos combatiam e ridicularizavam. Se não estava investido de mediunato, dispunha da intuição em alto grau, de um bom-senso que lhe permitiu solidificar e estruturar a doutrina em bases seguras

e vencer facilmente as mais sofisticadas investidas dos intelectuais, dos sábios, dos ateus e materialistas, das academias e instituições culturais, das igrejas e dos teólogos, mostrando-lhes com serenidade e clareza meridiana os erros temerários em que incidiam. A mediunidade estática lhe permitia, nos últimos anos de trabalho, ser advertido diretamente pelos espíritos de lapsos ocorridos em seus escritos, como se pode ver em suas anotações publicadas em *Obras Póstumas*. Se os homens não fossem tão estúpidos, como demonstrou Richet em *L'Homme Stupide*, teriam poupado Kardec dos muitos dissabores e das muitas lutas que teve de sustentar.

Para se compreender melhor a razão pela qual Kardec não teve um mediunato, basta lembrar o caso de Swedenborg na Suécia e de Andrew Jakson Davis nos Estados Unidos. O primeiro era um dos maiores sábios do século XVIII, amigo de Kant e foi um precursor do Espiritismo. Mas, dotado de extraordinária vidência, perdeu-se nas suas próprias visões, fascinado pela realidade invisível, e acabou criando uma seita eivada de absurdos. O segundo era também vidente e lançou uma série de livros em que o fantástico supera as possibilidades do real. Kardec pôde realizar seu trabalho com firmeza porque não quis ser mais do que homem, como dizia Descartes, permanecendo com os pés no chão e examinando todas as manifestações espirituais com o mais rigoroso critério científico. Os fenômenos mediúnicos são os mais difíceis de se examinar com frieza. O médium não escapa aos impactos emocionais dessas manifestações, como Kardec viu no próprio exemplo de Flammarion. Por outro lado, a condição de médium o tornaria suspeito aos olhos desconfiados dos homens de ciência. Sua posição firme no campo cultural e nas áreas de pesquisa, que lhe valeram o louvor de Richet e o respeito de Crookes, Zöllner e outros cientistas conscienciosos, e principalmente sua lógica poderosa o livraram dos perigos que ele mesmo apontava no tocante à complexa e fascinante problemática do Espiritismo. Tinha de falar aos homens como homem, e assim o fez, com a linguagem humana dos que buscam a verdade.

Mesmo no meio espírita o critério de Kardec ainda não foi suficientemente compreendido. Muitos censuram o seu comedimento em tratar de assuntos melindrosos da época. Não entendem o valor de *O Livro dos Médiuns* e vivem à procura de novidades apresentadas em obras mediúnicas suspeitas. Não percebem que o problema mediúnico só agora pode ser tratado cientificamente com mais desembaraço, graças ao avanço das ciências nos últimos anos. Poucos entendem o critério modelar de uma obra difícil como *A Gênese* e de um livro como *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, em que as questões explosivas da fé irracional e das influências mitológicas teriam de ser contornadas. Nas mãos de um vidente esses livros não poderiam ser escritos com a clareza racional em que o foram, porque as visões místicas influiriam na sua elaboração.

A vidência, como todas as formas de mediunidade, pode ocorrer ocasionalmente a qualquer pessoa, mas a sua ação permanente, nos casos de mediunato, pode bloquear a razão e excitar o misticismo. Nesses casos o místico está sujeito a enganos fatais. O espírito encarnado está condicionado à vida do plano material, não dispondo de segurança

para lidar com os problemas do plano espiritual. Mas a vaidade humana leva os videntes a confiarem nas suas percepções, pois isso os coloca acima dos outros. No desdobramento, com fins de pesquisa no outro plano, esse problema se agrava, pois o deslocamento do espírito para um campo de ação que não é o seu, durante a encarnação, o coloca no plano espiritual como um estrangeiro que precisaria de tempo para ajustar-se a ele. Por isso Kardec preferiu o estudo e a investigação através das manifestações mediúnicas, onde é possível controlar-se a legitimidade das informações dadas pelos próprios habitantes do plano espiritual.

Richet levantou o problema do condicionamento da vidência à crença do vidente. Frederic Myers demonstrou que a nossa mente está condicionada para a interpretação das percepções sensoriais. A consciência supraliminar, onde funciona a nossa mente de relação, está voltada para as condições do mundo em que vivemos. A consciência subliminar, que equivale ao inconsciente, destina-se a funcionar normalmente na vida futura, ou seja, no plano espiritual. Kardec observou tudo isso com rigor, através de pesquisas incessantes, nas comunicações mediúnicas de espíritos encarnados, como se pode ver nos relatos de suas pesquisas publicados na *Revista Espírita*. Os próprios espíritos recém-desencarnados referem-se sempre às dificuldades que enfrentam para adaptar-se às condições do mundo espiritual. É pois, uma temeridade confiar-se na vidência para estabelecer novos princípios ou sistemas de prática espírita. A vidência auxilia nas pesquisas, mas não pode ser o seu instrumento único. Os videntes que se colocam na posição de conhecedores absolutos do outro mundo, esquecendo-se de que o seu equipamento sensorial e mental pertence a este mundo, e se apresentam na condição de mestres e reformadores da doutrina enganam-se a si mesmos e enganam aos outros.

Pode-se alegar a existência do mediunato da vidência. Mas esse mediunato jamais é concedido para as aventuras de espíritos de vivos no plano espiritual, porque isso seria condenar o médium a uma situação de dualidade perigosa na vida terrena. O mediunato da vidência existe, mas para fins de auxílio às pesquisas ou para demonstrações da verdade espírita, mas nunca para a criação de condições anômalas no campo mediúnico. As próprias obras mediúnicas, psicografadas, que descrevem com excesso de minúcias a vida no plano espiritual, devem ser encaradas com reserva pelos espíritas estudiosos. Emmanuel explica, prefaciando um livro de André Luiz, que o autor espiritual se serve de figuras analógicas para explicar fatos e coisas que não poderiam ser explicados de maneira fidedigna em nossa linguagem humana. São perigosas as duas posições extremadas: a dos que não aceitam essas obras como válidas e a dos que pretendem substituir por elas as obras de Kardec. Os princípios da Codificação não podem ser alterados pela obra de um espírito isolado. A Codificação não é obra de vidência, mas de pesquisa científica realizada por Kardec sob orientação e vigilância dos Espíritos Superiores.

Estamos numa fase de rápidas transformações de conceitos e valores, mas não devemos esquecer que os conceitos e os valores do Espiritismo não se restringem ao momen-

to atual. São conceitos e valores destinados à nossa preparação para o futuro, de maneira que não estão peremptos.

De tudo isso resulta um acréscimo da responsabilidade espírita para todos os que se deixam levar pela fascinação das novidades. O Espiritismo é um campo de estudos difícil e melindroso, em que não podemos descuidar um só instante da bússola da razão. Ao tratar de assuntos espíritas estamos agindo num campo magnético em que se digladiam as forças do bem e do mal. Nem sempre sabemos distingui-las com segurança e podemos deixar-nos levar por correntes de pensamento desnorteantes. A vaidade, a pretensão, o orgulho humano sempre vazio e fácil de ser levado pelos ventos da mistificação, o desejo leviano de nos diferenciarmos da maioria, a ambição doentia e tola de nos fantasiarmos de mestres podem levar-nos à traição à verdade. A obra de Kardec é a bússola em que podemos confiar. Ela é a pedra de toque que podemos usar para aferir a legitimidade ou não das pedras aparentemente preciosas que os garimpeiros de novidades nos querem vender. Essa obra repousa na experiência de Kardec e na sabedoria do Espírito da Verdade. Se não confiamos nela é melhor abandonarmos o Espiritismo. Não há mestres espirituais na Terra nesta hora de provas, que é semelhante à hora de exames numa escola do mundo. Jesus poderia nos responder, diante da nossa busca comodista de novos mestres, como Abraão respondeu ao rico da parábola: "Porque eu deveria mandar-vos novos mestres, se tendes convosco a Codificação e os Evangelhos?".

A mediunidade dinâmica do *mediunato* exige o nosso esforço contínuo na luta para sustentação da verdade espírita no mundo. Mas ninguém se esquiva sem graves conseqüências ao dever da vigilância. Os espíritos mistificadores contam apenas com dois pontos de apoio para nos envolverem: a vaidade e a invigilância. É mais fácil a eles se aproximarem de nós e conquistar a nossa atenção, do que aos espíritos esclarecidos nos socorrerem com suas intuições ponderadas. Estamos num mundo de provas e de expiações, somos espíritos em evolução, na maioria repetidores de encarnações fracassadas. Nosso livre-arbítrio não pode ser violado, mas quando aceitamos as mistificações de pretensos reformadores usamos o livre-arbítrio na escolha infeliz que então fazemos. Este é um ponto importante de doutrina em que devemos pensar incessantemente. Nossa responsabilidade no tocante ao *mediunato* não nos permite leviandade alguma que não tenha um preço a pagarmos no presente ou no futuro. Num ambiente mediúnico dominado pelo desejo de novidades e pela expectativa do maravilhoso, estamos sujeitos sempre a nos embriagar com o vinho das ilusões. O principal dever dos médiuns resume-se em duas palavras: fidelidade e vigilância. Se não formos fiéis à doutrina e não estivermos sempre vigilantes às ciladas das trevas, estaremos sujeitos a seguir o caminho dos falsos profetas da Terra e da erraticidade, que o cego da parábola levará ao barranco para cair com ele.

Capítulo 4
Energia Mediúnica

Desde Kardec a teoria dos fluidos tem provocado divergências entre os cientistas e os espíritos. Chegou-se a criar uma prevenção contra a palavra fluido e alguns espíritas ligados a atividades científicas consideraram a teoria espírita a respeito, propondo modificações na terminologia doutrinária. O avanço rápido das ciências neste século mostrou que a razão estava com Kardec. O próprio fluido magnético, que a descoberta da sugestão hipnótica parecia ter anulado por completo, retornou ao campo das hipóteses. Na revolução conceptual provocada por Einstein, entretanto, a teoria do fluido universal não foi afastada do campo científico, mas apenas colocada por ele entre parênteses, como problema pendente para soluções posteriores. Hoje a situação é inteiramente favorável ao Espiritismo. A Física Nuclear nos apresenta uma imagem fluídica do Universo, verdadeiro domínio dos fluidos. Eles se apresentam como formas de energia nos campos de força que estruturam o aparente vácuo dos espaços siderais, como elementos mantenedores da vida nos processos fisiológicos, corno fluxos de partículas infinitesimais, dotados de assombroso poder e até mesmo como elementos constitutivos do tempo e do pensamento.

A fase recente da Efluviografia, com a descoberta das câmaras Kirlian de fotografias sobre campos imantados com energia elétrica em alta freqüência, e as recentes experiências soviéticas com essas câmaras adaptadas a microscópios eletrônicos de alta potência, liquidaram essa velha pendência. Abriu-se novamente no campo científico a área da fluídica. Já podemos pensar em termos de fluidos sem cometer nenhuma heresia científica. Mas seria temerário querermos definir a mediunidade como uma espécie de energia fluídica, pois a sua natureza evidenciou-se, desde o tempo de Kardec, como simples processo de intermediação, ou seja, de relação. A mediunidade em si não é um tipo específico de energia, mas se processa, como tudo quanto existe, através de energias espirituais e materiais em conjugação. O ato mediúnico tem hoje a sua dinâmica operatória bem conhecida, que foi explicada pelos espíritos a Kardec, à revelia das hipóteses por este formuladas.

O espírito tem em si mesmo uma forma de energia pura e sutil que não podemos captar e analisar através de aparelhos materiais. Na teoria espírita é o *princípio inteligente*, dotado de potencialidades insuspeitáveis. Em nosso estágio evolutivo só conhecemos o espírito por suas manifestações através de energias por ele usadas, mas essas energias não são o espírito e sim as forças de que ele se serve. A essência do ser é uma realidade que escapa a todas as possibilidades cognitivas das ciências. Só a Filosofia consegue abordá-la através dos métodos do pensamento, mas assim mesmo sem poder defini-la como deseja. No Espiritismo nos socorremos da expressão *princípio inteligente* para definir essa essência e sua natureza, porque a inteligência, como poder capaz de penetrar na essência das coisas e nos dar o conhecimento, é o seu aspecto mais evidente para nós. Na verdade, só nos conhecemos pelos efeitos do que somos, não pelo que somos.

As energias da mediunidade e seu modo de agir foram definidos por Kardec, através de suas pesquisas e com o auxílio de entidades espirituais superiores. Essa definição atrevida, longamente combatida, criticada e ridicularizada por cientes e inscientes, está hoje plenamente confirmada em seu acerto pelas pesquisas científicas da Parapsicologia, da Física nuclear, da Metapsíquica no plano fisiológico e assim por diante. O Espiritismo se firma, hoje, como ciência avançada que balizou o avanço das ciências a partir de meados do século passado e ainda tem muito a oferecer no futuro.

As leis que regem os fenômenos mediúnicos foram esclarecidas pelas pesquisas de Kardec e, apesar das dúvidas e críticas irônicas de mais de um século sobre essa inegável conquista científica, estão atualmente confirmadas. Isso nos mostra a solidez da obra kardeciana.

A ação do espírito sobre a matéria, que sofreu contestações sofísticas durante um século, apesar de sua evidência em nossa própria estrutura orgânica, foi ainda agora confirmada pelas pesquisas dos cientistas soviéticos na Universidade de Kirov, na URSS, materialistas e desconhecedores da Doutrina Espírita. O impacto dessa descoberta provocou reações violentas do poder soviético, que sentiu ameaçada por ela a estrutura ideológica do Estado. Cessaram as notícias sobre a grande façanha científica, com uma espécie de excomunhão dos responsáveis, mas a divulgação feita pelas pesquisadoras da Universidade de Prentice Hall (EUA) que estiveram na URSS e entrevistaram os cientistas soviéticos, são suficientes para mostrar-nos a grandeza do feito.

A maior e mais constante rejeição dos cientistas às conclusões das pesquisas espíritas sobre os fenômenos mediúnicos verificou-se na área dos efeitos físicos. Ainda hoje, no panorama parapsicológico, a própria existência desses fenômenos é posta em dúvida por cientistas sistemáticos, que se apegam às concepções materialistas ou a posições religiosas sectárias. Para se ter uma idéia desse tipo de oposição, basta lembrar a opinião expressa de um conhecido físico paulista, professor universitário, sobre o fenômeno de materialização. Disse ele que o fenômeno é teoricamente possível, ante os conhecimentos atuais da Física, mas que, para realizar-se seria necessária uma quantidade de energia só possível de obter-se num período de duzentos anos. Entretanto, como ficou demonstrado nas experiências científicas do Espiritismo, e pode ser comprovado a qualquer momento, o fenômeno de materialização é produzido em poucos minutos. O engano do físico foi esclarecido por um pesquisador espírita que demonstrou o seu erro de classificação científica. A materialização não é um fenômeno físico, exigindo duzentos anos de funcionamento da Usina de Urubupungá, mas um fenômeno fisiológico. A ação do espírito sobre o médium provoca a emanação de ectoplasma do seu organismo. O ectoplasma, descoberto e denominado por Richet, Prêmio Nobel de Fisiologia, não acumula matéria em grande quantidade para formar um corpo físico real, mas apenas reveste o perispírito ou corpo espiritual do espírito, dando-lhe a aparência de um corpo real. O físico opinara, por engano, embora de boa-fé, sobre um fenômeno que não pertence ao campo de sua especialidade e que já fora confirmado por um grande especialista.

Toda a produção de fenômenos físicos no campo da mediunidade é feita por elaboração e aplicação de energias vitais e orgânicas do médium, com a colaboração involuntária dos próprios participantes da reunião em que se verifica a experiência.

Os cientistas soviéticos, fascinados pelo sucesso de suas pesquisas e alheios aos problemas ideológicos, constataram oficialmente, na famosa Universidade de Kirov. que o homem possui um corpo energético que responde pela vitalidade e as funções do corpo carnal. Verificaram que, nos casos de movimentação e levitação de objetos sem contato, esse corpo energético expande correntes de energia que impregnam os objetos a serem movidos à distância do médium. São essas energias, carregadas de matéria orgânica, que Richet chamou de ectoplasma e que o Prof. Crawford, da Universidade de Belfast, catedrático de mecânica, conseguiu observar em toda a sua complexa mecânica de expansão e ação, descobrindo objetivamente o funcionamento de *alavancas de ectoplasma* na produção dos fenômenos. Como se vê, a mediunidade é um processo de relação-indutiva, em que entram em jogo energias psicofísicas e energias espirituais. Na Parapsicologia isso ficou provado através de numerosas pesquisas. O Prof. Rhine diferenciou os dois tipos de energia ao classificar o pensamento como extrafísico. As energias mentais são de natureza espiritual e provocam reações materiais no cérebro. As energias espirituais, que Rhine chamou de extrafísicas, não estão sujeitas às leis físicas. Não sofrem a ação da gravidade, não se desgastam na sua projeção a qualquer distância e não são interceptadas por nenhuma espécie de barreiras físicas. Experiências em contrário, realizadas na URSS por Vassiliev, com o fim de demonstrar que não passavam de um novo tipo de energias físicas, fracassaram por completo. Dessa maneira, a tese espírita da existência de energias espirituais típicas ficou também comprovada cientificamente. Continuam, e é natural, os debates teóricos a respeito, mas o que importa na Ciência não são as opiniões e sim os fatos. E os fatos, como sempre, continuam fiéis à Doutrina Espírita. A mediunidade dispõe desses dois tipos de energia, mas não é, em si mesma, nenhuma delas. Não há uma energia mediúnica específica, mas apenas a ação controladora da mente sobre a matéria. Esta ação é a mesma que deu origem ao mundo e a toda a realidade, quando o espírito (no caso o princípio inteligente) aglutinou as partículas de matéria e deu-lhes estruturas múltiplas. A relação espírito-matéria é uma constante universal que se evidencia particularmente nos fenômenos vitais: no vegetal, no animal e no homem. Mas o ato mediúnico é o ponto de concentração em que as suas leis se revelam com a devida clareza aos pesquisadores. É natural que os cientistas alheios aos problemas espíritas encontrem dificuldades em aceitar essa tese. Além disso, como observou o Prof. Remy Chauvein, do Instituto de Altos Estudos de Paris, existe no meio científico um caso alarmante de alergia ao futuro.

Recentemente proclamou-se no Rio de Janeiro a descoberta de um novo tipo de fenômeno espírita, baseado no princípio da indução. Tratava-se da indução dos Estados patológicos de espíritos inferiores a criaturas humanas. Esse fenômeno, tantas vezes tratado por Kardec, nada tem de novo e enquadra-se naturalmente no capítulo das obses-

sões. Todo o processo mediúnico é de natureza indutiva. O espírito e o médium funcionam como vasos comunicantes, no sistema de relação-indutiva da mediunidade. A própria hipnose é também um processo indutivo, o que levou Kardec a acentuar a íntima relação entre hipnose e mediunidade. O obsessor consciente age hipnoticamente sobre o obsedado. Estes problemas precisam ser estudados com a devida atenção por todos os que se entregam a trabalhos mediúnicos, mormente quando assumem responsabilidades de direção. Muitos enganos e muitas desilusões na prática mediúnica decorrem exclusivamente da falta de conhecimento da natureza e dinâmica da mediunidade.

Capítulo 5
O Ato Mediúnico

O ato mediúnico é o momento em que o espírito comunicante e o médium se fundem na unidade psico-afetiva da comunicação. O espírito aproxima-se do médium e o envolve nas suas vibrações espirituais. Essas vibrações irradiam-se do seu corpo espiritual atingindo o corpo espiritual do médium. A esse toque vibratório, semelhante ao de um brando choque elétrico, reage o perispírito do médium. Realiza-se a fusão fluídica. Há uma simultânea alteração no psiquismo de ambos. Cada um assimila um pouco do outro. Uma percepção visual desse momento comove o vidente que tem a ventura de captá-la. As irradiações perispirituais projetam sobre o rosto do médium a máscara transparente do espírito. Compreende-se então o sentido profundo da palavra *intermúndio*. Ali estão, fundidos e ao mesmo tempo distintos, o semblante radioso do espírito e o semblante humano do médium, iluminado pelo suave clarão da realidade espiritual. Essa superposição de planos dá aos videntes a impressão de que o espírito comunicante se incorpora no médium. Daí a errônea denominação de incorporação para as manifestações orais. O que se dá não é uma incorporação, mas uma interpenetração psíquica, como a da luz atravessando uma vidraça. Ligados os centros vitais de ambos, o espírito se manifesta emocionado, reintegrando-se nas sensações da vida terrena, sem sentir o peso da carne. O médium, por sua vez, experimenta a leveza do espírito, sem perder a consciência de sua natureza carnal, e fala ao sopro do espírito, como um intérprete que não se dá ao trabalho da tradução.

O ato mediúnico natural é esse momento de síntese afetiva em que os dois planos da vida revelam o segredo da morte: apenas um desvestir do pesado escafandro da matéria densa.

O ato mediúnico normal é uma segunda ressurreição, que se verifica precisamente no corpo espiritual que, segundo o Apóstolo Paulo, é o corpo da ressurreição. O espírito volta à carne, não a que deixou no túmulo, mas a do médium que lhe oferece, num gesto de amor, a oportunidade do retorno aos corações que deixou no mundo. A beleza do reencontro de um filho com a mãe, que estreita o médium nos braços ansiosos e o beija com toda a efusão da saudade materna, compensa de muito a impiedade dos que o acusam de praticar bruxarias. Nos casos de materialização, nada mais belo que Lombroso com sua mãe materializada através da mediunidade de Eusápia Paladino, na sessão a que fora levado pelo Prof. Chiaia, de Milão. Eusápia era uma camponesa analfabeta e mil vezes caluniada. Lombroso, o fundador da Antropologia Criminal, retratou-se na revista *Luce e Ombra* de seus violentos artigos contra o Espiritismo, e declarou comovido: "Nenhum gigante do pensamento e da força poderia me fazer o que me fez esta pequena mulher analfabeta: arrancar minha mãe do túmulo e devolvê-la aos meus braços!". Frederico Fígner, introdutor do fonógrafo no Brasil, levou sua esposa desolada a Belém do Pará, na esperança de um reencontro com a menina Rachel, sua filha, que haviam perdido, o que quase os levara à loucura, a ele e à esposa. Procuraram a médium Ana Prado, também

mulher do campo, e numa sessão com ela a menina apareceu materializada, estimulando os pais a enfrentarem o caso com serenidade, pois ali estava viva, e falava e os beijava, e sentava-se em seus colos, provando que não morrera. Fígner, ao voltar para o Rio de Janeiro, dedicou-se dali por diante ao Espiritismo, com a chama da fé acesa em seu coração e no coração da esposa, mas agora uma fé inabalável, assentada na razão e nos fatos.

Quando o ato mediúnico é assim perfeito e claro, iluminado por uma mediunidade esclarecida e devotada ao bem, não há gigante – como no caso de Lombroso – que não se curve reverente ante o mistério da vida imortal. O médium se torna o instrumento da ressurreição impossível, provando aos homens que a morte não é mais do que lapso no intermúndio que separa os vivos na carne dos vivos no espírito. Compreende-se então o fenômeno da Ressurreição de Jesus, que não foi o ato divino de um Deus, mas o ato mediúnico de um espírito que dominava, pelo saber e a pureza, os mistérios da imortalidade.

Quando o ato mediúnico não tem a pureza e a beleza de uma comunicação amorosa, tem o calor da solidariedade humana e é iluminado pela caridade cristã. Numa sessão comum de socorro espiritual, os médiuns sentados ao redor da mesa, os doutrinadores a postos, espíritos sofredores e espíritos maldosos e vingativos, sob controle dos orientadores espirituais, são aproximados de médiuns que desejam servi-los. O quadro é bem diferente dos que apresentamos acima. Não há beleza nem serenidade nos espíritos comunicantes, nem resplendor ou transparência em suas faces. Há desespero, dor, expressões de rebeldia ou ímpetos de vingança. Os médiuns sentem-se inquietos, não raro temerosos. A aproximação dos comunicantes é incômoda, desagradável. As vibrações perispirituais são ásperas e sombrias O vidente se aturde com aquelas figuras pesadas e escuras que transtornam a fisionomia dos médiuns. Mas, na proporção em que os doutrinadores encarnados dão o socorro de suas vibrações e de seus argumentos fraternos aos necessitados, o quadro se modifica com as luzes vacilantes que se acendem nas mentes conturbadas. Os guias espirituais manifestam-se em socorro dos doutrinadores e suas vibrações acalmam a inquietação do ambiente. O trabalho é penoso. Criaturas recalcitrantes no mal recusam-se a compreender a realidade negativa em que se encontram. Espíritos vencidos pelas dores de encarnações penosas mostram-se revoltados. Os que trazem o coração esmagado por injustiças e traições exigem vingança e fazem ameaças terríveis. Mas a palavra fraterna, carregada de bondade e amor, iluminada pelas citações evangélicas, vai aos poucos amortecendo as explosões de ódio. Às vezes a autoridade do dirigente ou de um espírito elevado se faz sentir, para que os mais rebeldes compreendam que estão sob um poder persuasivo, mas enérgico. Uma pessoa que desconheça o problema dirá que se encontra numa sala de hospício sem controle ou assiste a um psicodrama de histéricos em desespero. Psicólogos sistemáticos ririam com desdém. O dirigente dos trabalhos parece um leigo a brincar com explosivos perigosos. Fanáticos de seitas dogmáticas julgam assistir a uma cena de possessão diabólica. Mas a sessão chega ao fim com a tranqüilização total do ambiente. Um espírito amigo comunica-se com palavras de agradeci-

mento. Em silêncio, todos ouvem a prece final de gratidão aos espíritos bondosos que ajudaram a socorrer as sombras sofredoras. É estranho que todos estejam bem e satisfeitos com o resultado dos trabalhos. As pessoas beneficiadas comentam suas melhoras. O ambiente é de paz, amor e satisfação pelo dever cumprido.

Numa sessão de desobsessão para casos graves, com poucos elementos, sem a assistência numerosa do socorro geral, as comunicações são violentas, os médiuns sofrem, gemem, gritam e choram. O dirigente e os doutrinadores permanecem tranqüilos, aparentemente impassíveis, e os doutrinadores usam de palavras persuasivas, de atitudes benignas. Nada de ameaças e exprobrações violentas, como nas práticas antiquadas do exorcismo arcaico, vindo das profundezas do Egito, da Mesopotâmia, da Palestina. Nada de velas acesas, de símbolos sacramentais, de expulsão de entidades diabólicas. A técnica é de persuasão, de esclarecimento racional. Uma menina de quinze anos chega carregada pelos pais. Há uma semana dormia em estado cataléptico. Às primeiras tentativas de despertá-la, agita-se e levanta-se furiosa, aos gritos. Quatro ou cinco homens não conseguem contê-la, parece dotada de força indomável. Mas pouco a pouco se acalma, chora baixinho e volta ao seu estado natural de menina graciosa e frágil. Retira-se da reunião como se nada demais tivesse acontecido. Despede-se alegre. Corre para a rua e toma o automóvel que a trouxe como se voltasse de um passeio. O ato mediúnico foi violento, assustador. Mas o resultado da prece, dos passes, das doutrinações amorosas foi surpreendente. Poucos perceberam que, naquele corpinho de menina as garras da vingança estavam cravadas, tentando rasgar a cortina piedosa que vela os ódios do passado.

No ato mediúnico a criatura humana recupera os tempos esquecidos e se revê na tela das experiências mortas. E mais uma vez a morte lhe aparece como pura ilusão sensorial, pois tudo quanto havia desaparecido numa cova renasce de repente nas águas amargas da provação. A mediunidade funciona como um radar sensibilíssimo voltado para os caminhos perdidos. Nem sempre a tela da memória consegue reproduzir as imagens distantes, mas nas profundezas do inconsciente recalques antifreudianos esperam a catarse piedosa da comunicação absurda, em que os diálogos da caridade parecem brotar de terríveis mal-entendidos. Uma mulher não entendia porque o espírito comunicante a acusava de atrocidades que jamais praticara e a chamava de Condessa. Achou que tudo aquilo não passava de uma farsa ou de um momento de loucura. Mas quando, aconselhada pelo doutrinador, pediu perdão ao espírito algoz e chorou sem querer e sem saber por qual motivo o fazia, sentiu profundo alívio e nos dias seguintes os seus males desapareceram. As lágrimas de uma criatura que a amnésia tornou inocente podem comover um coração embrutecido no desejo de vingança. Mas quem fará o encontro necessário para o ajuste dos velhos erros e crimes, se o médium não se oferecer na imolação voluntária de si mesmo para apaziguar com a palavra do Mestre?

A responsabilidade espiritual do médium reflete-se no espelho de cada um dos seus atos de caridade mediúnica. O *mediunato* não é uma sagração ritual inventada pelos homens. Nasce das leis naturais que regem consciências no

fluir do tempo, no suceder das gerações e das reencarnações. Um ato mediúnico é o cumprimento de um dever assumido perante o Tribunal de Deus instalado na consciência de cada um. Quando o médium se esquiva a esse cumprimento engana a si mesmo, pensando enganar a Deus. Sua própria consciência se incumbirá de condená-lo quando soar a hora do veredicto irrecorrível. Nada justifica a fuga a um compromisso forjado à custa do sacrifício alheio. As leis morais da consciência têm a mesma inflexibilidade das leis materiais da Natureza. Nossa consciência de relação capta apenas a realidade imediata em que nos encontramos. Mas a consciência profunda guarda o registro indelével de todos os compromissos assumidos no passado e de todas as dívidas morais que pensamos apagar nas águas do Letes, o rio do esquecimento das velhas mitologias. O rio Letes secou nas encostas áridas do Olimpo, o cenáculo vazio dos antigos deuses. Hoje só temos um Deus, que não precisa vigiar-nos do alto de um monte nem ditar-nos suas leis para serem inscritas em tábuas de pedras. Essas leis estão gravadas a fogo em nossa própria carne. Nossos atos determinam no tempo as situações em que nos encontraremos em cada existência. E o mediunato é o passaporte que Deus nos concede para a liberação do passado através de um só ato, o mais belo e mais honroso de todos, que é o ato mediúnico.

A responsabilidade mediúnica não nos foi imposta como castigo. Nós mesmos a assumimos na esperança da redenção, que não virá do Céu, mas da Terra, da maneira pela qual fizermos as nossas travessias existenciais no planeta, num mar de lágrimas ou por estradas floridas pelas obras de sacrifício e abnegação que soubermos semear. Temos o futuro em nossas mãos, o futuro imediato do dia-a-dia e o futuro remoto que nos espera nas translações da Terra em torno do Sol. Chegamos assim à conclusão inevitável de que o presente passa depressa, mas o passado reponta em cada esquina do presente e do futuro.

Capítulo 6
O Mediunismo

As formas primitivas de mediunidade provêm das selvas e das regiões geladas ou áridas em que a vida humana permaneceu em condições rudimentares. O homem é um ser mediúnico e todo o seu desenvolvimento seguiu as linhas da evolução da sua potencialidade mediúnica. A idéia da Divindade, de um poder superior que criou o mundo é inata no homem, como o demonstram as pesquisas antropológicas. Dessa idéia básica em sintonia com o assombro do mundo, misterioso e cheio de seres estranhos, nasceu a Magia. O sentimento mágico do mundo estabeleceu as relações entre os homens e as coisas e os outros seres. A idéia do poder das coisas e dos seres brotou naturalmente das experiências na luta para a sobrevivência. A lei de adoração, estudada em *O Livro dos Espíritos*, levou a imaginação primitiva aos ritos do culto solar e lunar, das montanhas coroadas de nuvens, dos grandes rios misteriosos e assim por diante. A reverência aos chefes poderosos desenvolveu os ritos de submissão, que se estenderam aos pagés e xanãs, sacerdotes mágicos das tribos e das hordas, dotados de poderes mediúnicos. Os processos mágicos desenvolveram-se através das manifestações mediúnicas. Abria-se o caminho para o desenvolvimento das religiões mitológicas e das religiões reveladas, estas apoiadas na crença dos homens-deuses, conhecedores dos mistérios da vida e da morte. A evolução espiritual do homem abria a fase das grandes religiões nas regiões em que a civilização avançara. Os dons mediúnicos reafirmavam a crença nos poderes divinos, através dos fenômenos produzidos por indivíduos que os possuíam.

A expressão mediunismo, criada por Emmanuel, designa as formas primitivas de Mediunidade, que fundamentam as crenças e religiões primitivas. Todas as formas de religiões primitivas, sem desenvolvimento cultural e intelectual, caracterizam-se por práticas mágicas ligadas ao mediunismo. As religiões africanas, transplantadas ao Brasil e outros países americanos pelo tráfico negreiro, e misturadas às religiões indígenas e primitivas desses países, desenvolveram largamente no Continente diversas formas de mediunismo. O processo natural de sincretismo religioso, já iniciado na própria África com a mistura das religiões tribais com o Islamismo e o Catolicismo, deram a essas formas um impulso em direção à institucionalização religiosa.

A diferença entre Mediunismo e Mediunidade está no problema de conscientização do problema mediúnico. Nas religiões primitivas não havia nem podia haver reflexão sobre os fenômenos e seu sentido e natureza. Tudo se resumia na aceitação dos fatos e nas tentativas de sua utilização para finalidades práticas, objetivas. A Mediunidade é o Mediunismo desenvolvido, racionalizado e submetido à reflexão religiosa e filosófica e às pesquisas científicas necessárias ao esclarecimento dos fenômenos, sua natureza e suas leis. Enquanto o Mediunismo absorve a herança mágica do passado e mistura-se com religiões, crenças e superstições de toda a espécie, a Mediunidade rejeita infiltrações que possam prejudicar a sua natureza racional e comprometer o seu desenvolvimento natural. Integrada na estrutura do

Espiritismo, que a estuda e pesquisa através de suas instituições culturais e científicas, ela se torna cada vez mais numa área específica da Teoria do Conhecimento, que terá forçosamente de reconhecer os seus direitos na cultura geral do próximo século.

É curioso o fato de que todas as religiões e correntes do pensamento espiritualista tenham rejeitado e condenado a Mediunidade, que só o Espiritismo reconhece no seu pleno valor e na sua importância fundamental para a vida humana na Terra e o seu desenvolvimento futuro no mundo espiritual. Apontada nas religiões como de natureza diabólica, nas doutrinas espiritualistas refinadas como um campo inferior e perigoso de manifestações suspeitas e perigosas, acusada de responsável pela loucura do mundo, ela foi marginalizada pelos meios culturais e é constantemente atacada pelos donos da verdade e da sabedoria, como o foram o Cristo e o Cristianismo. Não obstante, cresce sem cessar o interesse pela mediunidade no mundo, pois o próprio desenvolvimento científico acabou desembocando no delta da fenomenologia paranormal, obrigado a enfrentar e reconhecer a realidade dos fatores mediúnicos em todos os campos do saber. Pouco importam os preconceitos, as idiossincrasias, as incompreensões dos homens, pois a realidade não pede licença a ninguém para ser o que é.

Ao lado do resguardo e defesa da Mediunidade, os espíritas naturalmente se interessam pelo estudo e a pesquisa dos problemas do Mediunismo, que é, por assim dizer, o chão agreste e rico de cujas escavações milenares foram extraídos os minérios preciosos da Mediunidade. Nas várias formas do Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro a mediunidade eclode muitas vezes, como tufos de vegetais promissores rompendo o chão áspero dos terreiros. Não encontrando ambiente favorável no meio sincrético, essas mediunidades surpreendentes vão transplantar-se para o ambiente espírita e ali florescer e frutificar. Não podemos condenar o Mediunismo. pois isso seria condenar a fonte que nos fornece a água. Há ricos filões de fenômenos no solo fecundo do Mediunismo à espera dos investigadores espíritas.

O que condenamos e temos de condenar é o abuso das práticas mediúnicas nos terreiros, não só por criaturas desprovidas de nível de instrução e cultura, mas também por pessoas culturalmente amadurecidas para compreender o erro que cometem, contribuindo para expansão, em plena civilização da Era Cósmica, das mais grosseiras superstições do longínquo passado humano. Esse abuso é tanto mais grave quando praticado conscientemente por pessoas que estão interessadas na solução de problemas financeiros, políticos e de ordem moral e social. Esses objetivos e os meios usados para consegui-los eram perfeitamente justificáveis na selva, onde a mentalidade primitiva, apegada apenas ao concreto, sem dimensões intelectuais, não podia alcançar objetivos superiores. Mas o homem civilizado que se entrega a essas práticas grosseiras, ligadas a entidades inferiores, age como um inconsciente ou imaturo, que não tem noção de sua própria responsabilidade em relação ao meio em que vive. Cada fração de conhecimento adquirido aumenta a responsabilidade moral do homem na sociedade. Essa responsabilidade não é apenas pessoal e familiar, mas também social. Quem procura práticas selvagens para conseguir benefícios no meio civilizado, ligando-se a está-

gios já superados na evolução humana, trai a si mesmo e ao meio em que se encontra. Além disso, compromete-se com forças negativas do plano espiritual inferior, que cobram sempre muito caro os serviços prestados, mal ou bem, com resultados ou não, aos incautos clientes.

O Mediunismo divide-se em vários ramos, correspondentes às nações africanas de que procedem. E há graus evolutivos em suas práticas mediúnicas. Nos terreiros de Umbanda as práticas são mais elevadas, voltadas para o bem. Nos de Quimbanda o sangue de animais e a queima de pólvora revelam a brutalidade dos ritos selvagens, que eram práticas de defesa para tribos e no meio civilizado se tornaram práticas maléficas, dirigidas contra desafetos e rivais. Mas há os terreiros de linhas cruzadas, geralmente chamados de Aruanda, onde tanto se pratica o bem para os amigos como o mal para os inimigos. As danças rituais do Candomblé africano encontram sua réplica nativa nas danças indígenas da Poracê. Em muitos terreiros de Umbanda infiltram-se também as práticas maléficas. Os poderes mediúnicos são desenvolvidos sob a magia dos rituais selvagens. Costumam dizer, os freqüentadores do sincretismo, que as práticas de terreiro são mais fortes e poderosas que as de *mesa branca*, designação puramente popular das sessões espíritas, originada da superstição que exige, particularmente nos meios rurais, o uso de toalha branca na mesa de sessão, porque a cor branca atrai os espíritos puros. A superstição da força, do poder proveniente de práticas violentas, revela a inversão dos valores espirituais, inversão proveniente da selva, onde a força bruta é a lei. A Macumba, com seus despachos, é uma prática proveniente da mais remota antigüidade. Macumba é instrumento de sopro, geralmente de bambu, que se toca para chamar os espíritos do mato, e o despacho, ao contrário do que geralmente se pensa, não é a oferenda de comidas e bebidas que se coloca nas encruzilhadas e nas esquinas de ruas (adaptação urbana do rito selvagem), mas o envio de espíritos inferiores para atacar as pessoas visadas. A oferenda é a paga que assegura a eficácia do ataque. Os espíritos agressivos, embora não possam comer os manjares e tomar as bebidas, aspiram as suas emanações, como os deuses mitológicos faziam e como o próprio Iavé da Bíblia, o deus judaico, também fazia, como se vê nos relatos bíblicos. Na descrição do Dilúvio, no Gênese bíblico, vemos que Noé fez um altar no Monte Ararat para dar graças a Iavé pela salvação da sua família. No altar foram colocados alimentos de carne fumegante e Iavé compareceu para aspirar as emanações dos alimentos. É incrível que as Igrejas Cristãs até hoje aceitem que esse Iavé glutão era o Deus Supremo e Único que Jesus pregou contra o politeísmo da época.

Essas práticas sincréticas, onde predomina a mentalidade primitiva, são o contrário das práticas espíritas, que se resumem na prece e na meditação, no passe (imposição das mãos, do Evangelho) e na doutrinação caridosa dos espíritos sofredores ou vingativos. Os que chamam isso de Espiritismo o fazem de má-fé ou por ignorância. Por sinal que encontramos nesse capítulo a ignorância ilustrada de sociólogos, antropólogos, psicólogos e médicos, que usam em seus trabalhos e pesquisas a palavra Espiritismo para designar as manifestações do animismo primitivo e do mediunismo selvagem. Devemos sempre repelir esse

abastardamento da palavra que Kardec criou como nome genérico de uma doutrina científica e filosófica oriunda do ensino dos Espíritos Superiores. O Espiritismo é unicamente a doutrina que está nas obras de Kardec e dos que continuaram o trabalho do Mestre, sem trair os seus princípios básicos.

O ponto mais perigoso dessas práticas bárbaras e desumanas está no problema da evolução mediúnica do homem. Essas práticas e crenças supersticiosas correspondiam às necessidades primárias dos homens primitivos. Eram boas na selva, ajudavam os selvagens a crer num poder superior e a respeitá-lo. Aplicadas ao homem civilizado representam um retrocesso evolutivo de sua mentalidade e personalidade. O ajustamento psíquico do homem civilizado a esses sistemas rudimentares e grosseiros produz desajustes psicológicos e mentais que acabam gerando desequilíbrios graves em criaturas sensíveis, que são afetadas pelos rituais violentos de sangue e pólvora e pela condição geral das práticas selvagens. O desnível cultural já é chocante em si mesmo e a disparidade cala nos freqüentadores de maior evolução mental e moral. Sente-se o restabelecimento do arcaico prestígio da Goécia, a famosa Magia Negra da Antigüidade, que dominou o Ocidente até os fins da Idade Média. As pesquisas de Albert De Rochas sobre a feitiçaria[1], ilustradas com dados dos processos medievais dos arquivos do Vaticano, mostram a brutalidade dessas práticas naquele tempo, em que sacerdotes e figuras da nobreza tiveram de ser condenados pelos tribunais eclesiásticos. O impacto dessas condenações concorreu pesadamente para que a sólida estrutura religiosa e teocrática do Milênio acabasse desmoronando. O poder de fascinação dos sistemas mágicos envolveu com facilidade elementos de destaque no Clero e na Política, em virtude dos resíduos brutais do passado nas camadas psico-afetivas da população, mesmo nas classes superiores.

A tendência natural do homem para o mistério e o maravilhoso excita os ânimos e leva criaturas e grupos humanos a verdadeiros delírios, em que os valores da civilização submergem no pântano das paixões. Mas o pior é que, dessas fases de retorno à barbárie, a dignidade humana sai fatalmente esmagada, levando séculos para se recobrar. Não é o mediunismo que responde por isso, mas o apego do homem aos interesses mundanos e o desejo de vencer com mais facilidade e segurança, sob a suposta proteção espiritual de criaturas incultas e grosseiras. O mediunismo é precisamente o instrumento natural de que o homem dispõe para elevar-se ao plano da mediunidade, transcendendo a sua condição tribal. Mas se o homem se entrega ao atavismo da religiosidade mágica e por isso mesmo fanática, serve-se do mediunismo, nessas formas clássicas de civilizações mortas, para repetir os suicídios anteriores. O automatismo dos processos primitivos o leva a repetir os mesmos erros, na mesma antiga e frustrada esperança dos tempos mortos. É isso o que se tem de condenar nos cultos retrógrados desses processos sincréticos e negativos.

Capítulo 7
A Mesa e o Pão

Kardec explicou o problema da mesa nas sessões espíritas com a sua habitual naturalidade: é o móvel mais cômodo para sentarmos ao seu redor. Afastava assim qualquer resquício de misticismo e magia, de rito e sacramento no ato mediúnico. Não obstante, há quem considere esse ato puramente místico e mágico, lembrando a evocação e a prece. Não nos sentamos em torno da mesa apenas para conversar ou escrever, mas também para nos alimentarmos. A alimentação que tomamos na mesa espírita não é material, mas espiritual. A evocação não é um rito, mas um convite. Antes de sentar à mesa os convites já foram feitos, pois basta pensarmos num espírito para o evocarmos. Ele atende ou não ao nosso convite, pois é livre e não está submetido a nenhum poder humano. Mas o pão que pomos sobre a mesa é o pão espiritual da prece, que será partido e servido na hora da doutrinação.

Conta-nos o Evangelho de Lucas o episódio comovente dos discípulos na estrada de Emaús. Após a ressurreição de Jesus, Cleófas e um companheiro seguiam, ao entardecer, para essa aldeia, afastando-se do cenário angustiado de Jerusalém. Um estranho os alcançou e acompanhou, conversando sobre a morte e a ressurreição de Jesus. Pararam numa estalagem para alimentar-se. Sentaram-se à mesa com aquele estranho. Mas, no momento em que ele partiu o pão, os discípulos o conheceram: era o Mestre ressuscitado. Mas logo a seguir o Senhor desapareceu e a mesa só tinha os dois ao seu redor. É fácil imaginar-se o assombro dos discípulos. O vazio da mesa e o silêncio do anoitecer, que já começava, devem ter-lhes parecido muito mais cheio de rumores e alegrias que as mesas dos banquetes festivos do mundo.

É precisamente o que se passa na mesa simples, sem aparatos, de uma verdadeira sessão mediúnica. A cor da toalha pouco importa. A cor branca não interessa mais ao ato mediúnico do que a vermelha ou a preta. A pureza exigida é apenas a das intenções. Os convivas estão ao redor e não são conhecidos. Surgem da estrada, na penumbra do crepúsculo, como estranhos. Mas no momento de partir o pão eles se revelam. Feita a prece simples de abertura dos trabalhos podemos ver, pela maneira deles partirem o pão, quem são eles. Iniciamos então a conversação necessária e logo depois eles desaparecem como apareceram, retornando ao invisível, no seio da noite.

Como podem os cristãos de todas as denominações censurar esse repasto singelo e atribuí-lo a influências diabólicas? Como podem dizer que isso tudo não passa de ilusão, loucura ou mistificação? Nunca leram, nem mesmo por acaso, o tópico sobre os dons espirituais na I Epístola de Paulo aos Coríntios? Não viram que o apóstolo confirma a simbologia comovente da Estrada de Emaús, relatando as sessões mediúnicas da era apostólica? E como podem alguns espíritas quebrar a harmonia dessas reuniões espirituais com aparatos inúteis e desnecessários, com a introdução de sistemas pretensiosos nas sessões mediúnicas? Se quisermos deformar e ridicularizar a prática espírita, basta exigirmos a toalha branca na mesa, vestir os médiuns

de vestes brancas e rituais, obrigá-los a formar a corrente de mãos dadas e outras muitas tolices dessa espécie. É o que fazem os espíritos mistificadores, através de dirigentes supersticiosos e simplórios.

Para comer o pão da verdade só necessitamos dos dentes do bom-senso. Por isso o comensal da estalagem de Emaús simplesmente desapareceu depois de partir o pão. Todos os acréscimos de técnicas inventadas por homens vaidosos, de disciplinas rígidas na hora da sessão, de palavras mágicas e gestos misteriosos não passam de joio na seara. A prática espírita deve ser racional e simples, pois toda encenação e aparato só servem para estimular mistificações.

Há pessoas que desejam fazer sessões à plena luz, por entender que a penumbra habitual dá motivo a desconfianças e representa uma modalidade de formalismo. Mas a penumbra é necessária à boa concentração dos médiuns e mesmo dos assistentes. A iluminação normal da sala provoca distrações, penetra nas pálpebras e quebra o ambiente de recolhimento. Claro que não se deve fazer o escuro excessivo e muito menos completo, mas a penumbra do ambiente não é um aparato formal, é uma exigência natural da concentração serena. Além dessas razões evidentes, convém lembrar que o excesso de luz exerce influência inibitória sobre os médiuns e a emanação fluídica do ectoplasma. Em todas as reuniões mediúnicas o ectoplasma se libera para ajudar as ligações perispirituais entre médiuns e espíritos. Temos de saber distinguir entre o necessário e o supérfluo, entre o conveniente e o inconveniente, sem fazer concessões à ignorância ou à desconfiança dos que não entendem do assunto.

O problema da concentração mental é também um dos menos compreendidos. A concentração dos pensamentos numa reunião mediúnica não corresponde ao tipo de concentração individual de uma pessoa num determinado problema a resolver ou num estudo a fazer. Trata-se de uma concentração coletiva de pensamentos voltados para um mesmo alvo. Quando todos pensam em Deus ou em Jesus, todos os pensamentos se concentram numa só idéia. A palavra concentração sugere um esforço mental contínuo para se manter o pensamento fixado numa imagem. Isso prejudicaria os trabalhos mediúnicos, criando um ambiente de tensão mental exaustiva. Não é de tensão, de esforço cansativo que se necessita, mas de afrouxamento e despreocupação. Todos devem voltar o seu pensamento para um alvo superior, geralmente para Jesus (pois pensar em Deus é mais difícil) e todos devem manter a idéia de Jesus na mente, sem esforço ou preocupação, como quem se lembra saudoso de um amigo distante. Esse estado mental de lembrança, não de uma imagem ou figura de Jesus, mas da sua pessoa, dos seus atos, dos seus ensinos e do que ele representa para nós, deve ser mantido no decorrer da sessão. Quando se nota que o pensamento se desvia para outros rumos, o que é natural, faz-se que ele retorne suavemente à idéia centralizadora. O ambiente de uma sessão é tanto mais favorável quanto menos tensões e preocupações existirem na reunião. As evocações mentais de assistentes e médiuns, solicitando a manifestação de entes queridos ou de espíritos amigos são prejudiciais, pois quebram e tumultuam

o ambiente mental da sessão. Pensar num espírito é evocá-lo, como ensina Kardec. Quem comparece a uma sessão com a esperança de receber uma comunicação deste ou daquele espírito, já o evocou. Ele atenderá se for possível. Mas durante a sessão só se deve pensar em Jesus. Criando-se no ambiente um clima tranqüilo e confiante, pode-se esperar a possibilidade dos melhores resultados

Não há regras específicas e formais para a realização das sessões espíritas. Entre a prece de abertura e a de encerramento desenvolvem-se as manifestações mediúnicas, sob a orientação e muitas vezes a interferência de espíritos dirigentes. O sistema autoritário, em que o presidente determina aos médiuns receberem as comunicações, uma de cada vez, provém da recomendação do Apóstolo Paulo à comunidade de Corinto. Nas reuniões de Kardec, mesmo nas psicográficas, havia ampla liberdade, permitindo as conversações entre espíritos comunicantes, às vezes através de vários médiuns. Léon Denis usava também de liberdade em suas sessões. Cabe aos espíritos protetores determinar quais os espíritos que devem comunicar-se e quais os médiuns em condições de recebê-los. O presidente ou dirigente humano da sessão tem a função de mantê-la equilibrada, orientar o decorrer dos trabalhos e intervir, quando necessário, nas doutrinações e no reajustamento da concentração. Se há muitos médiuns à mesa, há naturalmente a possibilidade de se atender a número maior de espíritos comunicantes, através de vários doutrinadores. O que importa na doutrinação não é o muito falar, mas o falar com propriedade e com amor, procurando-se atingir a consciência e o sentimento do espírito. Quando vai se aproximando o fim do horário destinado à sessão, o presidente faz um aviso, para que os médiuns o ajudem no controle da reunião. As comunicações de espíritos violentos, desejosos de tumultuar os trabalhos, exigem atitude enérgica para que sejam contidos e afastados. Energia serena, sem agressividade, mas com firmeza. Não se deve esquecer de que se trata de entidade sofredora, necessitada de amparo e orientação. Não é a força que age contra o espírito, nem a elevação da voz, mas a intenção de ajudá-lo, o desejo sincero de fazê-lo melhorar e tornar-se nosso companheiro, porque essa disposição nos dá a autoridade moral sobre os espíritos inferiores. É importante que não falte em nossa mesa espírita o pão da prece e a luz do amor. Basta quase sempre uma só palavra de amor sincero para acalmar o espírito mais violento. O amor brota da compreensão humana, da nossa capacidade de nos colocarmos em pensamento no lugar e na situação da criatura que se encheu de ódio e violência em existências brutais em que o amor não floriu em seu coração.

Uma sessão espírita é um ato de amor. Não é uma cerimônia destinada à finalidade egoísta de nos livrar de espíritos-parasitas, por nós mesmos atraídos e alimentados, mas com o objetivo de levar ajuda espiritual aos que padecem. O Espiritismo nos ensina, como ensinou Jesus, que somos todos irmãos e companheiros, criados por Deus para o mesmo destino de transcendência, de elevação espiritual. Esse é o pensamento central da compreensão espírita e precisamos dar-lhe eficácia, traduzi-lo em ação.

Tratamos aqui da sessão mediúnica comum, não da sessão específica de desobsessão. A sessão rotineira dos

Centros é a que se realiza todas as semanas, em dias e horas certos, dispondo de freqüência regular. Há quem discorde desses trabalhos públicos, alegando as exigências de Kardec na Sociedade Parisiense, quando não permitia a presença nas sessões de pessoas que não tivessem algum conhecimento doutrinário. A medida de Kardec era justa e necessária, numa fase em que o Espiritismo nascia, sob um alarido universal de protestos e ameaças. Hoje estamos a mais de um século dessa fase e o Espiritismo só é combatido por pessoas sistemáticas ou ignorantes. A maioria absoluta das pessoas que procuram as sessões é necessitada, tratando-se geralmente de médiuns em franco desenvolvimento de suas faculdades. Negar-lhes acesso às sessões seria como negar a um sedento acesso a uma fonte. A mediunidade não se desenvolve por acaso e muito menos sob o poder mágico da vara de Moisés, que tirou água da rocha. Em geral, o desenvolvimento mediúnico começa por diversas perturbações e não raro por processos obsessivos. Não se pode querer que uma pessoa em estado de alteração psíquica vá primeiro estudar uma doutrina através de cursos demorados para depois submeter-se aos métodos de cura. Por isso, nas instituições bem dirigidas as sessões mediúnicas normais não se restringem à prática mediúnica. Iniciam-se os trabalhos com leitura e preleção evangélicas, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. A seguir, há uma exposição doutrinária que prepara os freqüentadores para os trabalhos práticos. Os médiuns em desenvolvimento recebem a mensagem evangélica e os ensinos doutrinários em dosagens apropriadas e, a seguir, participam do trabalho mediúnico. Isso concorre para uma compreensão simultânea da doutrina, de sua natureza cristã, de sua moral evangélica e das relações diretas e necessárias de teoria e prática em Espiritismo. As críticas a esse método referem-se à extensão das sessões. Mas é evidente que a preparação das matérias permite reduzir a parte oral aos limites necessários. O aproveitamento verificado nos Grupos e Centros que usam esse método provaram a sua validade. Nos centros que realizam várias sessões por semana, a divisão da matéria pode ser feita com mais amplitude, nas várias sessões. Isso não impede que, além desse processo sinérgico ou gestáltico, em que o iniciante adquire desde logo uma visão global da doutrina e da sua prática, o Centro mantenha, quando possível, um curso especial de doutrina em outro dia e horário.

Quando possível, é conveniente intercalar os passes entre a parte evangélica e a doutrinária. Se isso prolongar demais a sessão, pode-se estabelecer uma sessão especial para os passes, sempre iniciada com uma exposição sobre o assunto.

A vantagem de se fazer tudo em seqüência, numa única sessão, é a de se dar ao iniciante, em doses apropriadas e na seqüência natural do tempo, na prática, a compreensão da unidade do problema espírita. Essa compreensão, infelizmente, falta até mesmo a veteranos do trabalho espírita, em virtude da dispersão e até mesmo da restrição das práticas tradicionais apenas a um aspecto da doutrina. Claro que o problema de desobsessão em casos graves não pode ser tratado em sessões dessa natureza. Para isso, os Centros bem orientados dispõem de sessões especiais, privativas, com médiuns e doutrinadores capacitados, e,

sempre que possível, com a participação de médicos espíritas conhecidos por seu desinteresse profissional em casos de ordem doutrinária. Colocamos estas questões com base em experiência própria e de conjunto, observadas atentamente no correr dos anos de trabalho e estudo incessantes. Quando o sistema é bem aplicado, contando com elementos humanos dedicados, os resultados são sempre surpreendentes. Não se trata de uma inovação, mas apenas de urna conjugação de práticas tradicionais que, reunidas e articuladas, produzem mais e melhor.

No tocante à mediunidade é necessário o mais rigoroso critério kardecista, baseado nos livros específicos de Kardec: *Instruções Práticas sobre Manifestações Espíritas* e *O Livro dos Médiuns*. Essa é a base necessária e insubstituível do estudo e do ensino da mediunidade. Livros como *No Invisível*, de Léon Denis, e os livros de orientação mediúnica de Emmanuel e André Luiz podem também ser usados como subsidiários, mas jamais colocados como obras básicas da doutrina. Sem esse critério, muitos Centros e Grupos, e até mesmo grandes instituições, caíram num plano de misticismo igrejeiro e de autoritarismo sacerdotal que desfiguram e ridicularizam o Espiritismo. Precisamos compreender que lidamos com uma doutrina revolucionária, que deve modificar a rotina espiritual da Terra, abrindo-lhe as perspectivas de uma nova concepção do Espírito. Sem isso, nossa mesa só terá pão murcho e envelhecido.

Capítulo 8
O Vampirismo

A obsessão é uma infestação da alma, semelhante à infecção do corpo carnal, produzida por vírus e bactérias. A alma é o espírito enquanto encarnado. Morto o corpo, a alma se liberta e reassume a sua condição livre de espírito. Dessa maneira, no Espiritismo não existe a chamada alma do outro mundo. O espírito encarnado torna-se alma de um corpo. Dizia o Padre Vieira, nos seus sermões: "Quereis ver o que é a alma? Olhai um corpo sem alma". Tinha razão o grande pregador. Sai a alma do corpo e só temos o cadáver. Mas enquanto se acha no corpo, encarnada, a alma está sujeita à infestação produzida por espíritos inferiores. O Dr. Karl Wikland abriu em Nova York, há mais de trinta anos, uma clínica especial para obsessões. Sua esposa era médium e lhe servia ao mesmo tempo de enfermeira e pneumoscópio. Observava os clientes pela vidência e dava o diagnóstico ao marido. O Dr. Wikland publicou um livro curioso, intitulado *30 Anos entre os Mortos*, no qual relatou os casos surpreendentes da sua clínica. Todos sofriam de infestação, ou seja, de vários tipos de obsessão por espíritos.

Kardec classificou a obsessão em três categorias: obsessão simples, subjugação e fascinação. O primeiro tipo se caracteriza por perturbações mentais e alterações de comportamento, sem muita gravidade. O segundo, pelo domínio do corpo, produzindo-lhe os chamados tiques nervosos e sujeitando-o a atitudes ridículas em público. O terceiro consiste no domínio hipnótico de corpo e alma, através de um processo de fascinação que deforma a personalidade. É uma escala simples, como Kardec gostava de fazer para não complicar as coisas. O importante, para Kardec, não era dar nome aos fatos, mas encontrar o meio de resolvê-los.

Nos relatos publicados na Revista Espírita Kardec nos oferece uma visão assustadora dos processos obsessivos no seu tempo, há mais de um século. O Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, médico e senador do Império, e posteriormente o Dr. Inácio Ferreira, diretor clínico do Hospital Espírita de Uberaba. publicaram importantes trabalhos sobre os processos obsessivos no Brasil. Essas obras, *A Loucura sob Novo Prisma*, de Bezerra, e *Novos Rumos à Medicina*, de Inácio Ferreira. Infelizmente, o nosso meio médico-espírita não foi muito além disso. O crescimento assustador dos casos de obsessão fez surgir, só no Estado de São Paulo, mais de trinta Hospitais Psiquiátricos Espíritas, hoje reunidos numa Federação, e mais de vinte nos demais Estados. Mas ainda não temos uma Psiquiatria Espírita cientificamente estruturada. A massa das ocorrências obsessivas continua sobrecarregando os Centros e Grupos Espíritas, nos quais colaboram alguns médicos abnegados. A Medicina oficial se mostra hostil e aproveita-se dos organismos estatais para fazer pressão contra as práticas mediúnicas, chegando ao cúmulo de proibir trabalhos de desobsessão nos próprios hospitais espíritas. O desenvolvimento da Parapsicologia, que poderia contribuir para dar um pouco de claridade a esse quadro sombrio, foi tumultuado entre nós pela baderna sectária de padres gananciosos e ignorantes, que conseguiram desinteressar as áreas universitárias, temerosas de

tratar do assunto. Um médico e intelectual paulista de renome chegou a publicar artigos contra a criação de hospitais espíritas, batendo na velha tecla reacionária da sua pianola de superstições. Afirmou, com toda a sua sapiência, que os espíritas fabricam loucos e depois, levados pela dor de consciência, fundam hospitais para loucos. Não podia compreender que os hospitais espíritas são frutos do abandono em que se encontra a imensa massa de obsedados, entregues à violenta terapêutica de tóxicos e choques elétricos. Na maioria absoluta estão entregues a si mesmos, no delírio ambulatório dos Centros Espíritas, sem recursos e perseguidos, e dos consultórios psiquiátricos materialistas.

Nesse panorama desolador proliferam os terreiros do sincretismo com suas defumações à pólvora, seus exorcismos leigos e sua terapêutica de herbanários, apoiada nos ritos selvagens do sangue de galinhas pretas e gatos pretos. Pelo menos em defesa desses animais inocentes, é necessário que o nosso meio espírita reaja, pondo um pouco de lado os inócuos processos de uma reforma íntima artificial e ilusória, para lutar contra a falta absoluta de assistência terapêutica adequada aos casos de obsessão. O que vai por aí de clínicas parapsicológicas papa-notas ameaça-nos de um dilúvio de charlatanice. São os espíritas, que conhecem de perto essa situação e as suas ameaças, os que devem esquecer um pouco os seus piedosos anseios de santificação individual, para lutar corajosamente em favor dos obsedados diariamente lançados às feras.

No capítulo trágico da obsessão em massa temos o tópico especial do vampirismo. Desde a mais alta Antigüidade os casos de obsessão e loucura foram conhecidos e tratados a pancadas para expulsão dos demônios causadores. Na Idade Média, como disse Conan Doyle, houve uma invasão de bárbaros, que os clérigos combatiam com afogamento das vítimas nos rios e lagos e a queima dos hereges vivos em praça pública, sobre montes de lenha a que se ateava o fogo da purificação. Nos conventos e mosteiros houve a infestação dos súcubos e íncubos, demônios libertinos que se apossavam das vítimas, homens e mulheres, para relações sexuais delirantes. A eclosão da Renascença, após o milênio de torturas e matanças, aliviou o planeta com a renovação da cultura mítico-erótica, em que as flores roxas da mandrágora atraíam os vampiros do sexo condenado. Em nossos dias assistimos a um explodir de recalques e frustrações nas águas sujas da pornografia e da criminalidade erótica. Voltam os vampiros, em bandos famintos, ansiosos pelo sangue das novas vítimas. No meio espírita surgem livros mediúnicos de advertência, como *Sexo e Destino*, na psicografia de Chico Xavier, e livros de elaboração humana, mas baseados em experiências mediúnicas, como *Sexo Depois da Morte*, do Dr. Ranieri. São revelações chocantes, mas necessárias, de um aspecto aterrador do problema mediúnico. Não atestam contra a Mediunidade, mas tentam despertar os incautos quanto aos perigos do mediunismo selvagem. São muitos os casos de sexualidade mórbida, exasperada pela atividade dos vampiros. Esta denominação é dada aos espíritos inferiores que se deixaram arrastar nos delírios da sensualidade e continuam nessa situação após a morte. A Psiquiatria materialista, impotente diante da enxurrada, incapaz de perceber a ação parasitária dos vampiros, desiste da cura dos desequilíbrios sexuais e cai

vergonhosamente na aceitação desses casos como normais, estimulando as vítimas no desgaste desesperado de suas energias vitais, em favor do vampirismo. Não obstante, mesmo ignorando as causas profundas do fenômeno ameaçador, poderia ela contribuir para o socorro a essas criaturas, através de teorias equilibradas sobre os desvios sexuais. Ao invés de dar-lhes a falsa cidadania da normalidade, podiam os psiquiatras da libertinagem recorrer às teorias da dignidade humana, que se não são espirituais, pelo menos defendem os direitos do espírito. Mas preferem deixar-se envolver, que é mais fácil e mais rendoso, tornando-se os camelôs ilustres da homossexualidade, os protetores e incentivadores pseudocientíficos da depravação.

A existência de certas formas de vampirismo, como a sexual, que viola princípios morais e religiosos, foi pouco tratada no Espiritismo em virtude do escândalo que provocava, podendo até mesmo causar perturbações a criaturas simples ou excessivamente sensíveis. Não obstante, foi sempre conhecida dos estudiosos e pesquisadores e incluída no rol das obsessões. Trata-se realmente de um tipo de obsessão no campo das viciações sensoriais. A denominação de vampirismo decorre de sua principal característica, que é a sucção de energias vitais da vítima pelos obsessores. É uma modalidade grave de obsessão que pode reduzir o obsedado à inutilidade, afetando-lhe o cérebro e o sistema nervoso, tirando-lhe toda disposição para atividades sérias. Nos Centros e Grupos espíritas bem orientados, esses casos são tratados de maneira especial, em pequenas reuniões privativas, com médiuns que disponham de condições para enfrentar o problema. Como no caso das obsessões alcoólicas, toxicômanas e outras do mesmo gênero, é necessário o máximo cuidado na seleção das pessoas que vão tratar do assunto e o maior sigilo a respeito, a fim de evitar-se o prejuízo dos comentários negativos, que influem fatalmente sobre o caso, provocando agravamentos inesperados da situação das vítimas. A maioria dos casos do chamado homossexualismo adquirido, senão todos, provêm de atuação obsessiva de entidades animalescas, entregues a instintos inferiores. Mas a responsabilidade não é só dessas entidades, é também das vítimas que, de uma forma ou de outra, se deixaram dominar pelos primeiros impulsos obsessivos ou até mesmo provocaram a aproximação das entidades. A experiência de vários casos dessa natureza revela-nos ainda os motivos de provação, decorrentes de atrocidades praticadas no passado pelas vítimas atuais, que são agora colocadas na mesma posição em que colocaram criaturas inocentes em encarnações anteriores. A lei de causa e efeito, determinando o karma da terminologia indiana, colhe suas vítimas geralmente no período da adolescência, quando essas ocorrências são mais favorecidas pela crise de transição da idade. Mas também há casos ocorridos na idade madura e na velhice, dependentes, ao que parece, de crises típicas desses períodos. Nos casos chamados de perversão constitucional a presença dos obsessores não está excluída, pois eles são fatalmente atraídos e ligam-se às vítimas excitando-lhes as sensações e agravando-lhes a perturbação. Em todos esses casos o auxílio de práticas espíritas específicas dá sempre resultados. E se houver boa-vontade da parte das vítimas os casos serão resolvidos, por mais prolongado que se torne o

tratamento. Em casos difíceis e complexos, como esses, é necessária uma boa dose de compreensão e paciência da parte dos que os tratam e uma estimulação constante das vítimas na busca da normalidade.

Os desvios sexuais têm procedências diversas. Suas raízes genésicas podem vir de profundidades insondáveis. A própria filogênese do sexo, que começa aparentemente no reino mineral, passando ao vegetal e ao animal, para depois chegar no homem, apresentando enorme variação de formas, inclusive a autogênese dos vírus e das células e a bissexualidade dos hermafroditas, justifica o aparecimento de desvios sexuais congênitos. Mais próximos de nós nas linhas de hereditariedade germinal estão os ritos da virilidade de antigas civilizações, entre as quais a Grécia e a Roma arcaicas, onde em várias épocas esses ritos vigoraram de maneira obrigatória, como em Esparta, onde os efebos, adolescentes, deviam receber a virilidade transmitida por homens adultos e viris através da prática homossexual, fornecem elementos possíveis de explicação para o fenômeno. Além da hereditariedade filogenética, há o problema das sensações que se gravam, de maneira mais ou menos intensa, nas estruturas supersensíveis do perispírito, projetando-se em formas dinâmicas na memória profunda ou inconsciente. Essas formas sensoriais podem aflorar na afetividade atual, atraídas por sensações afins, no processo do associacionismo sensorial. Tudo isso, entretanto, não elimina a tendência à normalidade da espécie, principalmente num sistema básico como a da reprodução.

Dessa maneira, os indivíduos afetados por essas deformações sensoriais encontram no seu próprio organismo atual e na sua consciência os fatores de resistência necessários ao restabelecimento do seu equilíbrio genésico. A ação paralela do vampirismo, que agrava as manifestações de desequilíbrio, recebe das práticas de desobsessão o reforço de que necessitam para correção de seu desequilíbrio. A Psiquiatria materialista, que desconhece os processos dinâmicos do espírito, pode considerar esses casos como irremediáveis e recorrer ao processo escuso de normalizar o anormal. Mas o Espiritismo nos fornece os recursos do esclarecimento científico e racional do problema.

Enganam-se as entidades espirituais e os estudiosos humanos de Espiritismo quando atribuem a responsabilidade dos desvios sexuais à reencarnação, aludindo ao problema das mudanças de posição sexual de uma encarnação para outra. Sabemos hoje com segurança que a sexualidade é um sistema de polaridade não adstrito à forma específica do aparelho sexual. Na verdade, a sexualidade é a fonte única dos dois sexos, o masculino e o feminino. Para a mudança de sexo na reencarnação, em face da necessidade de experiências novas no plano evolutivo, basta a inversão da polaridade na adaptação do espírito ao novo corpo material Essas inversões se processam no perispírito, como ensina Kardec, pois é este e não o corpo o controlador de todo o funcionamento orgânico e fisiológico do corpo material. Seria estranho que, num caso de importância básica para a evolução humana na Terra, essas mudanças não estivessem sujeitas a rigoroso controle das inteligências responsáveis. O que parece evidente nesses casos é a predominância de elementos da sensibilidade feminina na reencarnação masculina e vice-versa, como nova aquisição do espírito que

deve consolidar-se em nova vida. A concepção de Balzac em *Spirite*, uma das mais belas obras da sua série de romances filosóficos e mais aceitável, embora ainda não verídica: Spirite é um ser superior que reúne em sua personalidade, na fusão das almas gêmeas, as duas personalidades da dupla polaridade - a masculina e a feminina. Mas essa fusão, essa reunião da parelha humana num indivíduo único, aparece como a síntese dialética das duas metades opostas e complementares, para a integração da unidade biológica da espécie. A unificação biológica, no esquema evolutivo, não pode implicar desajustes e desequilíbrios que perturbem as conquistas superiores da evolução psico-afetiva. Por outro lado, é muito mais lógico e de acordo com a lógica de toda a estrutura legal do Universo, montada num equilíbrio perfeito de minúcias teleológicas. Não se pode esquecer o princípio da finalidade lógica do Todo Universal, para explicar de maneira ilógica um fato específico do processo lógico universal. O que às vezes nos parece um erro da Natureza nada mais é que um momento de ajustamento de conquistas da evolução para o aprimoramento da espécie. Nesse sentido, as tendências anormais aparecem como conseqüências de faltas ou crimes dos indivíduos que as sofrem, sempre com a finalidade de as superar na encarnação presente, jamais de entregar-se a elas. A objeção psiquiátrica e psicológica de que a repressão produz recalques, frustrações, traumas e outras conseqüências desastrosas para o indivíduo provém da visão parcial do problema no campo materialista. Todas as vitórias do homem no sentido de seu ajustamento às condições normais da espécie são recompensadas com a tranqüilidade proporcionada pelo ajuste, eliminando a inquietação do desajuste. Um ser bem integrado em sua espécie corresponde à ordem natural da realidade e às exigências de transcendência de sua própria existência.

O vampirismo cessa no momento em que o obsedado se dispõe a reintegrar-se em si mesmo, na posse de sua personalidade, não aceitando sugestões e infiltrações de vontade estranha em sua vontade pessoal e soberana. Sim, porque em nosso foro íntimo todos os direitos são nossos. A supremacia da nossa jurisdição pessoal sobre nós mesmos é garantida pelos poderes superiores do espírito desde o instante em que tomamos consciência do nosso valor espiritual e do nosso destino humano. O ajustamento aos planos inferiores, proposto como solução do caso, é ilógico e atenta contra os objetivos superiores da vida. Não vivemos para refocilar nas esterqueiras da espécie, mas para libertar-nos dela. Cabe aos espíritas, que conhecem a outra face da existência, medir a distância qualitativa entre o entregar-se às forças negativas do passado, como escravos de uma situação miserável entre os homens, e o ato de empossar-se nos seus direitos de criatura humana em evolução, avançando na direção dos anseios superiores da sua consciência humana. E cabe aos médiuns auxiliar os que estão ameaçados de ser devorados pela esfinge por não terem decifrado os seus enigmas.

No tratado mediúnico dos problemas humanos os médiuns são instrumentos vivos e conscientes da batalha contra o vampirismo de todas as tendências. A idéia simbólica da Mitologia, de que os deuses aspiravam as emanações das coisas que não mais podiam comer ou beber é a

imagem exata da vampirização das criaturas encarnadas pelas entidades desencarnadas inferiores, espíritos ainda em estágio evolutivo primário, que buscam suprir a ausência do seu corpo carnal com a exploração impiedosa e vil dos corpos alheios. Quem repele essa exploração aviltante não age apenas em causa própria, mas na defesa do futuro dos espíritos vampirescos e na sustentação da dignidade humana.

Mas a verdade é que o vampirismo é uma parceria sinistra. Daí a necessidade de se doutrinar primeiro o obsedado, despertando-lhe a consciência das suas responsabilidades, para que ele feche a porta da sua vontade às insinuações dos obsessores.

Um jovem de pouco mais de vinte anos procurou-nos para expor o seu caso. Começou dizendo em lágrimas, de mãos trêmulas: "Sou um desgraçado que goza mais do que muitos rapazes felizes. Toda noite sou procurado em meu leito por uma deidade loira e belíssima, extremamente amorosa, que se entrega a mim. É uma criatura espiritual, bem sei, e não quero aceitá-la, mas não posso repeli-la. Após, ela desaparece como nos contos de fadas e eu me levanto e grito por ela em tamanho desespero que acordo os vizinhos. Todos pensam que sou um sonâmbulo ou um louco. Ajude-me, por piedade!". O caso vinha de longe, desde os seus 16 anos. A jovem lhe aparecera pela primeira vez como sua filha de outra encarnação. Essa referência filial era um embuste, destinado a aumentar as sensações com o excitante do pecado. Seis anos depois o reencontro por acaso. Fugira envergonhado pela confissão e com medo de que o libertássemos da obsessão. Mas já parecia um velho, cada vez mais trêmulo e de cabelos precocemente grisalhos. Prometeu ir ao Centro que lhe indicamos, mas não foi. Tornou a desaparecer e nunca mais tivemos notícias dele. O vampirismo o exauria e deve tê-lo levado à morte precoce. Os casos desta espécie são mais freqüentes do que geralmente supomos, mas permanecem em sigilo. A situação de ambivalência da vítima auxilia o vampirismo destruidor. A Idade Média se foi mas esses casos medievais continuam às portas da Era Cósmica. Mais dois casos conseguimos solucionar em trabalhos de desobsessão em que os pacientes compareciam e as entidades se manifestavam. Mas se o obsedado não se quer curar, nada se pode fazer. A cura está em suas mãos, não nas nossas. O livre-arbítrio do obsessor e do obsedado não será violado. Kardec relata um caso em que conseguiu salvar a vítima em sessões em que ele não comparecia, mas o obsessor se manifestava. Eram sessões diárias, realizadas com absoluta pontualidade por um pequeno grupo coeso. Outro caso foi de um bancário, já de trinta anos, que nos procurou e escreveu ao Chico Xavier. Pedia socorro e ameaçava suicidar-se. Não obstante alegava que era um caso de disfunção no campo estritamente biológico e não queria submeter-se a trabalhos espíritas. Tratava-se de homossexualismo masculino. Chico Xavier nos respondeu dizendo que só nos restava orar pelo obsedado e sua vítima. A vítima era o espírito vampiresco...

Não podemos nos esquecer, em casos desses, de que o livre-arbítrio é indispensável à evolução do espírito Cabe a ele procurar com afinco a cura, se realmente desejar, e então terá toda a assistência espiritual de que necessita.

Basta um dos parceiros querer de verdade para que o caso possa ser superado. Este é um dos momentos cruciais em que a responsabilidade individual no processo evolutivo se mostra soberana. Um homem de 40 anos, pobre e envelhecido, chorava ao dizer-nos que não podia esquecer o parceiro jovem que o abandonara. "Choro de vergonha – dizia – mas se ele voltar eu ficarei feliz." Apesar dessa teimosia, curou-se após dez anos de luta solitária, orando dia e noite, segundo nos explicou mais tarde. Sua mãe o auxiliava com aparições periódicas, sem nada dizer, mas de olhos cheios de lágrimas. Graças a essa ajuda materna conseguiu despertar a sua vontade anestesiada e livrar-se das tentações vampirescas. Tornou-se espírita e casou-se. Hoje freqüenta regularmente um Centro Espírita em São Paulo e se interessa especialmente pelos casos de vampirismo. Quer pagar com o seu auxílio aos outros o benefício imenso que recebeu. Ninguém sabe nada do seu passado infeliz e todos o consideram e estimam. Não foi esse o caso de Madalena, que Jesus socorreu e transformou na primeira testemunha da sua ressurreição?

A Mediunidade – luz divina no campo da Comunicação – tão desprezada, aviltada e caluniada pelos que não a conhecem, segue humilde na Terra as pegadas de Jesus, semeando bênçãos nos caminhos de urzes e espinheiros impiedosos do mundo dos homens. Graças a ela as mães sofredoras, que deixaram filhos no mundo em resgates dolorosos, conseguem socorrê-los e libertá-los de provas esmagadoras, que os homens, em geral, só sabem aumentar e agravar. Os médiuns precisam conhecer esses episódios emocionantes, para compreenderem o esplendor secreto de sua missão e a utilidade superior e humilde do mediunato que lhes foi concedido. Chegou a hora em que esses fatos secretos devem ser proclamados de cima dos telhados, segundo a previsão de Jesus registrada nos Evangelhos. Mais do que nunca se comprova o adágio: "Ajuda-te e o Céu te ajudará".

Capítulo 9
A Moral Mediúnica

O fato de Kardec considerar que a Mediunidade não depende da Moral, pois se relaciona com o corpo, serviu de motivo para explorações dos inimigos gratuitos do Espiritismo, que passaram a proclamar a falta de moral no Espiritismo. A afirmação kardeciana se confirma nas pesquisas atuais da Parapsicologia, como já se confirmara nas pesquisas da Metapsíquica. Nas experiências espíritas posteriores a Kardec também se confirmou essa distinção. E isso porque, como se vê em *O Livro dos Médiuns*, a mediunidade não é uma graça ou dom especial concedido a criaturas privilegiadas, mas uma faculdade humana como as demais. A moral do médium determina o seu comportamento como criatura humana e regula as suas relações com os espíritos. A questão moral não surge da faculdade mediúnica mas da sua consciência. Não se pode dizer que um médium entregue a práticas maldosas ou a objetivos condenáveis, contrários ao senso moral, não seja médium. Assim como há criaturas boas e más na Terra, há espíritos maus e bons que com elas se afinam e se servem da sua mediunidade para fins maus ou bons. Se o médium sem moral se corrigir e passar a portar-se pelos princípios morais, passará a servir aos espíritos bons através da sua mesma mediunidade. Assim acontece com todas as faculdades humanas. O homem pode aplicar a sua inteligência para o mal ou para o bem, mas a sua inteligência é sempre a mesma, quer atue num ou noutro campo. A maldade da linguagem não depende da língua, mas da mente que a usa. O mesmo acontece com todas as faculdades humanas.

O que gerou esse mau entendimento do ensino de Kardec foi a crença ingênua de que Deus só concede benefícios a criaturas santificadas, quando os fatos nos mostram o contrário: as criaturas más, perversas e viciadas são as que mais recebem os benefícios de Deus, que deseja desviá-las de seus erros pela transformação da consciência e não pela força, pois através desta a transformação seria forçada e não natural, espontânea e verdadeira. Deus nos corrige através de suas leis, tanto as leis naturais quanto as leis morais, que devemos conhecer os seus efeitos na própria experiência com elas. Na sua misericórdia, concede boas faculdades aos maus para que eles aprendam a ser bons. Se através das boas faculdades praticarem o mal, receberão a paga fatal de seus atos nas conseqüências da maldade praticada.

Quanto à ligação da mediunidade com o corpo, que muitos espíritas não entenderam, confundindo-a com uma suposta origem orgânica da mediunidade, trata-se de coisa muito diferente disso. A mediunidade está ligada ao corpo pelo espírito que a ele se liga, mas não pertence ao corpo e sim ao perispírito, que enquanto estivermos encarnados faz parte do corpo e permite a ligação do espírito comunicante com o perispírito do médium. É o grau maior ou menor da possibilidade de expansão das energias perispirituais no corpo do médium que determina a maior ou menor flexibilidade do médium na recepção das comunicações. Quando os espíritos dizem que a mediunidade, que a faculdade mediúnica liga-se ao organismo e independe da moral, confirmam

a posição de Kardec. O perispírito controla o organismo como provaram as pesquisas soviéticas das funções do corpo bioplásmico do homem. O moral, mais acentuadamente na língua francesa do que na portuguesa, representa o conjunto das atividades mentais e psíquicas da criatura. É evidente que a dependência orgânica da mediunidade decorre da ligação espírito-corpo, através do perispírito. Quando falamos, usamos o equipamento fônico do corpo para uma comunicação mental, que não é de ordem orgânica, tanto que, nas manifestações mediúnicas e nas experiências telepáticas atuais, a voz do espírito (de morto ou de vivo) identifica-se pela sua tonalidade e timbre, que o desaparecimento do aparelho vocal na morte não permitiria repetir-se.

A existência da mediunidade, determinando mudanças no comportamento dos médiuns, necessariamente dá origem à Moral Mediúnica. Sabemos que a Moral é um sistema de regras ou normas de conduta, derivadas dos costumes e das tradições de uma determinada cultura Os costumes derivam, por sua vez, das necessidades de ordem e respeito humano das estruturas sociais. Isso levou os materialistas a considerarem a Moral como simples mecanismo de manutenção e defesa da sociedade, variando de povo para povo, não raro de maneira contraditória. Não passa de uma convenção pragmática. Mas os estudos mais profundos de Bergson e outros mostraram que Moral e Religião são formas de projeção das exigências da consciência nas estruturas sociais. A negação materialista da Moral Absoluta e a negação positivista da Moral Metafísica tiveram então de enfrentar a tese bergsoniana da Moral Consciencial. A Moral existe como absoluta e metafísica nas aspirações de ordem, justiça, beleza e bondade dos anseios humanos de transcendência. Em sentido geral, podemos dizer que a Moral é a busca da realização do Bem na Terra. Não seria possível que uma doutrina de elevação e aprimoramento do homem, como o Espiritismo, deixasse de produzir um tipo de Moral. O aparecimento da Moral Mediúnica logo se fez sentir, orientada nos rumos superiores da Moral Cristã. Mas se esta, assim chamada, desviou-se em muitos pontos da Moral do Cristo, a Moral Mediúnica agiu no sentido de reação espiritual para o restabelecimento da Moral Evangélica. É sobretudo em *O Livro dos Espíritos* e em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* que encontramos as leis da Moral Mediúnica. A comprovação científica da sobrevivência do homem após a morte, através da Mediunidade, mostrou a relação direta existente entre Mediunidade e Moral e, portanto, entre Espiritismo e Moral. O médium tem, nos princípios de moral, as normas ideais da sua orientação no mundo. Se as conhecer e seguir, sua mediunidade será altamente benéfica, posta a serviço dos Espíritos Superiores, seja no campo da assistência aos espíritos inferiores desencarnados e encarnados, seja na área das atividades doutrinárias de ordem social ou especificamente no plano cultural da transformação dos conhecimentos humanos, para a compreensão espiritual da vida.

A transformação do mundo se faz pela conversão. Não se trata da conversão a uma seita, a um tipo especial de fé, mas da conversão dos valores mundanos em valores espirituais. O médium é um servidor do espírito e para servi-lo terá de integrar-se nas condições espirituais que traz em

si mesmo, na sua essência humana. O próprio desenvolvimento da mediunidade lhe ensina isso. As funções mediúnicas mudam a direção do seu campo visual e perceptivo. Ele se desliga, se desimanta da realidade mundana para focalizar em sua sensibilidade as perspectivas do espírito. Essa esquizofrenia divina caracteriza os estágios superiores da evolução anímica em que a realidade concreta se converte na abstração das idéias, dos conceitos, dos sonhos, dos anseios utópicos. O sonho dos poetas e artistas e a utopia que leva os mártires ao suplício são os primeiros sinais do alvorecer da mediunidade na esteira da reencarnação. O espírito sobe do sensível platônico (do concreto) para o inteligível (o abstrato) que é a visualização das essências. Por isso Platão, nos seus últimos anos, sentia-se incapaz de transmitir em palavras as percepções do seu mundo das idéias. E por isso Paulo de Tarso, que imantado às tradições violentas do Judaísmo, perseguia o Cristo, ao receber o impacto da existência espiritual do Mestre, na Estrada de Damasco, desliga-se do mundo de falsas imagens em que vivia, perde a visão das coisas e mais tarde a recobra num ângulo superior, com os passes de Ananias, convertendo-se ao Cristianismo nascente. O desenvolvimento espiritual de Paulo o leva, naquele instante, à conversão cristã pelo batismo do espírito, nas águas invisíveis da mediunidade. Dali por diante ele será inspirado por Estêvão, o mártir que ele mandou lapidar na sua loucura mundana. Tudo se converte ao seu redor, o mundo em que passa a viver não é mais o da arrogância e da brutalidade, mas o mundo da abnegação e da humildade. O Doutor da Lei converte-se em aprendiz e servo da realidade cristã.

A mecânica da conversão é irreversível, porque decorre de um processo de amadurecimento psíquico, no desenvolvimento das potencialidades do espírito. As potencialidades desenvolvidas elevam o grau consciencial da criatura e alargam o seu campo visual e perceptivo. O convertido, como aconteceu com Paulo, despe-se de todo o seu passado, mesmo à custa dos maiores prejuízos no plano material e mundano, para integrar-se numa compreensão superior da realidade. Só podem regredir os pseudoconvertidos do formalismo religioso, da dogmática artificial das igrejas, que nada mais fazem do que trocar de dogmáticas, sem tocar nem de leve a fímbria da Verdade. O poder do Evangelho vivo e puro é semelhante ao do sol, que amadurece os frutos sem que estes possam voltar à condição de verdes. Daí a razão do ensino de Kardec no tocante à inconveniência do proselitismo forçado. Que cada qual fique onde está, na escala evolutiva das crenças religiosas, pois o conhecimento espiritual requer tempo e maturação de cada criatura. Assim sendo individualmente, também o é coletivamente. O mundo só pode completar a sua conversão, iniciada pelo Cristo, quando estiver maduro para isso Não obstante, não temos o direito de cruzar os braços ante as dores do mundo. Nosso dever é trabalhar incessantemente para que a concepção espírita, o que vale dizer o ideal cristão em sua pureza primitiva, esteja sempre ao alcance de todos, particularmente das novas gerações.

A Moral Mediúnica não é simples repetição dos preceitos evangélicos usados pelas religiões na medida de suas conveniências e aplicadas a sociedades no resguardo de seus interesses. É a moral total ensinada e vivida por Jesus,

interpretada em profundidade e sem temor pelos que realmente a compreenderam, como vemos no exemplo de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Kardec desvestiu os Evangelhos de todos os adereços mitológicos e supersticiosos dos textos clássicos (escritos no clima da Era Mitológica) para destacar apenas o ensino moral do Cristo, que é a essência de toda espiritualidade verdadeira. Nada de aparatos e fantasias, nada de simbologias misteriosas, apenas a verdade clara dos princípios, e estes desenvolvidos em todas as suas possibilidades de aplicação.

Não são rígidos os princípios da verdadeira Moral Cristã. São claros e flexíveis, dessa flexibilidade funcional que permite a sua aplicação nos mais variados aspectos da existência. O princípio do Amor é o centro luminoso desse leque de conceitos que se abrem nas dimensões da consciência. Dele parte a normativa de todos os demais princípios. A antiga atitude de suspeita e desconfiança em relação aos outros, quando não de repúdio e hostilidade, transforma-se em simpatia e acolhimento para todas as criaturas. O médium é afável e serviçal, pois conhece os deveres da fraternidade ativa no trato com a imensa irmandade humana. Amar aos inimigos era um absurdo, uma idéia louca para a Antigüidade. Perdoar indefinidamente aos que erram parecia um incentivo ao erro, um estímulo ao crime. Dar a face direita ao que bateu na esquerda, uma prova de covardia ou insanidade. Dar a capa também ao que nos pede o vestido, uma prodigalidade tola e perigosa. Acertar o passo com os adversários nos caminhos do mundo, uma imprudência suicida. Suportar com paciência os que nos ofendem e perturbam, nada menos do que entregar-se ao abuso dos atrevidos. Livrar-se dos excessos da fortuna para não ser ladrão dos que nada possuem, uma forma perdulária de incitar à preguiça, à malandragem. Aconselhar aos rebeldes a não-violência, uma forma indigna de aprovar o direito da força. Não cobiçar as posses alheias, uma asfixia do poder de conquista. Manter a firmeza das palavras: sim, sim; não, não, uma carência de habilidade e astúcia. Não roubar, não mentir, não cultivar a hipocrisia e a traição, uma traição a si mesmo. Ser sincero, não enganar nem fraudar, o caminho da derrota e da miséria.

Todos esses princípios de uma conversão estúpida forçaram os homens apegados ao mal e ao egoísmo a procurar os meios falaciosos de fraudá-los. E dessa fraude universal do direito e da verdade surgiram os anti-evangelhos das concessões igrejeiras com o rendoso comércio das indulgências. A Moral Cristã reverteu-se na moral dos homens devorados pelos instintos ferozes da selva.

Dois mil anos de domínio do Anticristo em nome de Cristo arderam no delírio das controvérsias, das simulações, das perseguições em nome da piedade divina, das lutas e matanças que ensangüentaram toda a Terra, para saciar a sede e a fome de conquista dos dominadores. Além da crucificação do Cristo foi necessário o suplício dos mártires e a matança sem limites dos inocentes, na defesa da moral cristã revirada no avesso das morais arcaicas. Só então foi possível, graças ao florescimento das gerações renovadoras, o impacto das eclosões mediúnicas e a ressurreição do culto pneumático (do grego: pneuma, espírito), no reconhecimento difícil da faculdade mediúnica, ainda hoje torturada pela brutal incompreensão dos que não conseguiram elevar-

se um pouco acima das convenções condicionadoras de atitudes e comportamentos anticristãos. O amor humano voltou à sensualidade desbragada dos cultos pagãos, como advertiu Paulo aos Coríntios.

A Moral Mediúnica, entretanto, não cedeu. As experiências da prática espírita revelaram a situação desesperada em que se encontravam, na ressurreição imediata, não da carne, mas do espírito dos mortos, os que haviam tripudiado sobre os ensinos do Mestre. Kardec, em O Céu e o Inferno, provava a possibilidade de saber-se, neste mundo, o que se passa no outro. Os quadros das aflições umbralinas, dos espíritos que não conseguiram ir além dos umbrais da Terra, permanecendo nas regiões inferiores do mundo espiritual, eram realmente infernais, embora não tanto como na imaginação dos teólogos, torturadores criadores de demônios. Os que haviam, por seus méritos, alcançado os planos superiores, não viviam entre anjos em revoadas, mas gozavam de situação realmente feliz. Além disso, as pesquisas kardecianas revelavam, confirmando Paulo, em contradição com os teólogos, que a ressurreição de Jesus não fora no corpo carnal, mas no corpo espiritual, e que os mortos não esperam o Dia do Juízo para ressuscitar, pois, ainda de acordo com Paulo, ressuscitam logo após a morte. Kardec lembrava que os teólogos não haviam conseguido localizar o Purgatório, mas ele o fazia, indicando que o lugar de purgação era a Terra, em nosso sistema solar, e mundos de condições semelhantes às do nosso planeta. em outros sistemas. A vaidade humana sentia-se ferida, na tola pretensão de estarmos, como queria o Dr. Pangloss, no melhor dos mundos. Ruíam as pretensões igrejeiras ante essas revelações baseadas em pesquisas sérias, feitas com rigor científico, mas a Igreja investia furiosa contra o Espiritismo, que lhe roubava o direito aos segredos de Deus. Dali por diante, as criaturas de bom-senso não comprariam mais os passaportes eclesiásticos para as mansões celestes. Não obstante, a situação das almas do Purgatório era tão grosseira que elas continuariam a negociar nos guichês sagrados todos os sacramentos supostamente capazes de levá-las ao Céu, como ainda hoje o fazem.

A Moral Mediúnica não se impunha e não se impõe de maneira coercitiva ou ao tilintar das moedas. Abolindo a simonia, mostrava que só existe realmente uma maneira de se conseguir passaporte para o Céu: a prática da caridade cristã humilde, silenciosa e secreta, sem alardes e intenções mercenárias. Os vendilhões do Templo eram novamente expulsos com bois e carneiros sacrificiais, mas dessa vez com o chicote invisível das manifestações mediúnicas. Restabelecia-se o princípio evangélico do *dai de graça o que de graça recebestes*. Nem um só dos atos mediúnicos poderia ser pago. pois não se vende o que não se possui. Esse é um dos princípios mais exigentes da Moral Mediúnica. O Médium que a viola desrespeita as próprias palavras do Cristo e se faz ladrão perante sua própria consciência. A Moral Mediúnica substitui o sacerdócio remunerado pelo mediunato gratuito. As mãos do Médium devem estar marcadas nobremente pelos calos do trabalho com que se sustenta e limpas de interesses materiais em tudo quanto fizer, pois não lhe cabe o direito de cobrar o que recebeu para a prática do amor ao próximo. O Médium sabe e o confirma experimentalmente, no exercício das suas funções

espirituais – na ajuda ao doente e aos desvalidos, na assistência ao moribundo e ao desesperado, no ensino doutrinário e na pregação evangélica e assim por diante – que não pode vender o que não é dele, que não pode extorquir dinheiro do próximo a pretexto de que lhe dá recursos que não dependem dele.

Essa medida estabelecida por Kardec na prática espírita tornou-se o princípio básico da ética doutrinária, fundamentada nos Evangelhos. Em conseqüência dela, muitos exageros são cometidos. Certas pessoas acham que um profissional espírita de qualquer ramo está obrigado a fazer tudo de graça no campo doutrinário e até mesmo para os adeptos da doutrina. Um médico, um pedreiro, um advogado, um dentista e assim por diante, devem trabalhar gratuitamente nas instituições espíritas. É uma extensão absurda de princípio referente exclusivamente aos dons espirituais. O médium, o conferencista, o doutrinador, todos os que dão assistência espiritual individualmente, em sentido religioso nada podem cobrar. Fora do campo espiritual e religioso não existe nem pode existir o princípio da gratuidade. A finalidade desse princípio é evitar a institucionalização religiosa do Espiritismo em forma de igreja, evitar o comércio religioso, a simonia das igrejas. Porque um pregador pago ou um médium pago expõe-se à tentação de transformar a doutrina em meio de vida. Dessa tentação pode nascer a profissionalização religiosa, que acabaria subordinando a própria doutrina aos interesses financeiros. Os interesses particulares excitam a ambição e anulam a espontaneidade e a sinceridade, abrindo brechas por toda parte para o aviltamento doutrinário. Onde entra o lucro, o interesse pessoal, desaparece a abnegação e com ela a mais alta virtude espírita que é a doação de si mesmo em favor da causa humanitária. Um médium pago, mesmo discretamente, mais hoje, mais amanhã vai entregar-se à fraude, pois se não produzir fenômenos – o que não depende dele – perderá a clientela. Não se trata de um princípio religioso, mas de uma medida ética em defesa da pureza da prática espírita.

Essa medida se justifica não só pelas razões éticas, mas também pela observação do que se passa na prática doutrinária. Uma instituição espírita fundada com dificuldades, onde se destaca o desinteresse e a abnegação de todos, basta crescer um pouco e começar a enriquecer-se para que tudo nela se modifique. O homem sofre a hipnose da moeda, o dinheiro o alucina e o transforma em desonesto. São poucos os que resistem a esse poder do dinheiro, que na verdade não está no dinheiro mas na alma gananciosa e vaidosa. Há casos espantosos de instituições que se enriqueceram e esqueceram as suas próprias finalidades, transformando-se em verdadeiras casas comerciais, onde o interesse financeiro se sobrepõe aos interesses sagrados da doutrina. Os médiuns em evidência são tentados a passar de uma instituição para outra com a promessa de vencimentos disfarçados em benefícios à família ou em pagamento de funções técnicas que não conhecem. Felizmente a maioria dos médiuns têm resistido a essas tentações e triunfado dignamente. Mas os diretores dessas instituições fascinadoras e invigilantes caíram no erro, incidiram no atentado ao formularem suas propostas aviltantes. Se isso acontece em plena vigência do princípio de gratuidade, abandonado o

princípio teríamos a venda e compra de “passes” de médiuns como se fossem jogadores de futebol.

Os que compreendem a doutrina e a amam, e zelam por ela, não podem endossar e nem mesmo tolerar essas irresponsabilidades perigosas.

Os médiuns curadores são os mais expostos à tentação do dinheiro, assediados por laboratórios e até mesmo por hospitais que lhes oferecem empregos generosos em seu quadro de funcionários, para explorar o seu nome e a sua mediunidade, com o sofisma de que ali poderão trabalhar sem perigo e prestar maiores serviços em casos incuráveis. Muitos deles caíram nesses alçapões do mundo, mas a maioria não cedeu. A Moral Mediúnica falou mais alto em suas consciências. Os médiuns de efeitos-físicos e particularmente os de materialização geralmente são tentados pela sua própria ganância ou pela ignorância de pessoas que pretendem exibi-los para converter os incrédulos, como se o Espiritismo fosse uma questão de crença e de proselitismo, e não um processo de transformação do homem e do mundo. Em tudo isso pontificam a ignorância, a ganância e a vaidade, estigmas da inferioridade espiritual, que merecem a piedade dos espíritas sinceros, mas não a tolerância que leva à cumplicidade.

Não se pode, porém, manter um hospital, uma creche, um orfanato, uma escola, uma Faculdade ou uma Universidade – absolutamente necessários no meio espírita, para a própria realização das finalidades doutrinárias, sem a contratação de profissionais de várias categorias, espíritas ou não, que darão a sua força de trabalho devidamente remunerada. Mesmo nesses casos temos encontrado gestos de abnegação de espíritas que se dedicam à execução de serviços gratuitos, muitas vezes recebendo o salário e devolvendo-o no todo ou em parte aos cofres da instituição como doação. Não estão obrigados a isso, mas o fazem na intenção de melhor colaborar com as instituições, convictos da sua importância e necessidade. Mas esses são casos de consciência, de pura abnegação dos que podem fazê-lo. Mas no campo mediúnico nada disso é permitido. Os médiuns podem ser socorridos em suas necessidades por amigos e companheiros generosos, quando realmente necessário, mas não pode vender os dons mediúnicos nem mesmo a pretexto de fazê-lo em benefício desta ou daquela instituição.

Nas reuniões de passes proíbe-se o toque dos médiuns nos pacientes, a não ser para ajudá-los em casos extremos, para evitar mal-entendidos e suspeitas maliciosas que atentam contra o médium, a instituição e a doutrina. Não é necessário de maneira alguma o toque do médium, nem mesmo a pretexto de transfusão fluídica, como se faz em algumas modalidades do sincretismo religioso afro-brasileiro. As mãos do médium funcionam nos passes como antenas captadoras e emissoras de vibrações dos espíritos, o que pode ser feito até a grandes distâncias. A Moral Mediúnica não é nem pode ser preconceituosa, mas não dispensa medidas de segurança e defesa em meio à malícia do mundo. Os passes individuais são geralmente dispensáveis, mas a maioria das pessoas tem necessidade psicológica da imposição das mãos para se sentirem beneficiadas, mas sempre de maneira discreta, guardando a distância conveni-

ente. Muitos aborrecimentos o médium pode evitar com essa precaução. É claro que não devemos ceder aos preconceitos estúpidos, fundados numa falsa moral, mas o preço de uma despreocupação é às vezes tão alto, não atingindo apenas o médium, que não nos convém pagá-lo. Nas relações com o público, na maioria desconhecedor da doutrina, devemos tomar todas as precauções, até mesmo para não afastarmos do benefício pessoas sistemáticas que não compreendem a grandeza de uma doação fluídica. Restringir-nos à nossa maneira de ser, confiantes em nossa sinceridade, sem levar em conta as condições do próximo, é também uma forma de egoísmo.

Certas instituições tomam medidas extremadas como a divisão de homens e mulheres em grupos separados em seus trabalhos mediúnicos ou de palestras e cursos. Trata-se de resquícios da moral hipócrita de tempos excessivamente místicos, em que os moralistas cristãos faziam como os fariseus acusados por Jesus: coavam um mosquito e engoliam um camelo. Toda forma de extremismo é sempre negativa, denotando insegurança e desconfiança de tudo e de todos. Medidas extremas como essa revelam falta de maturidade dos que as impõem e falta de respeito pelos freqüentadores. Além disso, levam ao ridículo. Devemos lembrar-nos desta expressão feliz de Kardec: “O Espiritismo é uma questão de bom-senso.” As pessoas que freqüentam uma reunião espírita devem ser consideradas como respeitáveis e responsáveis. No caso do passe a medida é de ordem puramente interna não pública, transmitida particularmente aos médiuns, de maneira que não ofende a dignidade alheia. Quanto à dignidade dos médiuns, também não é afetada no caso do passe, desde que não recebam uma ordem específica pessoal, mas a devida explicação do problema. Existe a desconfiança semeada pelos adversários da doutrina e é justo que se tomem medidas de resguardo, no entendimento fraterno entre dirigentes e médiuns. Há pequenas minúcias no trato com o público que não podem ser esquecidas na prática mediúnica.

Capítulo 10
Relações Mediúnicas

O problema do relacionamento dos médiuns com os espíritos, com os freqüentadores de sessões, com os companheiros de trabalho espírita e trabalho profissional, com o público em geral, com as instituições doutrinárias e particularmente com o seu meio familiar e os seus protetores e orientadores é de importância fundamental. Não obstante, tem sido negligenciado, acarretando dificuldades que seriam facilmente solucionadas à luz de uma investigação a respeito. O médium isolado ou solitário é um barco à deriva em águas desconhecidas e misteriosas. O médium ligado a uma instituição é um barco ancorado, cuja segurança aparente o impede de navegar. As águas doutrinárias são volumosas e instáveis como a do mar e o barco mediúnico precisa acostumar-se a enfrentar os seus embates para revelar sua resistência, seu equilíbrio, sua potência e velocidade. No plano relativo em que vivemos tudo depende de relações que só se processam na livre atividade. Jesus não teria podido andar sobre as águas nem aplacar a tempestade no mar se o seu barco mediúnico permanecesse ancorado no porto.

A mediunidade oculta no recesso da família ou de um pequeno grupo de reuniões privativas torna-se rotineira e estéril. O médium centraliza as atenções e converte-se numa criatura mimada, considerada excepcional e por isso mesmo a salvo de erros e de críticas. Forja-se assim, em torno do médium, um círculo vicioso de reverência e adoração, de submissão supersticiosa, que o transforma num ídolo ou num oráculo infalível. Essa infalibilidade artificial não o beneficia, nem ao grupo, mas apenas aos espíritos sistemáticos ou mistificadores, que mais hoje mais amanhã poderão levá-lo à obsessão. No ambiente de beatice e temor assim formado, ele é, na verdade, uma vítima dos seus próprios adoradores. O Espiritismo não é assunto privativo e a mediunidade não se fecha em redomas de vidro. Sua função não é específica e giratória, mas aberta, ampla e dinâmica, destinada a expandir-se na multiplicidade das relações por todo o mundo.

O médium solitário vive apenas em duas dimensões: a dimensão do espírito comunicante e a sua própria dimensão individual. Falta-lhe a dimensão social, sem a qual não há possibilidade de confronto de suas percepções e captações com a realidade tridimensional do mundo. Mas além disso falta-lhe a dimensão cultural das relações doutrinárias, que lhe abriria as perspectivas do inteligível, uma estrutura de planos e superplanos do entendimento superior e global das situações existenciais. Quer dizer: a sua solidão voluntária o reduz a uma situação existencial única, desligada das variadas situações em que se desenvolve o processo cultural espírita. Alheio à variedade crescente desse processo, ele cai numa posição doméstica, sem os dados necessários à orientação das suas funções mediúnicas e à verificação da legitimidade de suas captações. Nessa posição está exposto ao envolvimento das entidades mistificadoras, que desviarão facilmente as suas energias mediúnicas para o campo das confusões doutrinárias e, portanto, do aviltamento da doutrina.

Se a nossa realidade existencial no mundo se fecha apenas nas três dimensões, a realidade espiritual, pelo contrário, se abre nas múltiplas dimensões das percepções extra-sensoriais, indispensáveis ao conhecimento total da realidade em que vivemos, bem como das relações estruturais do sensível com o inteligível. O médium solitário torna-se vulnerável à fascinação e à subjugação de entidades interessadas em fazer o conhecimento espiritual retroceder às condições do passado monástico e teológico que o Espiritismo rompeu para iniciar uma nova era da cultura terrena.

As relações sociais no Espiritismo, em campo aberto, têm por finalidade o apoio recíproco de médiuns, estudiosos e pesquisadores dos fenômenos mediúnicos, para troca de idéias e de experiências, de maneira a facultar o desenvolvimento de uma cultura espiritual desligada das superstições do passado obscurantista, em que o isolamento orgulhoso das Igrejas em relação ao avanço científico separou a cultura religiosa da cultura geral. A condição de isolamento do médium, impedindo e frustrando o processo necessário das suas relações mediúnicas, impede a abertura da sua mente para as concepções mais amplas da atualidade cultural. Em poucas palavras: o médium egoísta e seu orientador espiritual semelhante a ele se engolfam em suas próprias lucubrações desprovidas de validade social e perturbam a evolução do processo espírita. Ao mesmo tempo, o apego às suas produções mediúnicas, por ele mesmo consideradas como de grande valor, o afasta cada vez mais do meio social espírita e, conseqüentemente, do meio cultural em que deve desenvolver-se.

Nas relações com as instituições espíritas o médium encontra também uma barreira que geralmente o decepciona, fazendo-o retroceder ao seu isolamento. É o círculo vicioso em que caímos no movimento espírita brasileiro, infelizmente em conseqüência da nossa própria formação religiosa e da nossa falta generalizada de conhecimentos filosóficos, que deu ênfase excessiva, entre nós, ao aspecto religioso do Espiritismo e às tendências místicas e mágicas do nosso povo. O apelo de Kardec à razão não despertou as camadas da população que se voltaram para a doutrina, e nem mesmo a absoluta maioria dos homens de cultura que se revelaram dominados por essa herança ambivalente, ao mesmo tempo mística e positivista, nos últimos tempos sobrecarregadas de influências positivistas e materialistas. O Prof. Cruz Costa observou que a influência do chamado espírito prático português domina nossas atividades culturais. Esse complexo de fatores (ressalvada a ambivalência acima referida) deu ao nosso movimento espírita uma condição conflitiva, que aumenta a confusão no tocante à compreensão da doutrina. O resultado é o aparecimento de mestres doutrinários imbuídos de pretensões revisionistas, inventores de novas práticas e criadores de princípios estranhos à natureza do Espiritismo. Os adeptos sempre aparecem em nossa paisagem cultural anêmica mas pretensiosa, incentivando o aparecimento de novos missionários que se apresentam – com uma confiança alarmante em suas escassas forças – proclamando-se reencarnações de grandes figuras históricas e afirmando-se incumbidos de levar o Brasil à liderança espiritual do mundo. A ingenuidade dos crentes, que não são apenas criaturas incultas mas

também dotadas de cultura universitária (ou pelo menos graduadas), equivale à audácia dos líderes estranhamente convencidos de sua própria grandeza espiritual.

Diante dessa escatologia quixotesca, as relações mediúnicas se confinam em escolas divergentes, pulverizando-se nos divisionismos irreconciliáveis. Médiuns de uma escola não aceitam os princípios de outras, de maneira que as relações se tornam inviáveis. Contra essa situação sem perspectivas, lutam os grupos que defendem os fundamentos legítimos da doutrina, à espera de melhores dias.

As relações mediúnicas normais de médium para médium são de importância básica para a criação de um ambiente pré-cultural espírita, pois a permuta normal (e portanto sensata) de idéias e experiências, leituras e estudos sedimenta aos poucos uma base de entendimento comum e ajuda mútua para o desenvolvimento real do conhecimento doutrinário em relação com a cultura do meio. Por outro lado, as experiências de uns reforçam ou esclarecem as de outros, reforçando a confiança de todos nos princípios doutrinários e evitando a perniciosa proliferação dos líderes carismáticos. Felizmente essas relações existem, embora limitadas a alguns grupos que não se desviaram do bom-senso, atraídos pelas supostas missões renovadoras. E graças a esses grupos e a um mínimo de publicações e editoras que procuram manter as obras fundamentais e algumas subsidiárias em circulação, sob a avalanche de publicações e livros desorientadores, que ainda podemos ter esperança de um futuro reajustamento da nossa situação doutrinária conturbada.

As relações dos médiuns com o público, cada vez mais ansioso por ajuda e esclarecimento espirituais, são geralmente prejudicadas pelos preconceitos religiosos. As raízes místicas e mágicas da nossa formação religiosa levam as pessoas a encararem os médiuns como criaturas privilegiadas, dotadas de dons sobrenaturais. Os médiuns, por sua vez, dificilmente compreendem que esse é um fator desfavorável à sua relação normal e incentivam essa falsa idéia com palavras e atitudes que brotam da vaidade individual, do desejo de realmente passarem como dotados de condições superiores às normais. Desse processo espúrio resulta novamente uma situação de ambivalência, que equivale à ambigüidade, neutralizando os possíveis efeitos de um entendimento frustrado. Quando a ingenuidade dos interlocutores chega às raias do absurdo e eles crêem nos poderes do médium, tornam-se crentes inúteis, dominados por uma subserviência medrosa. Essa a causa do endeusamento dos médiuns, não raro desprovidos até mesmo dos predicados normais da espécie. De um relacionamento assim ilusório e tolo, de parte a parte, nada pode resultar de proveitoso. É necessário que os médiuns tomem consciência dessa situação ridícula e evitem qualquer manifestação, por palavras, atos ou atitudes, que possa estimular o engano dos consulentes. Se os médiuns compreenderem isso e conseguirem enfrentar essas situações com despretensão e humildade natural, espontânea, nunca exagerada (que é também uma manifestação de vaidade) poderão realmente ser úteis, receber intuições orientadoras e socorrer os necessitados. Com isso farão uma experiência nova e benéfica para si mesmos e darão não só a sua ajuda aos

que o procuram, mas também a sua contribuição à causa espírita. Médiuns e pregadores ou expositores espíritas sem humildade, sem o devido conhecimento de suas próprias deficiências, são espantalhos no arrozal do Espiritismo. Conquistam uma popularidade falsa, glória mentirosa e nada fazem de bem, nem a si mesmos nem aos outros. Seus sucessos são aparentes e efêmeros, mas a derrota moral que representam perdurará em seus espíritos e em suas consciências.

Para que o médium consiga superar essas dificuldades da relação com o público, é necessário que haja, primeiro, superado as dificuldades de suas relações com os espíritos. Enxameiam em torno dos médiuns espíritos pretensiosos, que desejam convertê-los em seus instrumentos de relação com os homens. Mas os espíritos sinceros e bons, devotados ao bem, também o socorrem. Se ele, porém, não houver treinado em silêncio, na meditação e na prece ou nas reuniões mediúnicas, os meios de livrar-se dos obsessores, não terá, na hora da prova, diante do interlocutor ansioso, muitas vezes suplicante, a possibilidade de fazê-lo. As relações do médium com os seus orientadores espirituais antecedem as suas relações com o público e determinam a natureza destas. Para auxiliar os outros, o médium precisa haver sido auxiliado pelos espíritos bons. Dessa maneira, os médiuns que realmente semeiam benefícios são aqueles que aprenderam a viver na intimidade dos seus protetores e amigos espirituais. A vaidade é sempre o maior empecilho a essa intimidade, pois os médiuns, em geral, mal saíram de uma obsessão, já se consideram emancipados, capazes de agir por conta própria, preparando-se assim para nova obsessão. Kardec explica essas dificuldades com a maior clareza e precisão, mas os obsessores costumam soprar aos médiuns a idéia vaidosa de que Kardec se tornou artigo de museu, como se a verdade pudesse envelhecer. Deixando-se levar na onda das novidades, os médiuns aceitam indicações de livros atualíssimos, desdenhando o mestre e pagando caro esse desdém, não raro por toda uma existência que poderia ter sido útil mas tornou-se nula e prejudicial.

No tocante aos espíritos obsessores e sofredores as relações mediúnicas exigem muita atenção e cuidado de parte do médium. Os sofredores, por si mesmos, não oferecem perigo, mas podem ser utilizados pelos obsessores para transmitirem seu mal-estar ao médium. É necessário não repeli-los, mas esclarecê-los e orientá-los, orando por eles. Nos casos de persistência do espírito enfermo, o médium deve recorrer aos companheiros de trabalho para uma sessão em que a entidade possa comunicar-se. Os espíritos obsessores, mistificadores ou vingativos devem ser tratados com benevolência. Em todos esses casos o médium pode agir por si mesmo, doutrinando ele mesmo os perturbadores através de exortações e preces. Esse problema é bastante conhecido e os médiuns dispõem de experiências a respeito. Mas o importante, e que poucos levam a sério, são as medidas preventivas que todo médium deve tomar quanto a essas aproximações incômodas. Elas podem ocorrer por vários motivos e de formas as mais variadas: simples atração da faculdade mediúnica; aproximação por causa de afinidade mental ou de preocupações do médium; laços afetivos de existências anteriores ou desta, ação de um espírito protetor para beneficiar o sofredor e assim por

diante. No caso dos obsessores e mistificadores pode ser para experimentar a firmeza do médium, por atração de seus pensamentos vaidosos ou maldosos; por motivo de ódios antigos; perseguição por motivos doutrinários, de parte de adeptos de seitas contrárias à doutrina; vingança relacionada com problemas do passado; desejo de arrastar o médium a outros caminhos espirituais, afastando-o do Espiritismo e assim por diante.

O Livro dos Médiuns esclarece bem este assunto a que nos referimos, indicando a variedade de motivações. É necessária a leitura do livro *A Obsessão* de Kardec e pesquisas na coleção da *Revista Espírita*. Todos esses casos podem ser prevenidos pelo médium através de um comportamento regular na vida, dedicando-se aos estudos doutrinários sistemáticos para mais ampla compreensão das funções mediúnicas. As relações regulares e permanentes com os espíritos orientadores, no interesse de bem servir a todos os espíritos necessitados, de qualquer ordem, e particularmente a freqüência às sessões, com inteira disposição de atender a todos os espíritos que dele se aproximarem. Um comportamento cristão em todas as circunstâncias e o interesse permanente pelo conhecimento doutrinário é o melhor preventivo para todas essas aproximações, que geralmente são oportunidades de serviço, despertando o médium para maior e melhor cumprimento de seus deveres mediúnicos. Quanto mais dedicado for o médium às suas obrigações mediúnicas, mais equilibrado se sentirá e mais apto a solucionar com facilidade os casos de perturbação. Evitar estados de inconformação, tristeza e aborrecimento, mantendo-se o mais possível na disposição de tudo encarar com naturalidade, confiança e fé, na certeza de que os poderes superiores velam pelas criaturas de boa-vontade, mas sem otimismos ilusórios ou esperanças de privilégios pessoais no trânsito das experiências terrenas. A Lei do Amor rege o Universo. Os que aprenderam a amar e perdoar, a orar e servir, não têm o que temer.

No tocante às instituições doutrinárias as relações mediúnicas envolvem graves problemas de ordem moral. Cabe às instituições a representação da doutrina no plano social. As práticas religiosas do Espiritismo levam o povo a considerá-lo como simplesmente uma religião, enquadrando-o nas exigências formais do sistema igrejeiro. Uma Federação é uma espécie de catedral e um Centro Espírita é uma igreja. Conseqüentemente, são lugares sagrados em que pontificam os expoentes da religião e de onde flui a doutrina pura e sem mácula. Os médiuns são geralmente considerados como os sacerdotes do culto espírita e muitos deles se convencem disso com muito entusiasmo. Disso resulta um clima de submissão sagrada dos médiuns e dos Centros e Grupos às Federações Espíritas, violando os princípios doutrinários de liberdade e autodeterminação, sem o qual não existiria a responsabilidade própria das instituições menores. As entidades federativas são as primeiras a se convencerem disso e passam a dominar o meio doutrinário. A falibilidade dos homens pode levar uma Federação a cometer deslizes doutrinários graves ou a endossar mistificações evidentes que, sob o prestígio federativo, inundam o meio espírita, radicam-se nele e produzem sérias lesões na estrutura equilibrada e lógica da doutrina, deformando-a a ponto de torná-la ridícula. As relações mediúnicas entre a

entidade federativa, os Centros e Grupos, e os próprios médiuns que nela trabalham ficam naturalmente abaladas. Cabe aos médiuns a função de restabelecer o equilíbrio, através das manifestações dos espíritos orientadores. Mas o clima estabelecido, sendo conflitivo, cria barreiras ao dever de espíritos e médiuns. Qualquer manifestação mediúnica discordante da orientação federativa é considerada como mistificação.

Não se trata de situações imaginárias, mas de fatos concretos e conhecidos. Os médiuns doutrinariamente pouco instruídos submetem-se ao poder formal, que na realidade não existe. Outros, embora mais instruídos, submetem-se também, evitando atritos. Mas os que têm consciência doutrinária e conhecem os seus deveres mediúnicos não concordam e acabam afastados da instituição. As dificuldades para superação dessa crise aumentam no correr do tempo. Médiuns de grande projeção no meio espírita vêem-se obrigados a omitir-se para não ferir suscetibilidades e não provocar escândalos. A mediunidade é ferida de morte em sua função esclarecedora e orientadora. Os interesses humanos se sobrepõem aos interesses espirituais, estabelecendo a censura das manifestações mediúnicas. Foi assim que o culto pneumático do Cristianismo Primitivo, em que o pneuma (espírito em grego) foi sufocado pelas decisões conciliares da Igreja de Roma, que se amparava no poder terreno do Império Romano. O espírito deixou de soprar, mas os poderes e a autoridade dos formalismos e das convenções assenhorearam-se do Cristianismo e o deformaram totalmente. Quando as vozes do Céu falavam, os médiuns eram sacrificados em nome do Cristo. Joana D'Arc, soprada pelas vozes espirituais, foi excomungada e depois queimada viva na fogueira inquisitorial. Os médiuns atuais, ainda amedrontados pelo poder dos homens, parecem ver nas instituições espíritas, desviadas de seus deveres doutrinários, a ameaça das fogueiras.

Esta parábola real, que não se constitui de figuras imaginadas, mas de fatos históricos, deve ser meditada pelos médiuns que desejam cumprir os deveres da Moral Mediúnica. Podemos medir a legitimidade dos médiuns e de suas comunicações pelo grau de consciência que revelam no desempenho do mediunato em momentos como esse. O mais grave dessas omissões é que a maioria delas decorre de interesses mundanos: o medo de ser excluído da instituição, o desejo de brilhar como elemento de destaque e assim por diante. A falta de convicção e de coragem de médiuns e dirigentes tornou avariado e suspeito o nosso sistema de comunicações mediúnicas. Precisamos proceder urgentemente a uma revisão do sistema, para pelo menos descobrirmos as mensagens que a censura impugnou. Elas devem conter valiosas lições de Moral Mediúnica, que seriam injeções restauradoras de energias gastas no esforço penoso das omissões.

A posição do médium na família é quase sempre conflitiva. Assim também no seu local de trabalho, no meio político e assim por diante. Não tanto pelas discordâncias de opiniões com os outros em face de vários problemas, mas pelo seu dever de contribuir para a boa e justa solução das pendências. A Moral Mediúnica não lhe aconselha a omissão, que é sempre uma fuga ao cumprimento do dever. Ele tem de agir, de participar ao lado dos companheiros, mas

não pode trair os seus princípios para agradar este ou aquele. Sua atitude é pautada pelo imperativo cristão do *Seja o teu falar sim, sim, não, não*. O que disso passar, como vemos nos Evangelhos, é obra do maligno, o que vale dizer do espírito de acomodação, de traição a si mesmo. Suas dificuldades podem ser facilmente superadas pela sinceridade. Mas, por mais sincero que seja, o obstáculo maior a vencer estará na atuação contraditória dos espíritos inferiores sobre ele, tentando levá-lo para esta ou aquela posição de suas preferências. Se ele não vigiar e orar, certamente não dará acesso aos espíritos generosos que desejam sempre auxiliá-lo. A visão mediúnica não se aplica apenas aos problemas espirituais, mas também a toda a problemática mundana. Os médiuns sabem que o homem é espírito e não carne, de maneira que, fundamentalmente, é o mesmo neste e no outro mundo. Apelando aos seus amigos espirituais conseguirá a assistência intuitiva que lhe indicará o caminho certo. E esse caminho é o do amor, que evita ferir sem necessidade, indicar o rumo sem a pretensão de impô-lo, perder com dignidade e sem protesto, vencer pela razão sem trapaça. Nenhum de nós é o juiz que decide as pendências em definitivo. É moral o que é bom e justo. Mas se a maioria repele esse critério por interesses particulares, temos de ceder ao poder dos números. Saber tolerar a vitória da imprudência não é fácil, mas se fizermos o que nos cabe nossa consciência não será conturbada. O necessário é sustentar a verdade diante da mentira, não apoiar o erro e tentar corrigi-lo. Se a tentativa falhar, a responsabilidade do erro cabe aos que erraram. O protesto, nesse caso, seria o sinal de Deus na fronte de Caim. O médium dá ao mundo a sua contribuição, mas não pode obrigá-lo a aceitá-la.

Capítulo 11
Mediunidade Zoológica

O problema da mediunidade animal apareceu no tempo de Kardec e foi objeto de estudos e debates na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Tanto os Espíritos, quanto Kardec e a Sociedade consideraram o assunto como sem fundamento. Os animais são os nossos irmãos mais próximos na escala ontológica. Não só Darwin, como Roussel Wallace, antropólogo espírita, consideraram o animal como o último elo da cadeia evolutiva que se encerra no homem. Depois da Humanidade inicia-se um novo ciclo da evolução com a Angelitude. O Anjo é o homem-espiritual, último produto da evolução ôntica da Terra, que no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo é representado com asas e aura luminosa. Não há descontinuidade na evolução. Tudo se encadeia no Universo, como acentuou Kardec.

A Ontogênese Espírita, ou seja, a teoria doutrinária da criação dos Seres (do grego: *onto* é Ser; *logia* é estudo, ciência) revela o processo evolutivo a partir do reino mineral até o reino hominal. Essa teoria da evolução é mais audaciosa que a de Darwin. Léon Denis a definiu numa seqüência poética e naturalista: *A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem*. Entre cada uma dessas fases existe uma zona intermediária, como se pode verificar nos estudos científicos. Assim, a teoria espírita da evolução considera o homem como um todo formado de espírito e matéria. A própria evolução é apresentada como um processo dialético de interação entre esses dois elementos primordiais, o espírito e a matéria. Tanto na Ciência como na Filosofia essa teoria da evolução segue o mesmo esquema. Na Religião a encontramos no Oriente. O próprio *Gênese*, livro da Bíblia, como já vimos, admite essa teoria apresentando-a em termos simbólicos: *Deus fez o homem do barro da Terra*. Atualmente, com os trabalhos famosos do Padre Teilhard de Chardin, até mesmo no Catolicismo a evolução se impôs em termos aproximados da teoria espírita.

Cada fase da evolução, definida num dos reinos da Natureza, caracteriza-se por condições próprias, como resultantes do desenvolvimento de potencialidades dos reinos anteriores. Só nas zonas intermediárias, que marcam a passagem de uma fase para a outra, existe misturas das características anteriores com as posteriores. Por exemplo: entre o reino vegetal e o reino animal, há a zona dos vegetais carnívoros; entre o reino animal e o reino hominal, a zona dos antropóides. No reino mineral, dividido do vegetal por espécies indefinidas em que se destacam os vegetais-minerais, as investigações científicas descobriram a geração espontânea dos vírus nas estruturas cristalinas. A teoria da evolução se confirma na pesquisa científica por dados evidentes e significativos. Os vírus se situam na encruzilhada dos reinos mineral, vegetal e animal, como uma espécie de ensaio para os desenvolvimentos futuros.

A caracterização específica de cada reino define as possibilidades de cada um deles e limita-os em áreas de desenvolvimento próprio. A pedra não apresenta sinais de vida, o vegetal tem vida e sensibilidade, o animal acrescenta às características da planta a mobilidade e os órgãos

sensoriais específicos, com inteligência em processo de desenvolvimento. Somente no homem, todas essas características dos reinos naturais se apresentam numa síntese perfeita e equilibrada, com inteligência desenvolvida, razão e pensamento contínuo e criador. Mas a mais refinada conquista da evolução, que marca o homem com o endereço do plano angélico, é a Mediunidade. Função sem órgão, resultante de todas as funções orgânicas e psíquicas da espécie, a Mediunidade é a síntese por excelência, que consubstancia todo o processo evolutivo da Natureza. Querer atribuí-la a outras espécies que não a humana é simples absurdo. Por isso, os que pretendem encontrá-la no plano zoológico a reduzem a um sistema comum de comunicação animal, desconhecendo-lhe a essência para só encará-la através dos efeitos. Os principais elementos que permitiram e asseguraram o desabrochar dessa flor estranha na Terra só apareceram no homem: a sensibilidade aprimorada ao extremo das possibilidades materiais, o psiquismo requintado e sutil, a afetividade elaborada aos impulsos da transcendência, a vontade dirigida por finalidades superiores, a mente racional e perquiridora, a consciência discriminadora e analítica, o juízo disciplinador e avaliador que se avalia a si mesmo, o arquivo do imemorial como substrato funcional da memória nas profundezas do inconsciente, o pensamento criador e dominador do espaço e do tempo, a intuição inata de Deus como o selo vivo e atuante do Criador na criatura.

Onde, quando e como descobrirmos toda essa riqueza interior nos animais, para que deles possa brotar a flor radiante da Mediunidade? As semelhanças do animal com o homem decorrem precisamente das diferenças que os situam em planos superpostos da realidade. O homem atrai o animal para o seu plano superior como Deus nos atrai para a divindade. A atração só pode agir na linha magnética das similitudes. Mas as similitudes precisam aglutinar-se como os dados da pesquisa se reúnem para tornar possível o processo da indução científica. O animal só terá condições para a mediunidade quando atingir a síntese dos poderes dispersos nas espécies do seu reino para elevar-se ao plano humano. Mas então não será mais animal, será homem. Esta complexidade da exposição do problema mostra quanto a questão mediúnica é complexa, melindrosa, e não pode ser tratada através de simples opiniões nascidas de observações superficiais.

A Psicologia Animal está hoje suficientemente avançada para nos mostrar que muitas manifestações da inteligência animal não passam de automatismos mal interpretados. Observações prolongadas e minuciosas, experiências mil vezes repetidas sob rigoroso controle revelaram as limitadas possibilidades de adaptação de animais a funções humanas. A distância entre o animal e o homem, segundo Kardec, pode ser comparada à distância entre o homem e Deus. Isso porque, no seu tempo, criaturas curiosas, imaginativas, mas inscientes, insistiam na existência da mediunidade zoológica e até mesmo, como se pode ver em *O Livro dos Médiuns*, na existência dos médiuns inertes, que seriam os objetos movimentados em sessões de efeitos físicos. Observadores inscientes e por isso mesmo precipitados viam nas mesas-girantes uma manifestação de vida e inteligência. Kardec esclareceu o problema mostrando que os espíritos davam às

mesas e outros objetos, através da impregnação fluídica, uma vida factícia, ou seja, artificial. Hoje não se fala mais em médiuns inertes, mas ainda se insiste no engano da mediunidade animal.

As pesquisas parapsicológicas atuais provaram que os animais possuem percepção extra-sensorial que lhes permite perceber a presença de entidades espirituais de nível inferior. Certas faculdades dos animais são mais agudas que as nossas, como a da visão na águia e no lince, a do olfato e da audição nos cães, a da direção nas aves e animais marinhos e assim por diante. São faculdades sensoriais desenvolvidas na medida das necessidades de sobrevivência de certas espécies. Se as nossas faculdades correspondentes são menos poderosas, é porque elas nos convêm em graus mais baixos, a fim de não perturbarem as faculdades superiores de que temos maior necessidade no campo da evolução espiritual. A percepção extra-sensorial é muito difundida no reino animal, mas sempre aplicada às necessidades vitais. Os espíritos incumbidos de zelar por esse reino, em certos casos, excitam as percepções animais para atender a circunstâncias especiais da vida humana. O episódio bíblico de Balaão, por exemplo, semelhante aos casos de animais que se recusam a passar num trecho de estrada porque este é assombrado – segundo as lendas do folclore nacional e internacional –, nada tem que ver com a mediunidade. Muitas vezes o animal se recusa porque percebeu na estrada, não um espírito ou um anjo de espada em punho (pura mitologia ingênua), mas porque percebeu a presença de uma serpente numa moita de mato.

Parapsicólogos católicos, como Robert Amadou, na França, serviram-se das provas da percepção extra-sensorial dos animais para levantarem a tese de que as funções paranormais do homem deviam ser um resíduo da animalidade. Mas a maioria dos parapsicólogos europeus, norte-americanos e soviéticos mostraram o contrário, que essas percepções desabrocham como novas possibilidades humanas em face da Era Cósmica, em que os homens necessitarão dominar os espaços siderais. As pesquisas astronáuticas confirmaram isso de maneira eloqüente. A telepatia é hoje considerada como a única forma de comunicação possível dos astronautas com a Terra em distâncias cósmicas. A famosa experiência de Mitchel, na Apolo-14, liquidaram a pendência.

Há casos impressionantes de materialização de animais em sessões experimentais. Há casos espontâneos de aparições de animais-fantasmas em vários relatos de viagens e de pesquisas psíquicas. Esses casos estimulam a idéia da mediunidade animal. As pessoas que se deixam impressionar por esses casos certamente não se lembraram de que as materializações são produzidas pelos espíritos, que tanto podem materializar uma figura humana, como um par de sapatos ou uma figura animal. Kardec nos dá, em *O Livro dos Médiuns*, excelente estudo sobre o laboratório do mundo invisível, em que todos esses casos são esclarecidos. Os espíritos superiores explicam os processos científicos dessas manifestações, que, por outro lado, as conquistas recentes da Física e da Parapsicologia ajudam a esclarecer. Da mesma maneira porque agem sobre os objetos inertes, movimentando-os através de suas próprias vibra-

ções fluídicas ou por meio de energias ectoplásmicas de um médium, os espíritos podem agir sobre os animais e as plantas, na produção de fenômenos de ordem física. A psicocinesia, segundo as investigações de Rhine, Soal e Caringthon nos Estados Unidos e na Inglaterra, provou de maneira incontestável a ação da mente sobre a matéria. As pesquisas soviéticas recentes, na Universidade de Kirov, demonstraram a existência do corpo-bioplásmico não só no homem, mas também nas plantas e nos animais. Pesquisas anteriores, realizadas na França por Raul de Montandon, provaram a existência de uma estrutura energética em gafanhotos e outros pequenos animais. Essas estruturas não eram destruídas pela morte do animal sob ação de esguichos de éter, e os que não morriam deixavam ver ao seu lado, em fotos batidas com luz infravermelha, a silhueta perfeita da estrutura energética.

Essas investigações científicas nos proporcionam informações importantes sobre os fantasmas de animais. A sobrevivência da forma animal confirma a teoria espírita a respeito, enquanto a psicocinesia revela a possibilidade de controle dessas formas pelo poder mental dos espíritos. As manifestações de fantasmas-animais não são naturalmente conscientes como as de criaturas humanas, mas são produzidas por entidades espirituais interessadas nessas demonstrações, seja para incentivar o maior respeito pelos animais na Terra, seja por motivos científicos. No tempo de Kardec, em meados do século passado, quando ainda vigorava na França e na Europa em geral a teoria cartesiana de que os animais eram máquinas, desprovidos de alma e movidos por mecanismos instintivos, as aparições de animais eram freqüentes. Nos Anais das Sociedades de Pesquisas Psíquicas há numerosos casos de manifestações animais na Inglaterra. Em São Paulo temos um caso famoso de materialização de um cão do então Governador Ademar de Barros, nas sessões do círculo de Odilon Negrão, com os médiuns de ectoplasmia D. Hilda Negrão e o médico Luiz Parigot de Sousa. Há visível interesse dos espíritos no sentido de demonstrar que os animais são realmente nossos irmãos pela carne e pelo espírito. Essas manifestações têm a evidente finalidade de auxiliar a evolução animal, chamando para eles a atenção dos homens que podem protegê-los.

O ponto de máximo absurdo nas teorias novas que estão surgindo sobre a mediunidade zoológica é a aceitação de incorporação de espíritos humanos em animais. As lendárias metamorfoses de lobos em homens e até mesmo a transformação de homens em porcos pela vara mágica de Circe estão ressuscitando nesta contraditória antevéspera da Era Cósmica. A mediunidade nada tem a ver com essas lendas, que só podem interessar a escritores de livros da literatura fantástica. As comunicações mediúnicas são possíveis somente no plano humano, pelas razões que já expusemos acima, e são mais que suficientes para afugentar as teorias de metamorfoses impossíveis. A Natureza emprega os processos de transformação das formas no desenvolvimento das espécies animais e no crescimento das criaturas humanas, sempre no âmbito de cada espécie e segundo as leis das lentas variações da formação dos seres. Jamais o Espiritismo admitiu os excessos de imaginação que o fariam perder de vista as regras do bom-senso e a firmeza com que avança na conquista dos mais graves conhecimentos de que

a Humanidade necessita para prosseguir na sua evolução moral e espiritual.

A tendência zoófila é muito difundida no meio espírita. Ao sentimento inato de amor pelos animais, os espíritas acrescentam os recursos doutrinários da sua racionalização. Vêem em cada animal uma alma em desenvolvimento, um espírito primário a caminho da humanização. Essa visão é verdadeira e contribui muito para melhorar a nossa maneira de encarar os animais como simples fornecedores de carne para a nossa mesa. Mas a falta de maior conhecimento da doutrina leva a maioria das pessoas zoófilas a extremos ridicularizantes, como no caso da mediunidade animal. Muitos espíritas se surpreendem ao saber que *O Livro dos Espíritos* não condena a alimentação carnívora e se deslumbram com livros onde ela é condenada. O exemplo da Índia seria suficiente para mostrar-lhes a razão da posição doutrinária. A subnutrição das populações indianas decorre em grande parte da zoolatria, da adoração de animais sagrados. O Espiritismo evita sacrificar o homem ao animal e ao mesmo tempo desviar os que o aceitam de um plano escorregadio de superstições. Nada é mais contrário ao racionalismo da doutrina e mais prejudicial à exata compreensão dos seus princípios do que o sentimentalismo extremado.

O sacrifício brutal e brutalizante de animais em nosso mundo é realmente repulsivo. Mas estamos num mundo inferior em que as suas próprias condições naturais levam a isso. Um grave problema à propagação efetiva do vegetarianismo na Terra: o da proteína em quantidade suficiente e em condições de fácil assimilação pelo nosso organismo. A falta de alimentação protéica adequada gera as insuficiências orgânicas que acarretam o enfraquecimento das populações, a falta de resistência às doenças, o desgaste precoce das energias vitais. Onde escasseia a alimentação protéica aumentam as incidências de esclerose cerebral, inutilizando milhões de cérebros que muito ainda poderiam dar à coletividade. Cabe aos animais a função sacrificial de laboratórios protéicos da alimentação humana.

Somente agora os homens começam a perceber, graças ao avanço das ciências desse ramo, que uma organização social mais equilibrada e racional pode modificar esse quadro dantesco que levou Kardec a considerar a Terra como Purgatório e até mesmo como planeta infernal. Mas será necessária uma profunda transformação das estruturas sociais e econômicas para que as técnicas renovadoras modifiquem as condições brutais do nosso sistema alimentar, com o aproveitamento dos vegetais que, como a soja, podem substituir a alimentação carnívora. Para tanto, é necessário que os enormes recursos empregados pelas nações mais civilizadas no campo da guerra fossem desviados para o campo da paz, empregados no incentivo da produção agrícola e da fabricação de alimentos. Isso libertaria o homem da situação trágica do momento, em que ele é obrigado a pagar o preço da sistemática matança de animais através da sistemática matança humana nos campos de batalha. Quando o homem descuida dos seus deveres, suas próprias condições de vida se incumbem de submetê-los aos resgates necessários da sua leviandade criminosa. Os arsenais gigantescos, carregados de armas arrasadoras, cobram dos homens o preço de morte dos

matadouros e frigoríficos espantosos. Matamos milhões de animais para comer e acabamos empregando as energias protéicas dessa matança no suicídio coletivo das guerras de extermínio.

Esse panorama tenebroso é atenuado pelas esperanças do futuro. E, em nossos dias, contrabalançando a estultícia da pretensa mediunidade zoológica, começa a alvorecer no campo mediúnico um tipo de mediunidade para o qual apenas alguns espíritas se voltam esperançosos. O Prof. Humberto Mariotti, filósofo espírita argentino já bastante conhecido no Brasil por suas obras e suas conferências, é um zoófilo apaixonado. Em sua última viagem a São Paulo trocamos idéias e informações a respeito do que podemos chamar de Mediunidade Veterinária. Não podemos elevar os animais à condição superior de médiuns, mas podemos conceder-lhes os benefícios da mediunidade. Mariotti possuía, como possuímos, episódios tocantes de sua vivência pessoal nesse terreno. A assistência mediúnica aos animais é possível e grandemente proveitosa. O animal doente pode ser socorrido por passes e preces e até mesmo com os recursos da água fluidificada. Os médiuns veterinários, médiuns que se especializassem no tratamento de animais, ajudariam a Humanidade a livrar-se das pesadas conseqüências de sua voracidade carnívora. Kardec se refere, em *O Livro dos Médiuns*, a tentativas de magnetizadores, na França, de magnetizar animais e desaconselha essa prática em vista dos motivos contra a mediunidade animal. Entende mesmo que a transmissão de fluidos vitais humanos para o animal é perigosa, em virtude do grande desnível evolutivo entre as duas espécies. Mas na Mediunidade Veterinária a situação se modifica. O reino animal é protegido e orientado por espíritos humanos que foram zoófilos na Terra, segundo numerosas informações mediúnicas. O médium veterinário, como o médium humano, não transmite os seus fluidos no passe por sua própria conta, mas servindo de meio de transmissão aos espíritos protetores. A situação mediúnica é assim muito diferente da situação magnética ou hipnótica. Ao socorrer o animal doente, o médium dirige a sua prece aos planos superiores, suplicando a assistência dos espíritos protetores do reino animal e pondo-se à disposição destes. Aplica o passe com o pensamento voltado para Deus ou para Jesus, o Criador e o responsável pela vida animal na Terra. Flui a água da mesma maneira, confiante na assistência divina. Não se trata de uma teoria ou técnica inventada por nós, mas naturalmente nascida do amor dos zoófilos e já contando com numerosas experiências no meio espírita.

Mariotti contou-nos tocante episódio de um gato que se afeiçoara a ele, ao qual socorreu várias vezes, e que na hora da morte foi procurá-lo em seu leito, lambendo-lhe o rosto como numa demonstração de gratidão ou pedido de ajuda, e expirando ao seu lado. Tivemos experiência com uma cachorrinha pequinês desenganada pelo veterinário. Com os passes recebidos durante a noite, amanheceu restabelecida. O veterinário assustou-se com o seu estranho poder de recuperação. Um veterinário amigo e espírita contou-nos os seus sucessos no socorro mediúnico aos animais, ressaltando o caso de parto de uma vaca de raça, em que ele já se considerava fracassado. Recorreu à sua possível mediunidade veterinária e as dificuldades desapareceram. Tudo é

possível no plano do bem, da prática do amor. A Mediunidade Veterinária pode socorrer espíritas zoófilos que se deixam levar pela idéia absurda da mediunidade animal, dando-lhes a oportunidade de socorrer os animais com os recursos espíritas.

Capítulo 12
Medicina Espírita

A Medicina Espírita é um processo em desenvolvimento. Começou com Kardec e o Dr. Demeure, em Paris, na segunda metade do século passado. As experiências e observações realizadas com médiuns terapeutas na Clínica do Dr. Demeure figuram, em parte, na Revista Espírita, coleção de doze volumes dos doze anos em que Kardec dirigiu e redigiu, praticamente sozinho, os fascículos mensais da publicação por ele fundada. A Medicina Espírita é uma decorrência natural da natureza e das finalidades do Espiritismo. Tanto no campo científico, quanto no filosófico e religioso, a Doutrina Espírita se revelou como uma forma de Humanismo Ativo, destinado não apenas a estabelecer princípios humanistas, mas também a agir no homem e pelo homem, decifrando-lhe os mistérios do corpo e do espírito e proporcionando-lhe os recursos culturais para a humanização do mundo. Os problemas da saúde humana não podiam escapar do seu enfoque universal. Nesse plano, como em todos os demais, Kardec agiu com prudência e sabedoria, pesquisando, observando, estudando e por fim orientando. O materialismo dominante nas Ciências e na Medicina repeliu a Medicina Espírita. Kardec, por sua vez, sobrecarregado com os múltiplos encargos doutrinários, não teve tempo para cuidar especificamente desse problema e da Pedagogia, dois campos em que militou com sucesso, tendo suas obras adotadas pela Universidade de França. Não deixou o tratado de Medicina Espírita e o de Educação e Pedagogia Espírita que desejava elaborar. Completada a obra da Codificação do Espiritismo, lançou-se ao campo das aplicações doutrinárias, segundo suas próprias palavras, com a elaboração do livro *A Gênese*, de importância fundamental nos três campos fundamentais do Espiritismo. Mas deixou, com *A Gênese*, um modelo do que ele chamou aplicação dos princípios e dos dados do Espiritismo às diversas áreas da cultura.

Como medico, pouco sabemos de suas atividades, a não ser o que informa Henri Sausse, seu contemporâneo e amigo, e posteriormente as pesquisas e a esquematização notável da vida do codificador no livro *Vida e Obra de Allan Kardec*. Seu interesse pelo Espiritismo o afastou de todas as demais atividades, como do cargo de diretor de estudos da Universidade de França. Cabia-lhe iniciar no mundo as pesquisas científicas dos fenômenos mediúnicos, o que fez com critério invulgar e plena abnegação. Charles Richet, diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de França, Prêmio Nobel de Fisiologia, prestaria mais tarde sua homenagem a Kardec, reconhecendo, no Tratado de Metapsíquica, o critério científico de Kardec, que jamais expusera questões ou elaborara princípios que não se baseassem em rigorosas pesquisas.

Apesar desse início promissor, a Medicina Espírita não conseguiu avançar como devia, em virtude das barreiras que contra ela levantaram todas as forças dominantes na época: científicas, filosóficas, religiosas, num verdadeiro conluio em que se destacaram os elementos clericais e os médicos com suas sociedades profissionais e científicas. Não obstante, os sucessos das pesquisas científicas de Richet, Crookes, Notzing, Zöllner e tantos outros, no campo dos fenômenos

mediúnicos, e recentemente a comprovação da realidade fenomênica pela Parapsicologia, deram novo alento às possibilidades da Medicina Espírita. Hoje há várias associações de Medicina e Espiritismo e de médicos espíritas no Brasil e no mundo, grandes redes hospitalares espíritas e notáveis trabalhos publicados por cientistas e médicos espíritas, particularmente nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Itália, na Alemanha e na Suíça. O interesse das ciências soviéticas também se manifestou, apesar das objeções ideológicas, e o Dr. Wladimir Raikov, da Universidade de Moscou, projetou-se mundialmente como investigador dos fenômenos mediúnicos através da Parapsicologia, interessando-se especialmente pelo problema da reencarnação, sob a hábil designação de reencarnações sugestivas, como ocorrências de tipo psiquiátrico que precisam ser esclarecidas. Nos países da órbita soviética o interesse cresceu de maneira surpreendente. Na Romênia chegou-se a criar uma nova corrente científica, designada como Psicotrônica, mas que na verdade não passa de Parapsicologia disfarçada para escapar aos preconceitos materialistas já levantados contra a Ciência de Rhine e McDougal. A maior conquista dos soviéticos nesse campo foi a descoberta científica e tecnológica, na famosa Universidade de Kirov, no Afeganistão, da existência do corpo bioplásmico das plantas, dos animais e do homem. Esse corpo, que corresponde em estrutura e funções, plenamente, ao perispírito ou corpo espiritual do Espiritismo, que representa uma revolução copérnica na Biologia e na Medicina. Infelizmente o Estado interferiu na questão e as pesquisas foram suspensas por questão de segurança ideológica do Estado Soviético. Apesar disso, o livro de Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, da Universidade de Prentice Hall (EUA) lançado por essa Universidade e posteriormente pela Editora Bentam Books, de Nova York, contendo entrevistas comprobatórias dos cientistas responsáveis, continua a circular no Ocidente[2]. Os cientistas revelaram a sua convicção de que essa descoberta abre novas perspectivas para as ciências e particularmente para a Medicina, pelo que foram punidos.

O capítulo da Medicina Espírita nas ciências soviéticas, apesar de oficialmente condenado, abre imensas perspectivas no campo científico mundial. Chegou-se a noticiar a realização, em Moscou, de um simpósio científico sobre as obras de Allan Kardec, mencionado como um racionalista do século passado, na França, que já havia se referido ao corpo-bioplásmico.

A Medicina Espírita, portanto, é uma realidade inegável na atualidade científica do mundo, e sua biografia apresenta-se dramática, implicando até mesmo problemas internacionais. Essa realidade se enriqueceu com o episódio brasileiro do chamado Caso Arigó, do famoso médium curador de Congonhas do Campo, Minas Gerais, pesquisado por uma equipe de cientistas e médicos de várias Universidades norte-americanas. As pesquisas provaram a existência real de diagnósticos, curas de doenças incuráveis, como casos de câncer desenganados, e intervenções cirúrgicas sem assepsia nem anestesia de qualquer espécie. Arigó foi caluniado, após a sua morte acidental, por autoridades eclesiásticas, como charlatão, mas consagrado pelos cientistas como um dos maiores casos de mediunidade curadora do mundo. Morreu num desastre de automóvel,

precisamente quando esperava a visita de uma equipe de cientistas suíços e outra de cientistas japoneses, interessados em pesquisá-lo. Tivemos em mãos os pedidos de licença dessas equipes, tendo Arigó nos convidado para ajudá-lo na recepção dos pesquisadores, que deviam permanecer várias semanas em Congonhas do Campo.

A Medicina Espírita não é uma aplicação pura e simples da mediunidade curadora a casos de doenças incuráveis, nem uma forma de curandeirismo. É o que Kardec chamava uma aplicação dos princípios espíritas no plano cultural. No caso, aplicação específica à Medicina, o que só pode ser feito por médicos. O Espiritismo contribui com a mediunidade e a Medicina com o saber e a experiência dos médicos. Há casos dessa dupla contribuição se conjugarem numa só pessoa: o caso dos médicos espíritas que são também médiuns. Por isso, as sociedades de médicos espíritas são importantes, pois podem liderar movimentos de arregimentação de elementos dos dois campos e encetar trabalhos de estruturação científica da Medicina Espírita. Os médiuns representam os médicos espirituais, que através deles dão a contribuição das observações do outro lado da vida. Os médicos representam a Medicina da atualidade e procuram estabelecer as ligações necessárias para um esforço comum em benefício da Humanidade. Temos assim um aspecto importante do ideal espírita de Kardec: a conjugação do mundo espiritual com o mundo material no trabalho comum de elevação da Terra. Temos ainda a confirmação da tese de Léon Denis, segundo a qual o Espiritismo realiza uma síntese do espiritual e do material no mundo. E também a previsão de Sir Oliver Lodge, o grande cientista inglês, de que no Espiritismo, através do túnel da mediunidade, os espíritos e os homens se encontram para tentar em conjunto a solução dos problemas humanos. O que ontem parecia utopia, hoje se mostra como realidade.

A Medicina Espírita implica, portanto, o problema da mediunidade curadora em toda a sua globalidade de manifestações. Havendo sinceridade nessa conjugação, estaremos em face de um dos momentos mais significativos da evolução humana na Terra. Os benefícios que dela podem resultar para o bem da saúde humana são simplesmente incalculáveis. Caberia à Sociedade de Médicos Espíritas de São Paulo encabeçar essa iniciativa cada vez mais necessária.

Entre todas as formas de manifestações mediúnicas, a mais perigosa para os médiuns é a curadora. Não porque os exponha a riscos de saúde, que praticamente não existem numa mediunidade bem controlada, mas porque os expõe à fascinação das vantagens materiais. Todo médium curador é inevitavelmente assediado por pessoas que querem agradá-lo, que o elogiam, dizem-se seus amigos, dão-lhe presentes e assim por diante. Pouco a pouco o médium se deixa envolver, convence-se da sua importância, torna-se vaidoso e ambicioso. Com isso desliga-se dos amigos e companheiros desinteressados para cair nas malhas dos interesseiros e tornar-se, por sua vez, um deles. Os laboratórios lhe oferecem comissões no receituário dos seus produtos. Todas as facilidades vão se abrindo para ele e, se não tiver em conta os princípios da moral mediúnica, em breve se transformará num explorador do próximo a quem deve auxiliar com desinteresse. O meio espírita conhece muitos desses casos

dolorosos, em que excelentes e humildes médiuns curadores acabaram traindo-se a si mesmos.

São muito variados os tipos de mediunidade curadora, desde o simples passista e o receitista, o vidente-diagnosticador, até o operador, o médium-cirurgião, que tanto pode agir com instrumentos ou apenas com imposição das mãos, ou ainda os que praticam a cirurgia-simpatética, um dos fenômenos mais estranhos e complexos de todo o fenomenismo paranormal. O desenvolvimento desse tipo de mediunidade processa-se de maneira discreta, geralmente disfarçado na produção de efeitos físicos, de vidência, de doenças súbitas e sem motivo aparente que o atacam e de repente desaparecem. Tem-se a impressão, não raro, de caso de obsessão. Na verdade, o médium está sendo submetido a uma espécie de experimentação de suas possibilidades psicofísicas e de preparação para as suas futuras atividades. Anésio Siqueira, famoso na década de 30, sofreu grave enfermidade que o levou à proximidade da morte. Os médicos o desenganaram, de repente recuperou-se e começou a fazer curas. Não conhecia Espiritismo e nunca o aprendeu, dava passes fumando, o cigarro entre os dedos, e realizou curas espantosas, tanto espirituais (desobsessão) quanto materiais. José Arigó, roceiro, já na infância via e ouvia os espíritos; na adolescência começou a sentir terrores noturnos, foi perseguido por visões assustadoras. Na juventude (era católico) empolgou-se pelo ideal de pureza e santidade e ouvia vozes que lhe aconselhavam a castidade. Ao entrar na maturidade, casou-se e passou por uma fase de equilíbrio em que se mostrava despreocupado, alegre e brincalhão, Um dia teve de socorrer um amigo que se havia engasgado. Começou aí a sua espantosa mediunidade-cirúrgica. E, com ela, todos os problemas de um homem que era procurado por doentes das mais diversas moléstias e a todos queria atender. Guiado por um espírito autoritário mas generoso, que se dizia o médico alemão Dr. Fritz, morto na primeira guerra mundial, tornou-se ríspido, exigente, de uma franqueza rude, dando a idéia de um novo João Batista que surgia na cidadezinha arcaica e carismática de Congonhas do Campo. Seus modos rústicos pareciam uma couraça destinada a afastar todas as tentações de sua perigosa mediunidade. Foi um dos médiuns mais autênticos e de mediunidade mais produtiva que já passou entre nós. Mas acabou nas ciladas dos interesseiros e morreu tragicamente, ainda moço e vigoroso.

A cirurgia simpatética ou simpática é assim chamada por sua semelhança com a magia-simpática. Arigó a produzia, mas somente em casos especiais. No geral, agia de maneira violenta, com faca ou canivete, cortando o doente de maneira brusca, sem anestesia nem assepsia e comandando com segurança espantosa o fluxo do sangue. Trabalhava às claras, no meio do povo e na presença de médicos conhecidos ou não, e muitas vezes chamava os médicos para assistirem de perto o que ele fazia. O Dr. Sérgio Valle, cirurgião ocular e especialista em hipnose clínica, residente em São Paulo, presenciou de perto várias de suas operações e declarou: “Arigó aplica uma supercirurgia que não conhecemos e não usa a hipnose nem conhece as técnicas hipnóticas.” Na prática da cirurgia simpatética Arigó agia sem tocar no doente. Procedia como a médium Bernarda Torrúbio, mulher do campo, esposa de José Torrúbio, sitiante de

Garça, na Alta Paulista. Fazia uma prece, pedindo assistência aos espíritos. Estendia as mãos sobre o doente, sem tocá-lo. Este sentia que mexiam por dentro em seus órgãos doentes, ocorriam-lhe ânsias de vomito, mas quem vomitava era a médium. Vômito geralmente espesso, com grande quantidade de pus e sangue e pedaços de matérias orgânicas. O doente se sentia fraco, abatido como se tivesse passado por uma intervenção cirúrgica. As dores internas confirmavam essa impressão. Durante uns poucos dias as dores continuavam, mas logo começavam a diminuir e desapareciam. A recuperação era rápida e total.

A mediunidade-cirúrgica é muitas vezes acompanhada de fenômenos ocasionais de efeitos físicos. Isso é natural, pois a própria cura e as operações pertencem a essa classificação mediúnica. Bernarda Torrúbio manifestava estranhos fenômenos de transporte de objetos à distância e aparentemente através de portas e janelas fechadas. Em reuniões com Urbano de Assis Xavier, em Marília, houve notáveis ocorrências dessa natureza, inteiramente inesperadas. Nas pesquisas parapsicológicas esses fenômenos se confirmaram. O Prof. Rhine fez decisivas experiências com animais, para evitar o problema da sugestão, e conseguiu êxitos comprobatórios, dentro de todas as exigências de metodologia científica. As pesquisas de Geley e Osty, na França, mostraram que em todas essas ocorrências existe a emanação de ectoplasma. Geley chamou de controladores os espíritos que agem nessas ocasiões, provendo e regulando a saída de ectoplasma do organismo mediúnico. Nas experiências soviéticas os cientistas consideraram o ectoplasma como energia radiante emitida pelo perispírito ou corpo espiritual do médium. Crookes chamou-o de força psíquica e Notzing colheu porções de ectoplasma e submeteu-os a análises de laboratório, provando que a porção morta desse elemento, dissociada do médium, compunha-se de células e outros materiais orgânicos. Não há, pois, milagre, no sentido místico da palavra, nessas ocorrências. Há leis naturais que pouco a pouco vão sendo esclarecidas pelas pesquisas científicas.

Os médiuns dotados dessas faculdades precisam ser instruídos doutrinariamente para saberem como se portar na vida comum e para terem consciência de que os fenômenos não são produzidos por eles, mas por ação dos espíritos. Com isso se livrarão da vaidade tola que os leva a crer em seus poderes pessoais, julgando-se donos deles e capazes de controlá-los por si mesmos. Essa idéia de posse individual os leva também a cair mais facilmente nas ciladas dos aproveitadores. Essa mediunidade exige constante vigilância do médium no tocante aos seus deveres morais e espirituais e a mais plena consciência de suas responsabilidades doutrinárias.

Capítulo 13
Grau da Mediunidade

Existiria uma escala de graus mediúnicos, no tocante ao poder ou capacidade dos médiuns? Poderíamos, como na Psicologia Experimental, medir a intensidade das percepções mediúnicas nos médiuns e determinar o limiar das sensações? Vários sistemas foram criados para esse fim e alguns são adotados no meio espírita por dirigentes sistemáticos. A leitura da aura é uma técnica de avaliação das condições espirituais das pessoas através da vidência. Mas é ponto pacífico no Espiritismo que a vidência não oferece nenhuma condição de segurança para servir de instrumento de pesquisa. Quanto à aura, trata-se de uma irradiação perispiritual, extrapolação de eflúvios de energias que, segundo as pesquisas atuais da efluviografia, através das câmaras kirlian de fotografias, em campos imantados por alta freqüência elétrica, revelam constantes variações. Essas variações correspondem aos vários estados emocionais da criatura, que podem alterar-se de uma maneira ou de outra pela simples tentativa de observá-las. Não há, até o momento, nenhum meio científico de se verificar objetivamente os graus de percepção mediúnica ou o grau de espiritualidade de uma pessoa. Além disso, o vidente que examina a aura de alguém sofre as mesmas variações provenientes da instabilidade psi-orgânica e emocional. Na Psicologia Experimental avalia-se o grau das sensações e percepções no plano material-concreto. Mas a mediunidade escapa inteiramente ao campo sensorial. Suas relações não são com a epiderme, mas com o perispírito, o que vale dizer com as condições subjetivas do indivíduo. Essas tentativas de avaliação e classificação mediúnicas não passam de pretensões sem fundamento. A mediunidade não depende de fatores orgânicos e não pode ser avaliada materialmente. Não está condicionada a peso nem medida. Determinar-lhe o grau sem esses dados é impossível. Espiritualmente não existem meios para a sua avaliação. Ela escapa a todo critério quantitativo, pois não se constitui de quantidades de energia, mas de qualidade espiritual. No entanto, o método qualitativo não se aplica a ela, pois não há um fator espiritual único e permanente em suas manifestações. Estas são extremamente variáveis, pois dependem dos espíritos comunicantes. A diversidade de condições desses espíritos só poderia ser avaliada após verificações exaustivas e submetidas a cálculos diferenciais minuciosos. Mas acontece ainda que essa variabilidade não indica nada quanto ao grau de evolução do médium. Nenhum especialista criou ainda um sistema fundado em fatores seguros para qualquer avaliação. Tudo quanto se tem feito nesse campo é puramente hipotético. Por outro lado, há o problema das condições circunstanciais do observador, em casos de vidência. O vidente joga sempre com probabilidades improváveis. Ele mesmo não pode ter certeza do que vê, pois numerosas formas de interferência podem perturbar a sua visão, como a sua maneira de encarar o ato mediúnico e a própria mediunidade, a sua posição individual no tocante aos critérios arbitrários de avaliação, as suas idiossincrasias e os seus desejos e esperanças com relação ao médium avaliado. Há outros vários fatores psicológicos e afetivos que podem

também interferir no caso. Insistimos nesses pormenores para que o leitor tenha uma idéia a respeito das dificuldades dessas tentativas que vêm sendo levadas a sério. Imagine-se ainda as questões de vaidade, de competição que fatalmente surgirão desses processos imaginários e sem nenhuma utilidade. Os critérios psicológicos de avaliação da personalidade não podem também ser aplicados a este caso, pois na mediunidade as personalidades são múltiplas e inconstantes, havendo ainda o problema das personalidades anímicas, projeções de situações anteriores do médium em encarnações passadas. Onde a competência, e de quem, em nosso meio espírita, para superar todas essas dificuldades? E como entregar-se o caso a um especialista em avaliações que não conhece a doutrina nem dispõe de experiências mediúnicas?

Só poderíamos estabelecer uma escala de graus da mediunidade pelo critério objetivo da produtividade qualitativa. Os médiuns de graus mais elevados seriam os que apresentassem produção qualitativa superior, com maior proveito para o desenvolvimento do Espiritismo e maior influência no movimento doutrinário e, atingindo, ao mesmo tempo, maior interesse do público leigo. Mas então estaríamos também considerando um tipo de manifestação mediúnica como superior aos demais. Esse é o critério natural estabelecido pelo consenso do meio espírita. Essa avaliação natural dispensa medidas formais e judicativas, sempre sujeitas a enganos, erros e injustiças. Embora ocorram nele ou possam ocorrer injustiças, não se trata de um julgamento formal e pretensamente técnico. O critério possível já foi estabelecido naturalmente, sem criar os graves problemas de excitação da vaidade dos médiuns e promoção de rivalidades no campo mediúnico. Mas como poderíamos atender, num critério formal, às numerosas áreas de serviço das manifestações mediúnicas, muitas das quais, importantíssimas, escapam ao conhecimento da maioria, ficando restritas a pequenos grupos? A alegação de que um critério de mensuração dos graus mediúnicos facilitaria o trabalho dos grupos e centros e o aproveitamento maior dos médiuns mais aptos ou flexíveis é também inútil e desnecessário. Os médiuns, como ensinou o Apóstolo Paulo, têm suas missões específicas, seus campos próprios de trabalho. Todos contribuem igualmente, cada qual no seu setor, para a realização dos objetivos do Espiritismo, que são a elevação moral e espiritual da Humanidade, para que a Terra possa entrar no concerto dos mundos superiores. Nos centros e grupos, os médiuns tomam naturalmente os seus lugares e uns suprem, discretamente, as deficiências de outros, segundo o critério dos guias espirituais. Essas qualificações pretensiosas de médiuns em maiores e menores, melhores e piores, a cargo de instituições supostamente dirigentes do movimento espírita, é uma invasão indébita de área que não nos pertence.

Já tivemos a oportunidade de saber o que ocorreu num centro de grande atividade, quando alguém teve a idéia pretensamente estimuladora de consultar os mensuradores de mediunidades sobre as condições dos médiuns do centro. Logo que chegaram os resultados falíveis das pesquisas de auras, surgiram desgostos e rivalidades. Ninguém perguntou pela validade desse veredicto implacável, nem se lembrou de também examinar, pelos dados comuns e informações

naturais do meio espírita, qual o grau de conhecimento doutrinário, de moralidade e de fidelidade à doutrina que caracterizava os possíveis avaliadores. Pois também existe esse problema: quem, e com que autoridade moral e espiritual, está em condições de julgar o valor dos outros, e quem dispõe de autoridade espiritual para escolher os que vão fazer o julgamento?

Capítulo 14
Mediunidade Prática

Vida e Mediunidade são um só objeto encarado de maneiras diferentes. Pensamos haver deixado isso bem claro no correr destas páginas. Até agora ainda não compreendemos bem esse problema, mas a sua compreensão neste momento em que as pesquisas científicas referendam a concepção espírita da vida e esta se apresenta como uma realidade mediúnica. O ato de viver é um ato mediúnico. Somos espíritos que se manifestam através de corpos materiais. Nossa vida é uma alternância de sono e vigília. No sono estamos ausentes do médium, o intermediário entre nós e o mundo. Então o aparelho mediúnico repousa e nos afastamos dele para libertar-nos do seu peso e da sua pressão, respirando a liberdade do plano espiritual. Na vigília voltamos ao corpo, imantados ao organismo que temos de usar e dirigir nas experiências e vicissitudes da vida. Mas esta alternância maior não é a única. Durante o sono acordamos algumas vezes, em lapsos de tempo imperceptíveis ou perceptíveis, como um navegante que se preocupa continuamente com o seu barco e não quer deixá-lo à deriva. Durante a vigília escapamos do corpo mais do que supomos, nas ausências psíquicas, nos cochilos, nos chamados lapsos de distração, como se precisássemos olhar de vez em quando pela escotilha e observar o roteiro.

Karl Jaspers, psiquiatra e o mais lúcido filósofo existencial, estabeleceu a lei de alternância na definição da existência: *a lei do dia e a lei da noite*. A existência é apenas comunicação regida pela lei diurna, é ordenação das coisas buscando a liberdade e a claridade; a lei noturna é paixão, ímpeto de destruição, obscuridade, vinculação do homem à terra e ao sangue. A noite e o dia deixam de ser apenas fenômenos de rotação terrena, para marcar também os ritmos da transcendência humana, que se passa entre dois mundos solidários e contraditórios, nessa visão dialética da vida e da morte. Jaspers declara: "Eu sou existência".

Entende-se, assim, que a vida é comunicação da existência ou vice-versa. A mediunidade, como já vimos, é comunicação do espírito. No Espiritismo, o ser que se projeta na existência é espírito que anima um corpo, pelo que o espírito encarnado é a alma do corpo. Essa alma, entretanto, não permanece encarcerada no corpo e pode desprender-se dele (sem desligar-se) graças à lei de alternância que Jaspers percebeu e definiu em termos quase espíritas, sem conhecer o Espiritismo. Sartre, antimetafísico, não aceita a existência da alma, essência da existência, e sustenta que a essência do homem é um suspenso na existência, pois o homem elabora a sua essência com as experiências e atividades na existência, de maneira que a essência do homem só se completa na morte e então substitui o morto. Nesse caso, a essência é o que o homem realizou no mundo e nele deixa para a posteridade. Para Heidegger o homem *se completa na morte*. Essas coincidências com o pensamento espírita, na Filosofia Contemporânea, mostram a plena atualidade do pensamento espírita e sua eficácia na interpretação do real. Enquanto isso alarga-se desastrosamente profunda vala aberta entre a realidade cultural contemporânea e as forças unidas que há mais de

um século se conluiaram para esmagar o Espiritismo. Esse fato, por si só, devia ser suficiente para mostrar de que lado, como dizia Kardec, está o bom-senso.

Na teoria diurna e noturna de Jaspers há um ponto importante a esclarecer. A interpretação espírita da *lei notâmbula* não lhe dá o caráter de necrofilia destruidora que a tendência psiquiátrica de Jaspers lhe conferiu. De maneira menos dramática e mais natural, a noite é considerada no Espiritismo como fecunda e criadora. O repouso noturno favorece o repouso do corpo e conseqüentemente o desprendimento do espírito, que nada tem a recuperar no sono. O cansaço é um fenômeno físico, não espiritual. O cérebro se cansa e desgasta, mas a mente, que não é física, nada sofre. Durante o ritmo noturno os espíritos suficientemente evoluídos recuperam a liberdade e entram em relação direta com os espíritos libertos de mortos e de vivos. A liberdade é atributo do espírito. Os videntes de maior sensibilidade captam no ritmo noturno um impulso ascensional, em que milhões de almas se elevam aos planos espirituais na busca de amor e saber. Vão encontrar-se com os seres queridos levados nas asas da morte e beber a sabedoria dos espíritos superiores sobre os segredos da vida. O que levou Jaspers à idéia de um sentido necrófilo e destruidor no ritmo noturno foi certamente a impressão de que os homens se entregam a uma espécie de negação da vida, fechando-se no sono ou entregando-se a ações degradantes, acobertados pela escuridão. Essa é a falsa impressão das aparências. A noite, além disso, é propícia aos trabalhos mentais e intelectuais, à cogitação filosófica, à busca serena da verdade que as tropelias do dia obscurecem. A ligação do homem com a Terra e o sangue caracteriza o ritmo diurno, quando o espírito encarnado se integra na realidade carnal e terrena, lutando para dominá-la. Esses enganos filosóficos decorrem da posição materialista do pensamento atual, que não obstante é muito mais favorável à conquista do real, por desvencilhar-se dos resíduos mágicos e mitológicos do longo passado humano, criador de superstições e preconceitos. Também na Cultura, portanto, temos os dois ritmos no plano histórico: o dia sensorial das fases pragmáticas, em que os homens se desgastam na conquista da Natureza, e a noite espiritual das fases idealistas, em que os homens se voltam para a realidade platônica do Mundo das Idéias e conseguem realizar os sonhos noturnos, as utopias de antigas aspirações, lançando-se ao Cosmos e pisando na Lua.

É fácil perceber-se no jogo de imagens sugerido pela teoria de Jaspers, que a noite e o dia tendem a fundir-se na realidade única da temporalidade, do tempo contínuo e sem limites, sem fracionamentos sensíveis, inteiro e pleno no inteligível, com que o Espiritismo nos acena para o futuro humano. A dialética dia-noite reconstrói a síntese do tempo, na liberação progressiva e alternada das potencialidades do espírito.

É para chegarmos lá, não isoladamente, um por um, no egoísmo da salvação pessoal das seitas fideístas, mas em conjunto, na conquista comum do real em sua globalidade, que necessitamos de compreender a prática espírita e empregá-la em nossas existências sucessivas. Não se trata da prática formal nas instituições doutrinárias, mas da prática vivencial na luta do dia-a-dia. Temos de aprender a

viver o Espiritismo, usando normalmente a faculdade humana da mediunidade estática ou generalizada, de que todos dispomos. Assim como usamos a inteligência, o bom-senso, o critério lógico, a percepção extra-sensorial, todas as modalidades da atividade espiritual em nossa vida diária, precisamos também usar a mediunidade. Ao descobrir a ponta desse fio de Ariadne no labirinto do mundo estaremos capacitados a escapar do Minotauro e atingir a porta da libertação. Para isso não precisamos de técnicas especiais e complicadas, basta-nos tomar consciência de nossas possibilidades. A mediunidade não nos foi dada para falar com os mortos, pois os mortos estão mortos e não falam, são cadáveres que as entranhas da Terra devoram lentamente nos cemitérios ou apenas a cinza sutil das cremações. A mediunidade nos liga aos espíritos, que são os vivos libertos da matéria densa e em plena atividade na face espiritual do mundo, que só não percebemos porque vivemos imantados ao magnetismo terrestre. Temos de perceber a função discriminadora da consciência e aprender a usá-la em todos os instantes, com a mesma naturalidade e continuidade com que usamos as funções mentais. Quando fazemos isso o mundo se transforma ao nosso redor e o Espiritismo nos aparece transfigurado como o Cristo no Tábor. Deixamos de ver apenas o Espiritismo prático em que a mente se enleia como em toda a praticidade, absorvendo-nos em preocupações egocêntricas, na busca de auxílios imediatistas, de proveitos pessoais, de soluções ilusórias para problemas reais. Deixamos de ser os choramingas e pedintes de todos os instantes, de olhos vendados- pelo medo, e aprendemos a encarar a vida com a mente aberta e confiante, não mais confinada em nossas preocupações imediatistas, não mais presa na teia da avareza, da ganância, da rivalidade, das disputas vaidosas. A rotina espírita das perturbações se transforma na vivência espírita da paz compreensiva e rica de possibilidades espirituais.

Tendo compreendido a finalidade da doutrina em seu sentido cósmico, não apenas terreno, sentimo-nos capazes de enfrentar as dificuldades do momento sem perder a visão do futuro. À percepção mediúnica da realidade maior que nos cerca, do sentido da vida, da nossa natureza íntima, tão diferente da natureza material do corpo, nossas angústias e apreensões desaparecem ao sopro do espírito que tudo renova. Muitos espíritas procuram técnicas de libertação em tradições religiosas de outros povos, sem compreenderem que as técnicas se ajustam a cada povo em sua maneira de ser, em suas tradições, e que a nossa maneira e tradição ocidentais se ligam ao Cristianismo. Não se trata de um exclusivismo cristão pretensioso, estimulado pelo salvacionismo egoísta das igrejas cristãs, imposto dogmaticamente, mas de uma questão de fidelidade a nós mesmos, ao nosso modo ocidental de ser, às exigências profundas da nossa condição específica. O Espiritismo é o desenvolvimento histórico e profético do Cristianismo. Histórico na sucessão dos tempos, no lento e penoso desenvolvimento da Civilização Cristã, que ainda não superou a condição de esboço, mas já estendeu sua influência a todo o mundo. Profética no sentido real, objetivo, sem a mística deformadora das igrejas, de cumprimento da Promessa do Consolador, do Paráclito, do Espírito da Verdade que viria restaurar o ensino legítimo do Cristo. Tudo isso tem de ser encarado de

maneira racional, sem nos deixarmos levar por atitudes místicas. Só assim poderemos ver que temos em mãos a chave que buscamos em porta alheia.

Nossa vida não é material, é espiritual e como tal regida pela mente. Alimentamo-nos de matéria para sustento do corpo, mas vivemos de anseios, sonhos, aspirações, idéias e impulsos espirituais que brotam do nosso íntimo ou nos chegam em forma de sugestão e, às vezes, de envolvimento emocional do meio em que vivemos, das mentes encarnadas e desencarnadas que nos cercam e convivem conosco. A técnica espírita é simples e natural. Basta-nos lembrar que somos indivíduos e não massa, que a nossa individualidade é definida e nos caracteriza como personalidades livres e responsáveis. Tomando consciência disso deixamos de nos entregar a influências estranhas, assumimos a jurisdição de nós mesmos, tomamos o volante do corpo em nossas mãos e aprendemos a guiar-nos com a lucidez necessária. Aprendemos a distinguir as nossas idéias das idéias que nos são transmitidas pelos outros. Podemos examinar tudo, como ensinava o Apóstolo Paulo, sabendo que tudo nos é lícito mas nem tudo nos convém. Exercitando esse critério íntimo conseguimos adestrar-nos na direção de nossas intenções, repelindo tudo o que possa prejudicar os outros e aceitando apenas o que nos ajude a ser mais úteis ao mundo.

A prática espírita da vida supera a pouco e pouco a nossa insegurança, os nossos desajustes, reequilibrando-nos em nossa personalidade. A mediunidade é a nossa bússola e devemos aplicá-la sem complicações em nossa conduta. Mantendo a mente livre e confiante – livre do medo, das desconfianças infundadas, da pretensão vaidosa, dos interesses mesquinhos, e confiante nas leis da vida e na integridade do ser – tornando nossa mente aberta e flexível. Nossa potencialidade mediúnica nos proporcionará as intuições claras da realidade antes confusa, a captação fácil das sugestões amigas, a percepção direta e profunda dos rumos a seguir em todas as situações. Mediunidade é isso: o aflorar na consciência das forças e vetores que formam a riqueza insuspeitada do nosso inconsciente. A comunicação mediúnica, no plano interno das relações anímicas, é a inspiração que nos guia no momento certo. A mecânica e a dinâmica desse processo, descritas por Frederic Myers, depende das condições favoráveis que criarmos em nossa mente e em nossa afetividade, sob o controle da razão. Facilitadas conscientemente por nós essas condições necessárias, o ato mediúnico se realizará em nosso mundo íntimo.

Quando concentramos o pensamento de maneira tensa na solução de um problema, a nossa mente se fecha sobre si mesma, como a carapaça de uma tartaruga que se defende de ameaça de fora. Impedimos o fluxo livre do pensamento. Essa concentração nos isola em nossa angústia, em nosso desespero. Tudo então se torna difícil e escuro ao nosso redor, tudo se amesquinha. Mas quando encaramos um problema sem aflição, de mente aberta e confiante, as vozes internas conseguem soar em nossa acústica mental e a vida nos revela as suas múltiplas e ricas perspectivas. A mediunidade não é apenas um meio de comunicação com os espíritos. Ela é comunicação plena, aberta para as relações sociais e para as relações espirituais. No

capítulo destas, figura em destaque, pela importância que assume em nosso comportamento individual e social, a atividade mediúnica interior, em que a essência divina do homem se comunica com a sua essência humana. É esse o mais belo ato mediúnico, o fenômeno mais significativo da mediunidade, aquele que mais distintamente nos revela a nossa imortalidade pessoal.

Jesus perguntou aos fariseus que se conturbavam com a afirmação da sua própria divindade – não como parte de Deus, mas como criatura de Deus: "Não está escrito em vossas escrituras que vós sois deuses?". Estava e está, mas eles não compreendiam isso, pois estavam imantados à sua humanitude terrena, imantados à condição carnal. A prática mediúnica informal, realizada permanentemente em nosso viver e em nosso existir (que é viver conscientemente) nos mostra a face desconhecida do Espiritismo. Viver mediunicamente não é viver envolvido por um espírito estranho, mas viver na plenitude do nosso espírito aberto para as relações mediúnicas internas e as percepções mediúnicas externas. A tranqüilidade, a segurança, o saber, o equilíbrio que buscamos estão em nós mesmos. Podemos e devemos ser os médiuns da nossa natureza divina, soterrada em nós pelo nosso apego aos formalismos, à magia sacramental e à idolatria. Essas coisas não são condenáveis pelo que são, mas pelo que não são. Elas nos iludem com as suas fantasias e nos desviam da confiança em nossa divindade. A lição de Kardec é clara e tirada de seus estudos, de suas pesquisas, de sua observação, de sua inteligência genial: ritos e palavras mágicas, sinais, objetos sagrados, danças e cantos, queima de velas, plantas, pólvora e outros ingredientes nada valem para os espíritos. O que vale é o pensamento, o sentimento, a autoridade moral dos que aplicam a mediunidade a serviço exclusivo do bem. Enquanto não compreendermos essa verdade não compreenderemos também o Espiritismo e não saberemos praticá-lo, como as gerações de dois mil anos, com seus teólogos e ministros de Deus, não compreenderam o Cristianismo.

Nossa divindade interna é potencialidade, não ato. Mas quando nos afastamos das exterioridades e procuramos a verdade em nosso coração e em nossa mente, de maneira sincera, a nossa divindade se atualiza em nós, transforma-se em ato, em realidade e nos coloca acima de todas as fantasias ilusórias dos tempos primitivos. A mediunidade se abre para as intuições da verdade, ou seja, daquilo que realmente existe, iluminando a nossa existência e afastando-nos da vaidade pretensiosa, do orgulho vazio, das encenações ridículas. Os espíritos superiores – diz Kardec – são como os homens superiores: não se interessam por fantasias e não se interessam por nossos louvores interesseiros. Estão prontos a auxiliar os que buscam a verdade, o conhecimento legítimo, o amor puro, mas distanciam-se dos que pensam conquistá-los com homenagens tolas. Se nos deixarmos levar por palavrórios eloqüentes, ao invés de pensar com seriedade nos princípios da doutrina, ficaremos com os palavrórios. Cada qual escolhe o que quer e não tem do que reclamar. A escolha é nossa, mas as conseqüências decorrem das leis naturais que são as próprias leis de Deus na estrutura do Universo ou na estrutura da nossa consciência.

A mediunidade prática é a prática mediúnica individual e permanente, um manter-se alerta ante o momento que passa, carregado de excitações sensoriais e rico de percepções espirituais. Esse estado de alerta não deve ser forçado, mas mantido com espontaneidade. Para estarmos mediunicamente alertas basta não nos entregarmos à hipnose da matéria, não nos apegarmos apenas à realidade exterior, percebendo ao mesmo tempo a nossa realidade interna, o fluir das idéias nossas e alheias pela nossa mente, sabendo distingui-las. Para isso, é claro que os princípios da consciência, vigias constantes do nosso modo de ser e portanto do nosso comportamento, devem ser bem definidos em nossa compreensão doutrinária. Tudo isso não é possível quando já nos entregamos à atuação de espíritos perturbadores ou às nossas próprias inquietações. Nesse caso temos de recorrer aos trabalhos mediúnicos da prática comum, num grupo em que a doutrinação seja praticada à luz do Evangelho. Quando assim nos livrarmos das interferências dos outros e de nós mesmos, voltando à normalidade, então poderemos colocar-nos nessa posição de permanente vigilância que nos ajudará a manter a serenidade espiritual necessária.

É necessário compreender que não se trata, neste caso, de uma prática mediúnica permanente, o que seria absurdo. Kardec tratou suficientemente, em *O Livro dos Médiuns*, da inconveniência de excessos na prática mediúnica. Tratamos aqui de uma aplicação dos princípios espíritas à realidade existencial, a partir do princípio de vigilância. “Vigiai e orai”, ensinou Jesus. Fazemos por um instante abstração das manifestações mediúnicas propriamente ditas – como advertiu Kardec textualmente – para raciocinar por indução sobre as conseqüências a atingir na mediunidade prática. Usamos o sistema de Kardec no exame do problema da alma e sua natureza. Não tratamos dos médiuns específicos do mediunato, mas dos médiuns comuns da mediunidade generalizada. Não se trata de buscar o maravilhoso, mas de conhecer e aproveitar na vida diária a maravilhosa contribuição da faculdade mediúnica, que pode livrar-nos de perturbações e obsessões de toda a espécie. Assim como usamos o bom-senso permanentemente no julgamento das coisas e fatos, a razão no discernimento, a visão na discriminação dos objetos e seres, assim também podemos usar permanentemente a faculdade mediúnica na percepção da realidade dupla em que vivemos: a interna e a externa, a espiritual e a material, conjugando-as numa percepção global, de tipo gestáltico. É isto o que hoje se procura nas seitas e religiões orientais que dispõem de técnicas espirituais para abrir e fechar chacras e coisas semelhantes. Alega-se que não temos nada disso no Espiritismo, que só trata de manifestações de espíritos através de um processo de submissão mediúnica aos comunicantes. Na verdade, o método espírita é o contrário disso: sujeita-se o espírito ao médium, que deve ter o controle da manifestação. E no tocante ao uso da mediunidade generalizada ou estática, existente em todas as criaturas, afirma-se que ela serve apenas para permitir casos de obsessão. Mas se a mediunidade é uma faculdade humana natural, como Kardec a classificou, é evidente que as suas funções se desenvolvem em nós permanentemente, sem o percebermos. Esse problema foi explicado por Kardec, mas não cogitamos suficientemente das suas

conseqüências. Elas se tornam claras quando procuramos examiná-las à luz do princípio de vigilância. Da mesma maneira como estamos de ouvidos atentos ao atravessar as ruas das grandes cidades, pois a visão somente não basta para prevenir-nos dos vários perigos, devemos também estar atentos às excitações e desafios do dia-a-dia, para perceber a realidade total do momento que passa e evitar os seus perigos, dando mais atenção à percepção mediúnica. À prática permanente das demais faculdades, devemos juntar a mediunidade prática em nossa relação permanente com as coisas e os seres.

Não estamos ensinando uma técnica de aperfeiçoamento místico, mas apenas o uso necessário, que muitas pessoas já fazem, naturalmente, da percepção mediúnica consciente. Passamos do descuido para o cuidado, da desatenção para a atenção. Não se trata também de desenvolver poderes psíquicos, mas de usar os poderes que já possuímos desenvolvidos. O que acontece no meio espírita é uma acomodação aos princípios doutrinários mal conhecidos, sem a preocupação do estudo global e sistemático, para mais profunda compreensão da doutrina. Esse comodismo favorece o aparecimento de pretensas inovações doutrinárias, sem a assimilação do espírito da doutrina. Por outro lado, a fuga deprimente dos comodistas para o sincretismo e suas práticas primárias do mediunismo. Para modificar essa situação temos de agitar as águas no bom sentido, chamando a atenção para aspectos da doutrina que passam inteiramente despercebidos. Entre esses está o da mediunidade generalizada que procuramos tratar neste capítulo em primeira abordagem.

Podemos ir ainda mais longe e perguntar: quem se conhece a si mesmo e pode avaliar-se com segurança? Se os nossos estudos e as nossas práticas espíritas ainda não nos deram sequer a compreensão da inferioridade do nosso planeta, da precariedade dos juízos humanos, da nossa incapacidade para dominar os problemas de ordem superior do plano espiritual, é evidente que precisamos de uma revisão imediata e profunda da nossa posição doutrinária.

Nessa mesma linha de pensamento devemos encarar os problemas do conhecimento de nossas encarnações anteriores. Essa questão vem também servindo como possível critério avaliativo de médiuns e pregadores. Estes, por sua vez, encontram apoio para a sua possível autoridade na doutrina em suas possíveis lembranças de vidas anteriores. Mas de que recursos dispomos para penetrar com segurança nesse problema, investigando as nossas vidas passadas e até mesmo as vidas passadas dos outros? O único critério de que dispomos nos foi dado sabiamente por Kardec: examinarmos as nossas condições atuais para sabermos em que condições vivemos no passado remoto. Esse critério se baseia no princípio da evolução e no imperativo do *conhece-te a ti mesmo*. Mas a nossa ignorância em relação à posição do Espiritismo no mundo é tanta que nos esquecemos da inutilidade dos títulos e posições do passado para querer saber *quem fomos* e não *o que fomos*. Queremos ter a certeza, mesmo através de uma auto-sugestão, de que fomos esta ou aquela figura histórica importante – um príncipe, um cardeal ou pelo menos o seu assistente, uma rainha ou um grande guerreiro – porque assim nos sentimos maiores e fazemos que os homens atuais nos considerem

com mais respeito. Isso quer dizer simplesmente que trocamos os valores espirituais por valores materiais peremptos. Não perguntamos pela nossa humildade, moralidade, espiritualidade, bondade e pureza no passado. Perguntamos pela vaidade, arrogância, criminalidade e imoralidade. Sabemos muito bem que os grandes de ontem, na trágica história humana, foram ferozes dominadores e queremos nos apresentar ainda hoje com as insígnias da grandeza brutal de outros tempos. Como dizia Aristides Lobo, o grande jornalista paulistano, materialista e tradutor de obras filosóficas, que acabou aceitando o Espiritismo e proferindo na Biblioteca Municipal uma memorável palestra sobre a sua conversão: "O que estranho no meio espírita é que tenho encontrado muitos patifes reencarnados, mas nenhum camponês ou lixeiro honesto".

Se nos fosse benéfico lembrar as encarnações anteriores, é evidente que as lembraríamos. Essas lembranças estão em nós mesmos, gravadas em nossa consciência profunda. Mas em nosso benefício as lembranças do passado são filtradas ao passar da consciência subliminar à consciência supraliminar. O filtro protetor só permite que passem pela linha divisória de limiar os resultados de nossas experiências anteriores em forma de aspirações, aptidões, tendências, vocações, e sobretudo os propósitos de não regredirmos jamais àquelas condições negativas que devemos esquecer. Este problema das reencarnações anteriores é sempre disfarçado pela declaração de que a lembrança serve para provar o princípio da reencarnação. Na realidade, o que em geral se busca não é isso, mas uma base maior e tanto mais impressionante quanto aureolada pelo maravilhoso, para o nosso prestígio atual no meio espírita. Esquecemo-nos, porém de que a revelação dessas supostas lembranças serve também para nos ridicularizar ante os espíritas de bom-senso e a grande maioria não-espírita. E o que é pior: servem para ridicularizar a teoria da reencarnação e o próprio Espiritismo perante os meios culturais.

Acontece o mesmo na questão dos passes. É natural a nossa tendência para a simulação, o disfarce. Ingeniero dedicou volumoso estudo a essa questão. Nas competições da vida tem muita importância a aparência. Somos sempre tentados pelo prestígio das aparências. O funcionário subalterno de uma repartição pública aturde o público com exigências de toda espécie, inteiramente desnecessárias, para fazer valer a importância do seu cargo, o que vale dizer a sua importância. Formam-se ordens honoríficas numerosas para conceder comendas e latarias variadas aos compradores de importância. Pessoas de poucos recursos gastam o que não podem para falar grosso no meio social. É conhecida a preferência dos homens de pequena estatura pelos automóveis rabo-de-peixe. As Universidades se enchem de alunos que lutam para a conquista de um título que lhes dê prestígio, pouco interessados no conhecimento a adquirir, no seu desenvolvimento cultural. Os fardões acadêmicos transformam muitos escritores de valor em múmias comedoras de bolacha. É tão natural essa tendência que geralmente não se percebe o ridículo de todas essas coisas. É também natural que essa tendência exista no meio espírita, apesar de todas as advertências doutrinárias sobre a efemeridade das glórias mundanas. O exemplo de Jesus,

o rabi popular que não procurou as investiduras do Templo, foi soterrado pelas honrarias de após morte que lhe conferiram, transformando-o até mesmo num terço de Deus. Ora, uma terceira parte de Deus projetada na Terra podia dar-se ao luxo de não ligar para as coisas do mundo. Mas nós os homens, não podemos fazer isso. Toda a suntuosidade do Templo e das suas prerrogativas, que Jesus rejeitou, foi transformada na suntuosidade das igrejas cristãs e nas ordenações sacerdotais, com sua hierarquia e seu ritualismo complicado.

No Espiritismo os homens não iriam perder de um momento para outro essa tendência da espécie. Como a doutrina não permite as regalias do sistema igrejeiro, era necessário arranjar alguns substitutivos. Um deles, é o das graduações mediúnicas e das reencarnações suntuosas. Surgiram e surgem constantemente as complicações da prática. O passe tornou-se popular por sua eficácia. Mas é tão simples um passe que não se pode fazer mais do que dá-lo. Criaram-se então as complicações. São necessários cursos especiais, com lições de anatomia e fisiologia, para que uma criatura de boa-vontade estenda as mãos sobre uma cabeça sofredora. Mas como impor as mãos é coisa muito simples, criaram-se também as técnicas do passe, com palavrórios fantasiosos e gesticulação de ginástica sueca, que os humildes passistas têm de aprender com especialistas em educação física. Veja-se a mistura que se conseguiu fazer, numa espécie de liga metálica em que entram diversos reforços. O resultado foi a transformação do passe numa exibição de habilidades em ritmo de balé. Ninguém se lembra de que o passe não é uma técnica, mas uma doação fluídica de amor. O passe espírita é apenas a imposição das mãos ensinada e praticada por Jesus. Não é passe magnético, é passe mediúnico. A palavra mediúnico já diz que não é o passista quem dá o passe, são os espíritos através dos médiuns. Um passista é um médium e pede a assistência do seu guia ao dar o passe. Mas quando o guia encontra o passe estilizado, padronizado, transformado num ritual de candomblé, desiste e espera que o sofredor procure um local de simplicidade cristã, em que ele possa agir com eficácia.

Os círculos mediúnicos com o paciente no meio pressupõem uma concentração de forças. Os médiuns já não são mais médiuns, são pilhas elétricas fornecedoras de energias. Não são os espíritos que sabem o que o doente precisa. São os bisonhos aprendizes de anatomia e fisiologia, de magnetismo e ginástica com subsídios de bailados rituais dos templos egípcios. As pessoas que desejam realmente iniciar-se no Espiritismo devem compreender, antes de tudo, que Espiritismo é simplicidade e bom-senso. Fora disso o que temos são encenações que desvirtuam a doutrina. São essas invigilâncias que ameaçam a prática espírita. Ninguém deseja que os espíritas sejam ignorantes, mas é evidente que devem ser simples e humildes, compreendendo que nem Salomão se vestia com a beleza das flores simples do campo. Temos de superar o fermento dos fariseus, se quisermos realmente fazer-nos dignos do Espiritismo.

Capítulo 15
Mediunidade e Religião

A posição do Espiritismo no quadro geral do Conhecimento parece contraditória para muitas pessoas habituadas à sistemática cultural do nosso tempo. Algumas consideram utópica ou absurda a ligação das áreas clássicas da Ciência, da Filosofia e da Religião num sistema doutrinário geral. Mas a Teoria do Conhecimento (Gnoseologia ou Epistemologia) tem como objeto precisamente essa ligação, necessária à elaboração de um sistema geral do saber. O próprio aparecimento da Filosofia das Ciências e da Psicologia da Religião evidenciam essa exigência da evolução cultural. E há exemplos históricos recentes que não podem ser negligenciados pelos estudiosos. O Positivismo de Augusto Comte, fundado nos dados da Ciência, pretendia arquivar a Metafísica e toda a religiosidade, mas, acabou levado pelas exigências sociais (a necessidade de manter uma ordem social de fundamentos morais) ao desenvolvimento de uma Religião da Humanidade, em que o anseio do positivo-concreto se pulverizou na concepção abstrata e metafísica da Deusa Humanidade. O culto positivista revestiu-se de todos os aspectos das chamadas religiões positivas, com templos e rituais, inclusive a celebração da missa positivista. O Marxismo, na mesma linha do exclusivismo científico, fundado numa análise exaustiva da estrutura capitalista, apoiou-se no Materialismo Dialético, pretendendo extirpar do mundo as concepções metafísicas e religiosas, mas viu-se obrigado a criar a mística do proletariado e a converter-se numa religião social em que o Homem se colocou no lugar de Deus e o Estado se transformou numa igreja universal, estruturada no sistema de um clero leigo, tendo como substância vital a fé terrena nos poderes humanos, desenvolvendo o culto do trabalho numa sistemática ideológica em que não faltam as bênçãos e maldições.

No Sartrismo (um Existencialismo à moda de Sartre) o horror à Metafísica e à religiosidade não impediu o recurso metafísico da dialética hegeliana para explicar a projeção do ser na existência, com o reconhecimento inevitável da finalidade transcendente do ser. Para escapar às exigências lógicas dessa capitulação filosófica, Sartre capitulou de novo ante a abstração total do nada. Se a morte é a nadificação do ser, como ele propõe, é claro que na morte o homem atinge o extremo de toda concepção metafísica. O nada, como vazio absoluto e por isso mesmo inconcebível, seria a felicidade suprema, segundo Sócrates, com a volta do ser à paz sem limites. Segundo Kant, que colocou a Metafísica além de toda possibilidade humana, sem negá-la, o nada só existiria no seu próprio conceito, uma idéia vazia. Pois dessa abstração total Sartre fez a sua religião do absurdo, em oposição ao absurdo das religiões. Entretanto a fé de Sartre no seu ídolo vazio assemelha-se à fé dos gregos em seus deuses imaginários.

Por falar em fé, cabe lembrar que as investigações de filósofos atuais, como Whitehead, Cassirer e Heidegger revelaram o fundamento fideísta de toda a investigação científica. Partindo das pesquisas fenomênicas, em áreas típicas da Natureza, os cientistas usam o método indutivo para chegar a conclusões unitárias e positivas. Mas a

impossibilidade material de submeter todo o Universo a esse processo os leva à dedução racional da existência de uma ordem universal, sem a qual a verdade científica ficaria limitada ao alcance da investigação possível. Assim, para poder conceber uma imagem do Universo, os cientistas têm de apoiar-se na fé da ordem universal. Esta é apenas um pressuposto científico, mas erige-se em princípio de fé, nas contingências e condições exatas em que os religiosos são obrigados a fundar a fé em Deus. Kardec lembra a existência da fé humana, a fé do homem em si mesmo, na sua capacidade para conhecer e dominar a Natureza. A base real de todo o conhecimento, desde o pressuposto da magia primitiva nas selvas, até os pressupostos científicos e religiosos da atualidade, é uma só, o princípio metafísico da fé.

Parece claro e inegável que a Doutrina Espírita não apresenta nenhuma contradição lógica ou epistemológica nesse sentido, mostrando-se plenamente integrada nas exigências e nas leis da Teoria do Conhecimento. As diversas áreas do saber não se contradizem, apenas se complementam. E a Ciência Espírita, como todas as demais, iniciou-se com as pesquisas fenomênicas. Não partiu das deduções de princípios abstratos, de nenhuma metafísica suspeita, mas da rigorosa pesquisa de fenômenos, dos quais, através do método indutivo, elevou-se ao plano da teoria, formulação de um sistema do mundo que abrangia nada menos do que toda a face oculta da própria realidade terrena. As hipóteses iniciais de Kardec não eram espíritas, eram materialistas. Mas a pesquisa derribou essas hipóteses, deslocando o pesquisador do campo científico dominante no seu tempo para um novo campo, hoje confirmado pelas Ciências em quase todos os seus ramos. A Física, que se tornara a ditadora das Ciências, como observa Rhine, teve de abdicar do seu absolutismo materialista para reconhecer e confirmar – sem o querer e sem o saber – as conquistas espíritas de há mais de um século. Não se conhece, na História das Ciências, nenhuma vitória tão completa e esmagadora como essa.

Mas há criaturas que apontam no Espiritismo a contradição entre a doutrina e a prática. Estranham que numa instituição espírita em que se fala de Ciência se entreguem a orações, à evocação dos poderes espirituais. Mais estranho do que isso foi a leitura da Bíblia pelos astronautas norte-americanos em suas viagens siderais. Mas quando se sabe que a religião, no Espiritismo, não é o produto de uma revelação divina ou de uma proclamação profética, compreende-se que não há contradição na mistura de Ciência e Religião nos Centros Espíritas. Sem nenhum compromisso com o Pragmatismo de William James, os espíritas fazem preces e evocam o auxílio dos espíritos superiores, não por motivos utilitários ou por simples crença ou crendice, mas porque sabem positivamente que os espíritos nada mais são do que seres humanos desencarnados que podem ajudá-los. Os críticos dessa atitude racional dos espíritas fazem como os médicos e os saberetas enfatuados do século passado, que riam da vacina de Pasteur, certos de que ele recorria a seres inexistentes e inventados pela sua imaginação. A comparação é tanto mais certa quanto Pasteur e Kardec descobriram mundos invisíveis que nos cercam e podem agir sobre nós, causando-nos doenças ou restabelecendo-nos a

saúde. Os espíritas não dispõem de microscópios para provar a existência e a ação dos espíritos, mas estes se incumbem de revelar-se a crédulos e incrédulos através de fenômenos que foram investigados pelos maiores cientistas do século passado e do nosso, que, como Crookes e Richet no passado, Rhine, Soai, Price e tantos outros, no presente, impuseram à Ciência a verdade espírita.

As sessões espíritas diferenciam-se das cerimônias religiosas das igrejas, em primeiro lugar, por se basearem na fé racional; em segundo, por se utilizarem de leis naturais e não de fórmulas sacramentais; em terceiro, por se apoiarem numa Ciência hoje confirmada pelas investigações científicas nos maiores centros universitários do mundo. As aparências iludem, mas os homens de cultura científica não costumam ficar nas aparências. A prece espírita não se funda na suposição de sua eficácia milagrosa (o que vale dizer mágica) ou psicológica, sugestiva, mas na certeza da ação conhecida de leis naturais que estruturam a realidade visível e invisível em que vivemos. O físico e o químico não usam rituais para obterem os fenômenos que desejam. Usam os instrumentos e os ingredientes necessários. Os espíritas também não possuem rituais, não crêem num suposto poder das fórmulas mágicas, mas usam os instrumentos e as energias necessárias à produção dos resultados que buscam.

Numa sessão espírita os instrumentos são os médiuns (aparelhos sensibilíssimos da supertecnologia da Natureza) e os ingredientes são as vibrações mentais e emocionais dos médiuns e dos participantes da reunião. E assim como o físico e o químico obtêm os resultados desejados, desde que as condições exigidas tenham sido cumpridas, assim também os espíritas, dentro das condições necessárias, obtêm os efeitos e os fenômenos que desejam. A Física revelou a existência e o poder dos campos de força, dos fluxos de energia, das correntes elétricas e magnéticas e mostrou como podemos produzi-los, controlá-los e aplicá-los. A Ciência Espírita fez o mesmo com as energias mentais, afetivas, volitivas da mente e de todo o psiquismo humano. Um espírita estudioso, conhecedor de sua doutrina e experiente nas práticas mediúnicas, sabe como lidar com essas forças e como utilizá-las. A fé que o anima não é cega e formal, dogmática e emocional. É a fé do cientista em sua ciência: racional, experimental, comprovada em milhões de aplicações eficazes em todo o mundo. Mesmo as criaturas incultas e inscientes, mas experientes, guiadas pelo bom-senso, agem com o devido critério e obtêm resultados muitas vezes assombrosos.

Os benefícios da Ciência, uma vez divulgados os meios de obtê-los, são acessíveis a todos. Havendo seriedade e desejo real de servir, consciência de suas limitações (o que vale dizer humildade) qualquer pessoa inteligente e honesta pode utilizar-se dos recursos científicos mais conhecidos (excluídos os casos de especialidades superiores) obtendo resultados satisfatórios. A ligação da Ciência com a Religião permite essa franquia maior a todas as criaturas de boa-vontade, que só querem servir e não explorar o próximo. Porque a fé científica reflete-se na fé religiosa, mais acessível à maioria, suprindo a falta de conhecimentos específicos com o auxílio de práticas tradicionais do campo religioso.

Uma sessão espírita começa geralmente pela prece do Pai Nosso, dita por uma pessoa, com acompanhamento apenas mental da assistência. Onde se usa o acompanhamento oral, em tom de ladainha, está evidente a influência de religiões de origem do dirigente, ou dirigentes. Um observador estranho, que a assiste pela primeira vez, acha que o Espiritismo não passa de uma seita cristã e ingênua. Mas um espírita conhecedor da doutrina poderá explicar-lhe a razão do fato. A prece do Pai Nosso não tem nenhuma influência mágica especial. Tem apenas, a seu favor, o fato de figurar nos Evangelhos como prece ensinada pelo Cristo, o que a transformou numa prece tradicional e obrigatória em todo o Cristianismo. Ela não é imantada por nenhum poder misterioso, mas tem a carga emotiva de uma tradição de dois mil anos. À semelhança do soneto, que na poesia resiste a todas as inovações, o Pai Nosso tornou-se uma forma psico-emotiva, uma estrutura oral introjetada no inconsciente cristão coletivo. A introjeção técnica da Psicanálise, corresponde a uma absorção emotiva realizada pelo inconsciente. A forma ou emoção assim absorvida permanece no inconsciente como uma espécie de arquétipo correspondente a exigências psicológicas ou espirituais da espécie humana. Nas sessões espíritas há duas realidades que devem ser levadas em conta: a presença humana material e a presença humana espiritual. Espíritos encarnados e desencarnados mostram-se sensíveis à prece do Pai Nosso, que lhes dá maior confiança e segurança no decorrer dos trabalhos mediúnicos. A prece não é dita apenas por formalismo ou superstição. Há um motivo psicológico e espiritual para essa prática marcar o início e o fim das sessões Muitas entidades espirituais perturbadas se acalmam ao ouvi-la e o clima da sessão se torna mais favorável aos resultados esperados.

O dirigente, declarando iniciados os trabalhos mediúnicos, pede a todos os presentes que elevem o seu pensamento a Jesus. Outro motivo de escândalo para o observador leigo. Mas a figura de Jesus é também um arquétipo, uma forma introjetada. A concentração mental que favorece o clima de recolhimento (um dos ingredientes da sessão) exige que todos dirijam o seu pensamento para um alvo superior. Pensar em Deus é mais difícil, pois a maioria pensaria apenas numa palavra. A concentração não é individual, mas coletiva. Todos os presentes pensando em Jesus, o pensamento de todos se concentra numa idéia definida e respeitada por todos. Não se trata também de uma fixação mental da figura de Jesus. Os dirigentes avisados explicam que ninguém deve fixar uma imagem, pois isso exigiria esforço mental cansativo, tensão mental contrária ao fim desejado, que é a criação e manutenção de um ambiente fluídico, ou seja, de vibrações serenas e estimuladoras. Trata-se de uma técnica psicológica de resultados espirituais. Na doutrinação (esclarecimento dos espíritos perturbados, que perturbam pessoas presentes ou ausentes) o nome de Jesus e os seus ensinos serão constantemente lembrados, não por formalismo, mas porque essas lembranças tocam a sensibilidade dos espíritos. A doutrinação não é uma imposição, não tem a violência das práticas assustadoras do exorcismo. Trata-se de uma técnica persuasiva, tipicamente psicológica, visando desviar a mente dos espíritos doutrinados das idéias fixas a que se

apegam obstinadamente. Desviada a orientação mental das imantações ao ódio, à vingança, à perversidade, ou mesmo à intenções sectárias e fanáticas, ou ainda às lembranças da vida que se findou, à lembrança do corpo já transformado em cadáver, a mente do espírito se torna acessível às renovações necessárias que o levarão à normalidade.

Esses problemas não são compreendidos até mesmo, às vezes, por antigos adeptos e praticantes da doutrina. Kardec os explicou reiteradamente, mas muitos espíritas preferem a leitura de livros fantasiosos aos de doutrina e particularmente de *O Livro dos Médiuns*, indispensável a todos os que exercem funções doutrinárias ou mediúnicas. Além disso, o estudo doutrinário exige ponderação, reflexão, desejo verdadeiro de penetrar na problemática espírita para compreender, não apenas este ou aquele ponto, mas a profundidade da doutrina, suas implicações com a cultura do nosso tempo e as perspectivas imensas que abre para o futuro humano. Sem esse interesse encarado com dedicação e humildade, os estudantes passam pela doutrina como gatos sobre brasas, saindo apenas chamuscados e, o que é pior, convencidos de que dominaram o assunto.

Num estudo sobre religiões mediúnicas no Brasil, baseado em pesquisas, o Prof. Cândido Procópio de Camargo atrelou as formas do Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro ao Espiritismo, propondo a teoria do continuum mediúnico. Esse continuum realmente existe, mas não caracteriza apenas as áreas indicadas. As manifestações mediúnicas são universais e de todos os tempos. Sendo a mediunidade uma faculdade humana decorrente da constituição do homem como espírito e corpo, deu origem às religiões naturais ou primitivas em toda a Terra. Kardec assinala esse fato em suas obras, dando-lhe mais ênfase em *O Livro dos Médiuns*, As pesquisas de antropólogos ingleses na Austrália e de franceses na África, seguidas dos magistrais estudos de Ernesto Bozzano na Itália provaram a origem única de todas as religiões. Todas elas nascem e se alimentam dos fatos mediúnicos. Mesmo depois de superadas pela civilização as fases primitivas, as religiões continuam ligadas às suas raízes mediúnicas e continuam a se alimentar de ocorrências mediúnicas. Nem podia ser de outro modo, pois só na mediunidade elas encontram a possibilidade de sustentarem objetivamente os seus princípios. A Igreja Católica suspendeu o culto pneumático das igrejas apostólicas, que consistiam nas manifestações dos espíritos (do grego: pneuma) e eliminou o dogma da reencarnação. Mas não conseguiu retirar dos textos sagrados do Judaísmo e dos Evangelhos esse princípio. Interpretações teológicas fizeram o mesmo nas Igrejas da Reforma. Não obstante, a própria eleição dos Papas Católicos guarda ainda hoje sua ligação com a mediunidade. Formalmente, a escolha do novo Papa depende de inspiração do Espírito Santo. Nas igrejas protestantes e nas seitas do tempo apostólico ainda sobreviventes, a manifestação do espírito faz parte integrante e essencial do culto. As aparições de santos e anjos são consideradas como válidas em todo o mundo cristão, judeu e islâmico. O *Corão*[3] é um livro psicografado. O exorcismo judeu é feito para afastar o *dibuki*, alma penada que perturba as criaturas humanas. Todas as religiões antigas, como assinala Kardec, inclusive as mitológicas, com seus oráculos e pitonisas, eram mediúnicas. As seitas japonesas infiltradas no Brasil

são tipicamente mediúnicas. As práticas indianas da Ioga entremeiam-se de surpreendentes manifestações de espíritos. Os sacramentos das religiões mais refinadas estão carregados de magia, de heranças mágicas do mediunismo primitivo. Não se pode fazer uma discriminação de religiões mediúnicas típicas, que não encontre apoio na realidade histórica e antropológica. Proposições discriminatórias só servem para confundir o problema, em que pesem as boas intenções do autor ou autores. Os fenômenos mediúnicos estão por toda parte, embora a mediunidade só tenha alcançado cidadania no mundo civilizado através do Espiritismo e das Ciências Psíquicas por ele provocadas. À psicografia espírita, muito divulgada em todo o mundo, opõe-se a psicografia católica, com alguns volumes já traduzidos entre nós. E, como disse Chico Xavier num programa de televisão de grande audiência, o próprio Moisés psicografou no Sinai as Tábuas da Lei.

Capítulo 16
Problemas da Desobsessão

Se a obsessão, como diz Kardec, figura em primeiro plano entre os escolhos da prática mediúnica, não é menos verdade que constitui o mais complexo problema do campo doutrinário. A classificação sumária de Kardec em três tipos seqüentes de obsessão: a obsessão simples, a fascinação e a subjugação abrange todo o quadro dos processos obsessivos. Mas há questões que precisamos encarar em nosso tempo com o máximo de atenção, pois no aceleramento atual da fase de transição que atravessamos, a obsessão abrange todos os setores das atividades humanas, apresentando facetas novas que levam alguns espíritas afoitos a formularem teorias estranhas a respeito. Já vimos que a obsessão decorre de fatores vários e apresenta modalidades bem diferenciadas. A obsessão tornou-se o mal do século e a desobsessão precisa ser tratada com extrema dedicação pelas instituições doutrinárias, dentro das normas científicas da doutrina, sem desvios para interpretações pessoais desprovidas de uma sólida base experimental. As técnicas psicológicas e psiquiátricas de restabelecimento do equilíbrio dos pacientes não dão resultados satisfatórios, quando se trata realmente de obsessão. As sessões mediúnicas de doutrinação comum são de grande importância para a prevenção de obsessões e para o restabelecimento final dos casos agudos. Os que hoje as menosprezam por considerá-las ridículas e portanto nefastas ao bom conceito da doutrina, simplesmente não sabem o que fazem. Há uma conjugação natural entre as sessões de doutrinação e as sessões de desobsessão, pois cabe às primeiras prevenir e até mesmo impedir os casos obsessivos. É bom lembrar aos críticos dessas sessões tradicionais a prática da terapia de grupo, com o desenvolvimento de psicodramas derivados das sessões espíritas. As técnicas psicanalíticas devem muito ao Espiritismo, pois Freud tinha apenas um ano de idade quando Kardec acentuou a importância do inconsciente nas chamadas psicoses e neuroses, praticando a catarse em maior profundidade do que a da catarse psicanalítica freudiana. Os que temem a ocorrência de comunicações anímicas nessas sessões desconhecem o problema do animismo e suas relações com a obsessão.

As obsessões não surgem apenas na fase de eclosão e desenvolvimento da mediunidade. As mais graves obsessões estão genesicamente ligadas aos problemas anímicos das vítimas. O espírito reencarna, como ensina Kardec, já trazendo consigo problemas graves de encarnações anteriores. O obsessor e o obsedado são então os adversários que se lançam no mesmo caminho para acertarem o passo em nova marcha, como advertiu Jesus. E muitas vezes, como vemos nos Evangelhos, o obsessor se chama Legião, ou seja, não é apenas um, mas sete ou mais, segundo o caso de Madalena. Como dizer-se, então, segundo modernas e inconseqüentes teorias, que a doutrinação de espíritos sofredores e vingativos cabe ao mundo espiritual e não ao nosso plano? É neste plano mesmo que os casos de obsessão precisam ser tratados com a devida insistência. Não fosse assim e não haveria lógica no processo reencarnatório. Uma nova teoria esdrúxula e sem nenhuma prova do

passado ou atual, que pretende reduzir o obsessor a apenas um, e que este exerce uma função de amparo ao obsedado, para que outros obsessores piores não o dominem, é gratuita e contrária aos princípios doutrinários e evangélicos.

A obsessão inata corresponde aos casos psiquiátricos de desequilíbrio chamados constitucionais. Psiquiatricamente esses casos só podem ser atenuados, jamais curados. Mas, para a Ciência Espírita, esses casos não são constitucionais e podem ser curados com o afastamento do obsessor. O fato de permanecerem juntos nesta encarnação, mostra uma ligação anterior e negativa entre eles, que deve ser resolvida no presente. Por exemplo, os casos de homossexualismo adquirido, não congênito ou constitucional, da classificação psiquiátrica, decorrem de fatores educacionais mal dirigidos ou de influências diversas posteriores ao nascimento, que dão motivo à sintonia do paciente com espíritos obsessores vampirescos. O problema sexual é extremamente melindroso, pois tanto o homem como a mulher dispõem de tendências de ambos os sexos, podendo cair em desvios provocados por excitações de após nascimento. No alcoolismo temos situação idêntica: tendências inatas e tendências adquiridas, que atraem obsessores. Em todos os campos de atividades viciosas os obsessores podem ser atraídos pelos obsedados que se deixaram levar por excitações do meio em que se educaram ou em que vivem. As más companhias que influem no ânimo de crianças, adolescentes e jovens, e até mesmo em adultos, podem levar qualquer pessoa a situações penosas, e não são apenas companhias encarnadas, mas também espíritos viciosos. O simples fato de morrer não modifica ninguém. O sensual continua sensual depois da morte, o alcoólatra não perde o seu vício, o bandido continua bandido. A morte é apenas a libertação do corpo material, um "descondicionamento", com diz Chico Xavier. Liberto do escafandro de carne e osso, a criatura humana sente-se em seu corpo espiritual, que é o perispírito, modelo energético do corpo que deixou na Terra e responsável por todas as funções vitais daquele corpo. Dessa maneira, sentindo-se vivo e consciente de si mesmo, o espírito continua apegado ao plano terreno, embora já esteja na zona espiritual da crosta terrena. Descobre que não pode mais obter as coisas materiais, mas descobre naturalmente que pode sentir as sensações do mundo através dos que continuam encarnados. Por isso é atraído por alguém que possa dar-lhe as sensações desejadas, aproxima-se dele ou dela e estabelece-se entre ambos a indução mediúnica do vampirismo. A obsessão vampiresca é a mais difícil de se combater. Obsessor e obsedado formam uma unidade sensorial dinâmica, apegada às sensações grosseiras do corpo material. O cadáver do obsessor se desfaz na terra, mas o corpo do obsedado socorre as exigências sensuais do desencarnado. É isso o que o povo chama de encosto, um espírito inferior que se encosta numa pessoa. Forma-se o automatismo da indução: o espírito deseja as sensações e esse desejo se transmite ao ser encarnado que procura satisfazê-lo. Estabelecido esse ritmo de trocas, um pertence ao outro e dele depende. A desobsessão é dificílima nesses casos, pois ambos são criaturas humanas dotadas de livre-arbítrio. Se os dois recusaram a doutrinação, esta muitas vezes parece inútil, ineficaz. Se um deles aceitar a doutrina-

ção, o afastamento do obsessor torna-se possível. Se ambos a aceitarem, a desobsessão se realiza com facilidade, às vezes, surpreendente. Então os espíritos bons se incumbem de encaminhar o obsessor e os homens devem cuidar do obsedado. É necessário o maior cuidado com este, para que ele, nos seus anseios viciosos, não atraia outros obsessores. Por isso Jesus disse que, limpa e arrumada a casa, o espírito inferior convida sete companheiros e todos irão habitá-la, de maneira que o estado do obsedado se torna ainda pior do que antes. Foi, certamente, apoiada nesse ensino mal interpretado que surgiu a teoria absurda do obsessor-protetor. Mas o que Jesus disse era uma advertência aos responsáveis pelo obsedado, que dele deviam cuidar para que não caísse de novo no erro e no vício.

Muita gente pergunta como podem os espíritas, em minoria na Terra, atender através de suas sessões o número imenso de obsessões que nela existe. Nenhum espírita esclarecido se julga incumbido de socorrer a todos os obsedados. O trabalho maior é realizado pelos espíritos incumbidos dessa tarefa no mundo espiritual. As sessões se destinam ao atendimento de casos relacionados com pessoas que recorrem aos grupos e centros espíritas. Mais particularmente, destina-se aos casos de mediunato, em que os médiuns são espíritos que se compromissaram, em vidas anteriores, com criaturas que submeteram ao seu capricho, tendo agora o dever de socorrê-las através de sua mediunidade. A lei do amor rege as relações humanas nos dois lados da vida. A consciência do carrasco exige a sua abnegação em favor das vítimas que atirou nos descaminhos do mundo Não se resgatam os crimes somente através de outros crimes, mas também e principalmente através do socorro do criminoso à sua vítima do passado. É assim que os dois acertam os seus passos na vida material através da mediunidade, uma função redentora nas sessões de doutrinação e desobsessão.

Há uma tendência ao formalismo igrejeiro no Espiritismo, cultivada por adeptos que prezam mais as aparências do que a verdade. O desejo de fazer da doutrina uma elaboração refinada, com requintes e etiquetas sociais na sua prática, leva muita gente a aceitar inovações que, no entanto, só fazem rebaixá-la. Esquecem-se da afirmação categórica de Kardec: *O Espiritismo é uma questão de fundo e não de forma*. Tentam organizá-la em sistemas hierárquicos, dotá-la das chamadas autoridades doutrinárias, impondo ao meio espírita uma disciplina cheia de exigências protocolares que lhe tirariam o aspecto de simplicidade e naturalidade que a caracteriza. As sessões de doutrinação e desobsessão incomodam essas criaturas, que só querem receber comunicações tranqüilas de Espíritos Superiores, que lhes proporcionem os deleites de oratória sofisticada. Por isso, aceitam e aplaudem medidas antiespíritas de supressão das referidas sessões, em que, em geral, a maioria dos comunicantes são espíritos sofredores ou revoltados. Se conseguissem o seu intento, transformariam as sessões em tertúlias literárias do século XVIII, com elogios mútuos e retórica envelhecida, destinados a atrair criaturas de elite. A denominação de oradores, para os que falam sobre a doutrina, foi racionalmente mudado para expositores. Esse atrevimento das pessoas práticas foi logo revidado com a adoção de um título mais pomposo: o de tribunos espíritas.

Em certos Centros, chegou-se a mandar cortar os encostos dos bancos, tornando-os incômodos, para que os médiuns se mantenham eretos como soldados em posição de sentido. Nas instituições maiores complicaram tudo, dificultando o acesso do povo aos dirigentes e estabelecendo cartões de controle para os passes. Nas próprias casas de assistência à pobreza foram estabelecidos regimes disciplinares que mataram a espontaneidade amorosa de boa e antiga caridade. Já se tentou até mesmo substituir as expressões caridade e assistência por serviço social. Tudo isso e suas conseqüências criam o clima propício às desfigurações do meio doutrinário e às tentativas de adulteração das próprias obras básicas, consideradas como superadas.

É a rede das obsessões coletivas lançada ao mar por pescadores astutos, através da tendência ao refinamento formal das pessoas apegadas às aparências de falso brilho. O requinte do ambiente excita a vaidade dos dirigentes e até mesmo dos servidores das instituições, que acabam se fantasiando de mordomos de castelos imperiais. Esse é um tipo de obsessão sutil que se infiltra lentamente nos ambientes ansiosos por brilharecos sem sentido, levando os novos fariseus e seus admiradores ingênuos a perder as medidas do bom-senso. Criam-se, dessa maneira, focos obsessivos em que as mistificações desbordantes em palavrórios enganadores são finalmente sobrepostos às obras fundamentais. Criado o foco obsessivo, os mentores da Treva sentam-se nas suas poltronas suntuosas e passam a ditar as modificações necessárias. A expressão mentor, arrogante e agressiva, substitui a expressão amorosa de protetor e lá se vai por água abaixo a pureza da doutrina, na lama vaidosa das inovações doutrinárias, das pretensões direcionais, das condenações disto e daquilo, nos delírios do messianismo espúrio. Essa obsessão coletiva não tem solução. Foi ela que transformou a Casa do Caminho, de Jerusalém, no Estado Teocrático do Vaticano.

Iludem-se os que pensam que o Espiritismo se engrandece com as pompas terrenas. Jesus não foi sacerdote do Templo e Kardec nunca trocou a sua morada humilde da Rua dos Mártires, em Paris, pelo Palácio de Versalhes. Nem um nem outro veio falar aos poderosos do mundo, mas aos sofredores necessitados de consolação. Quem não entende isso nunca assimilará a mensagem do Espiritismo, a não ser depois de encarnações expiatórias e redentoras. A obsessão vigia os indivíduos e os grupos espíritas em cada encruzilhada de gerações. Vale mais um pequeno Centro que cuida dos obsedados do que uma suntuosa instituição em que os *tribunos* retumbantes enchem os salões suntuosos com seu palavrório vazio. Cala mais no coração humano um gesto de humildade pura do que a retórica antiquada dos tribunos missionários. As grandezas terrenas só agradam aos obsessores, enquanto os obsedados pedem a misericórdia de uma palavra de amor.

FIM

Notas:

---

[1] Exteriorização da Sensibilidade (Estudo Experimental e Histórico), de Albert De Rochas, trad. de Julio Abreu Filho. Vol. 3 da Coleção Científica Edicel, Edicel, São Paulo.

[2] Esse importante relato das duas pesquisadoras norte-americanas foi lançado no Brasil pela Editora Cultrix. com o título *Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro*. (N.E.)

[3] Alcorão. (N.E.)